Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 22 DE ABRIL DE 1973 — N.º 18078 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

ABERTURA DE WASHINGTON PARA A AMÉRICA LATINA

PARIS, 22 — Falando recentemente numa reunião da Organização dos Estados Americanos, em Washington, o representante dos Estados Unidos surpreendeu os seus interlocutores ao anunciar que o seu Governo aceitava «sem restrições» um reexame geral das estruturas desta Organização. É evidente que Washington pretende com isto melhorar as suas relações com os países latino-americanos, que já por três vezes nos últimos tempos criticaram vivamente a política americana.

Durante a reunião extraordinária do Conselho de Segurança no Panamá, o delegado americano foi forçado a recorrer ao veto para evitar que fosse reconsiderado o estatuto da zona do canal. Nessa sessão, e ainda na Conferência Económica dos Países da América Latina (CEPAL) reunida pouco depois em Quito, os países sul-americanos mostraram-se mais do que nunca decididos a mostrar ao mundo que não há «neste momento preciso da história», segundo a expressão do ministro dos Estrangeiros cubano, «a mínima comunidade de interesses» entre eles e os Estados Unidos.

À voz de Cuba e do Panamá na reunião do Conselho de Segurança sucederam-se as do Chile e do Peru na CEPAL e na O.E.A., que pediram o abandono por parte das sociedades multinacionais de uma política «coercitiva» face aos Estados latino-americanos, uma maior representatividade da CEPAL — com exclusão, se necessário, dos membros europeus e até dos Estados Unidos — e uma reforma radical da O.E.A.. Espera-se ainda que novas iniciativas do futuro Governo argentino venham reforçar esta tomada de posição.

Perante esta contestação generalizada, Washington tentou primeiro contemporizar. Ao veto na questão do canal do Panamá seguiu-se um gesto de conciliação: em Quito, embora directamente visados por um projecto de moratória sobre o pagamento das dívidas externas, os Estados Unidos não quiseram votar contra e abstiveram-se. Logo nos primeiros dias da sessão da O.E.A. William Rogers multiplicou as declarações conciliadoras, enquanto o presidente Nixon dirigia aos participantes uma mensagem na qual prometia para o futuro «uma cooperação menos paternalista». Hoje, pondo o seu peso na balança a favor de uma reforma da O.E.A. os Estados Unidos atribuem-se o bom papel, ganhando talvez com isso a possibilidade de um dia, se tal vier a ser necessário, abafar o projecto que hoje defendem ostensivamente. É na verdade surpreendente ver o representante americano exprimir a «gratidão» do seu Governo a países como o Peru e o Chile, cujas propostas de reformas têm sido sistematicamente repelidas nos últimos anos.

A comissão encarregada de estudar este projecto de reforma deparará com enormes dificuldades, tanto na nomeação dos seus membros como na definição dos seus objectivos. Uma reforma da O.E.A. tornará forçosamente a levantar o problema de saber se a organização deve ser exclusivamente latino-americana — caso em que a CEPAL deveria ser remodelada, de modo a vir a constituir o elo indispensável de ligação com os Estados Unidos — e se Cuba poderá nela tomar parte.

Esta súbita atitude conciliatória por parte dos Estados Unidos inscreve-se bem na política geral de normalização das relações internacionais empreendida pelo presidente Nixon. Poder-se-á imaginar que os Estados Unidos, na América Latina como no resto do mundo, estão cansados de desempenhar o papel de «duros».

Mas já seria demasiado arrojado pensar numa retirada de Washington face aos países progressistas da América Latina. A dissuasão e as pressões económicas continuam a estar no primeiro plano, como o demonstram as dificuldades enfrentadas pelo Chile na obtenção de créditos internacionais.

Americanos residentes em Beirute, transportando cartazes de apoio à causa palestiniana, «Americanos marcham pelo direito do povo palestiniano regressar à sua terra», podia ler-se nalguns cartazes

CONFLITO ISRAELO-ÁRABE

A PARALISIA DO LÍBANO

PARIS — A demissão do Governo de Saeb Salam, que teve lugar na noite de 10 de Abril, foi provocada essencialmente pela indignação de uma parte da opinião libanesa perante a inacção do Exército quando das incursões dos israelitas na noite de 9 para 10 de Abril. Os comandos do genral Dayan puderam, com efeito, operar durante perto de três horas no centro de Beirute, assim como em Saída, no Sul, sem que as forças de segurança tentassem sequer intervir.

Esta carência não é, no entanto, nem fortuita nem inédita. Já em Dezembro de 1968, os pára-quedistas israelitas tinham podido, com toda a impunidade, ocupar o aeroporto internacional de Beirute e destruir, no solo, treze aviões de linha libaneses. Os **Mirage** e os **Phantom** do Estado judaico sobrevoam regularmente, às vezes várias vezes por semana, o território do Líbano, sem que as baterias anti-aéreas entrem em acção.

Esta passividade aparente é imputável a diversas considerações. A profunda convicção dos responsáveis do Exército, e muito provàvelmente do presidente da República, é que não é necessário correr o risco de um confronto com as forças israelitas, e ir ao encontro de uma derrota cujas consequências políticas poderiam ser catastróficas. Que pode fazer, na verdade, um Exército — que mais se parece com um corpo de Polícia — de menos de dez mil homens, a que falta toda a tradição guerreira, perante o potencial esmagador de Israel? Para prevenir toda a tentação de um confronto, o Governo de Beirute foi ao ponto de recusar recentemente adquirir um armamento que lhe parecia muito aperfeiçoado e perigosamente ofensivo.

O segundo desejo dos responsáveis é de ordem política. O Exército libanês é menos um cadinho do que um quadro interconfessional no qual coabitam as diversas comunidades em especial a cristã maronita e a muçulmana sunita, cujas apreciações, relativamente ao conflito israelo-árabe, nem sempre concordam. Desde logo, considera-se imperativo afastar todo e qualquer conflito, mais propriamente qualquer revés militar, que poderia quebrar a coesão do Exército.

É por isso que certos representantes da comunidade maronita, como Raymond Eddé — e, sem dúvida, também os chefes sunitas moderados, esses mais discretamente — reivindicam uma espécie de neutralização do Líbano, pondo o país à margem do conflito israelo-árabe, o que o subtrairia aos golpes do Estado judeu.

Porém, trata-se neste caso de um desejo que o regime considera, pelo menos de momento, não poder satisfazer. A

Continua na pág. 20

PÁGINAS 4, 5 REPORTAGEM

GOSTAR DE PICASSO FALAR COM PICAULT

Ao sol duma estrada de Setúbal, sábado de manhã, um homem enorme ri com certa candura: «Picasso e eu? Fomos vizinhos». Assim reduz Robert Picault a sua camaradagem de dez anos com o mestre que acaba de morrer, mas nem uma das suas palavras lhe evoca a morte. É que, como no poema de René Char, «a eternidade não é mais longa do que a vida», e a mão de Picasso voa ainda, até no traço aéreo e firme com que Picault, ceramista, grava um pássaro de grafite no terroso branco da faiança. Picault, de Vallauris, veio a Setúbal criar modelos para uma nova fábrica de louça. Falou ao «DL»

Glauber Rocha pensa filmar em Portugal

António da Cunha Teles prepara um novo filme que se intitula «Meus Amigos», uma história de confrontos entre pessoas da mesma geração que escolheram formas diferentes de estar na sociedade. Cunha Teles produziu 13 filmes do cinema português, distribuiu Renoir, Bertolucci, Eisenstein, realizou «O Cerco» sempre com a mesma coerência de posição perante o cinema. Agora pensa num outro projecto: ser produtor de Glauber Rocha num filme a realizar em Portugal (pág. 17).

LEIA HOJE

- A DUPLA FACE DA AMAZÓNIA
- A ORDEM DE POMPIDOU
- A MITOLOGIA DA GASOLINA, carta do Brasil de Chianca de Garcia
- EMIGRANTES EM FRANÇA

LEIA AMANHÃ

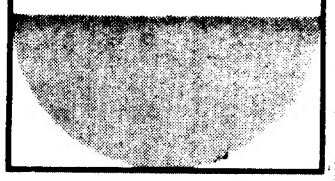
. No «Exclusivo», o suplemento de problemas internacionais que se publica às segundas-feiras:

- O MEXICO NUMA ENCRUZILHADA
- PARA ONDE VAI O POVO DE LUTHER KING?
- A SOCIEDADE AMERICANA VISTA POR LIPPMANN
- A TERCEIRA FORÇA DO VIETNAME DO SUL, ETC, ETC.

(«Copyrights» de «Le Monde», «The Washington Post», «The Los Angeles Times» e «The Guardian»)

HOJE: 28 PÁGINAS

REGIONAL



PROBLEMAS DE SETÚBAL

SETÚBAL — A Direcção de Urbanização deu conhecimento à Câmara Municipal desta cidade de que nos planos definitivos para o triénio de 1973-75, aprovados por despacho ministerial, estão previstas as obras de abastecimento de água a Setúbal, nas quais serão despendidos, em 1973, 115 000$00, e em 1974, 131 600$00; e o saneamento da mesma cidade, em que serão gastos, em 1973, 300 000$00, em 1974, 400 000$00 e em 1975, 500 000$00.

Foram ainda presentes à Câmara os estudos da superestrutura da passagem inferior e da variante respeitantes ao projecto do viaduto ferroviário da Azeda, a construir ao quilómetro 27,952 da linha do Sado, elaborados pelo engenheiro civil Albertino Marcelino Alves.

DIA DO TURISTA EM LEIRIA

LEIRIA — Nos postos de informação da Comissão Regional de Turismo serão na quarta-feira, Dia do Turista, distribuidas flores, versos dos poetas da região e lembranças a todos os visitantes, que aqui se desloquem, numa manifestação de boas-vindas.

Nesse dia também será festejado o X Aniversário do Rancho da Região de Leiria, mantido pela Comissão Regional de Turismo e fundado pelo dr. Rui Acácio da Silva Luz. No Teatro José Lúcio da Silva haverá um espectáculo comemorativo com a actuação do Orfeão de Leiria, a declamadora Maria do Rosário Santos, Frei Vicente, orquestra típica Mirense. Haverá ainda um programa de fados e, por último, a actuação do Rancho da Região de Leiria. A entrada é gratuita, devendo os bilhetes ser obtidos na Comissão Regional de Turismo e na bilheteira, no próprio dia do espectáculo.

PORTO

VISITA CULTURAL À GALIZA

Foi marcada para hoje a partida de cerca de cinquenta alunos portugueses dos cursos de Língua e Literatura espanholas, ministrados no Instituto Espanhol do Porto, que vão à Galiza em digressão cultural.

Acompanham os estudantes os drs. Julio Martinez Almoynha e Antero Ferreira de Lemos, respectivamente, director e presidente da comissão executiva daquele Instituto.

DIRIGENTES DE EMPRESAS

Decorrerá de 14 a 17 de Maio, por iniciativa do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, um seminário destinado a dirigentes e pessoal dos quadros das empresas e serviços públicos.

Objectivo: desenvolver as capacidades de chefia e estudar os problemas das relações humanas.

ARTES PLÁSTICAS

Na Galeria Abel Salazar continua a ser muito visitada a exposição de trabalhos de pintura de José Manuel Soares, artista distinguido com a primeira medalha da Sociedade Nacional de Belas-Artes, de Lisboa e representado em museus nacionais e estrangeiros. A exposição está patente todos os dias, das 14 e 30 às 22 e 30.

Será inaugurada em princípios de Maio, na Galeria Diprove, a exposição de trabalhos de pintura, desenho e gravura de Gil Teixeira Lopes. Este artista estará, entretanto, representado com trabalhos de pintura na exposição que a Fundação Gulbenkian organizou para Barcelona, no dia 24. Teixeira Lopes estará presente no dia 25 na exposição inaugural da Galeria da Comissão Municipal de Turismo de Peniche, também ali representado com trabalhos de gravura.

Ainda antes da apresentação dos seus trabalhos na Diprove, o artista irá a Paris, para assistir, no dia 26, à abertura da sua exposição de gravuras.

REUNIÃO DE ANTIGOS ESCOLARES

Promovido pela Associação dos Antigos Alunos do Instituto do Professorado Primário, decorrerá em 26 e 27 de Maio o seu encontro anual, agora, pela primeira vez, no Porto.

O Instituto do Professorado Primário, com secções em Lisboa e no Porto, é destinado aos filhos dos professores primários e tem como presidente o prof. dr. José Pinto Peixoto, vice-reitor da Universidade de Lisboa.

As inscrições para o encontro podem ser feitas na Secção Feminina do Instituto do Professorado Primário, na Rua de Santo Ildefonso, 424 — Porto.

DE PISTOLA À CINTA

Da América (do Norte) e dos americanos (do Norte) já nada nos espanta. Estamos habituados a tudo, ou quase tudo. Mas esta de um ministro, um senhor ministro dos Estados Unidos, andar normalmente de pistola à cinta, tal e qual como os antigos «cow-boys» que tão bem (e tão exageradamente) estamos habituados a ver nas catadupas de «westerns» que as nossas distribuidoras de filmes importam de Hollywood, e agora também de Roma — por esta, sinceramente, não esperávamos.

A insólita e nada pacífica figura chama-se Peter Brennan e foi recentemente empossada no cargo de ministro do Trabalho. Do seu passado, sabemos apenas que foi chefe de um sindicato de Nova Iorque (o que, em termos norte-americanos, é já uma indicação). Um seu colaborador, tentando justificar a aparência bélica do novo ministro, disse: «Ele visita muitas vezes bairros mal afamados...»

Revela-nos a revista «Newsweek» — e nós acreditamos piamente — a enorme surpresa das pessoas que receberam há dias o ministro na Câmara de Comércio de Boston, ao verem aparecer o convidado ostentando coldre e belo revólver com coronha de madrepérola. Pelo nosso lado, já o estamos a ver, numa reunião de trabalho na Casa Branca, na presença do presidente e tudo, a apontar a arma aos seus discordantes interlocutores; ou a resolver à lei do chumbro os problemas profissionais expostos ao seu gabinete; ou montado em alvo alazão (que decerto não lhe faltará), disparando tiros para o ar, em galops desenfreado pelas ruas da capital, no dia em que Nixon lhe aumentar o vencimento.

O certamente ilustre e de qualquer maneira desenvolto sr. Peter Brennan lá sabe as linhas com que se cose ou, se quiserem, os argumentos com que pensa defender-se nas suas novas e espinhosas funções. Terá ele na sua juventude lido demasiadas histórias aos quadradinhos, dessas do Cisco Kid e do Roy Rogers? Receará que os índios de Wounded Knee desçam a Washington, soltando gritos selvagens e ameaçando escalpelizar os «rostos-pálidos»? Ou os «índios» que ele teme serão outros? Estas e outras hipóteses serão de ponderar. E até pode ser que tudo se reduza a uma qualquer questão familiar: medo dos herdeiros, da sogra, etc.

Seja como for, uma coisa é certa: nestes tempos em que a diplomacia americana se procura adaptar aos novos ventos, tentando desfazer nas gentes a triste imagem criada com os São Domingos e os Vietnames, convenhamos que este exemplo caseiro não é nada tranquilizador.

F. C

Wrangler FESTIVAL Jazz

Wrangler «Que Veste a Nova Gente» Convida a Gente Nova

com Wrangler®

a vida é um festival!

a assistir no dia 26 deste mês, no Cinema MONUMENTAL, ao WRANGLER Jazz Festival da Primavera, em que participam o «RONNIE SCOTT QUARTET» com a cantora MARVA BROOME e o QUARTETO DE MARCOS RESENDE.

OS BILHETES SERÃO DISTRIBUIDOS GRATUITAMENTE A TODOS OS PORTADORES DE CALÇAS OU BLUSÕES WRANGLER QUE SE APRESENTAREM NOS DIAS 23, 24 E 25, NA BILHETEIRA DO MONUMENTAL das 10,30 às 12,30 HORAS.

GRUPO B - M.10 ANOS

Artistas contratados por intermédio de INTERARTES

unigrupo

SOLENIDADES PASCAIS NA SÉ

Presididas pelo cardeal patriarca, terminaram esta manhã, na Sé de Lisboa, as solenidades da Páscoa. As cerimónias tiveram início às 11 e 30, com a entrada no templo de D. António Ribeiro que, após ter orado na capela do Santíssimo, proferiu uma alocução alusiva à festividade. O pontifical prosseguiu com a celebração da Eucaristia, tendo no final havido comunhão geral.

Após ter dado a benção papal, o cardeal patriarca recebeu os cumprimentos dos representantes do Cabido e da Irmandade do Santíssimo.

ESPERE UNS DIAS

KOL MAPLES

O MAIOR CENTRO DE MAPLES INTERNACIONAIS

Sínteses críticas

Cinema

A ALIANÇA (L'Alliance), de Christan de Chalongue, (1971, França), com Anna Karina, Jean Claude Carriere, etc.. Cinema **Estúdio 444.**

Do autor de **O Salto,** um filme inesperado. Um realismo poético e fantástico que nos fala das relações possíveis (impossíveis) entre os seres. O amor, da solidão à crueldade, do ciúme, ao desespero e à morte. A não perder.

PERDIDO POR CEM..., de António-Pedro Vasconcelos (Portugal, 1973), com Marta Leitão, José Cunha, Nuno Martins, Ana Maria Lucas, etc.. Satélite - 2.ª semana.

Retrato de uma «geração batida» ou auto-retrato de um introvertido em fuga? Oscilando entre a imagem fluente, espontânea, um diálogo vivo e inteligente, e um monólogo literário e pretensioso. **Perdido por Cem...** assinala a estreia de um novo autor português. Estreia a saudar, apesar de algumas falhas. A ver.

O HOMEM DAS MULHERES (The Ladie's Man), de Jerry Lewis (EUA, 1961), com Jerry Lewis, Helen Trubel, Katheleen Freedman, etc.. **Estúdio Apolo 70 - 3.ª semana.**

Uma das primeiras realizações de Jerry Lewis. Uma comédia onde, a par de algumas fragilidades, se nota já o humor corrusivo e delirante de um dos maiores actores-autores da actualidade. A não perder.

PROPRIEDADE NO ALGARVE

Vende-se próximo das praias, na zona turística próximo de Monte-Gordo, tem pomar de laranjeiras, abundante água, casa de habitação, árvores diversas e terra para sementeira.

Accitam-se ofertas em Tavira, Rua Alexandre Herculano, 2.

FELICIDADE

Mora ali a felicidade. Ali, naquela mulher que pode ser facilmente confundida com muitas outras mulheres, porque não é bonita nem feia, não é gorda nem magra, não é nova nem velha, e usa cabelo encarniçado e a «farda» das esposas dos vencedores no campo de batalha da vida: brilhantes nos dedos e casaco de astrakan com gola de vison. Mas, céus, vale a pena ouvi-la. Ou será desaconselhável? Bem, é conforme os dias. Nos dias bons sentimo-nos contentes por ela, tão feliz, coitada, ainda bem; nos outros a frustração apossa-se de quem a ouve, é como um manto negro.

Para começar do princípio, a sua infância de sonho, até porque ela teve um paraíso (jardim, quinta ou quintal, não sei, mas metia árvores e bichos, era Alice no país das maravilhas.) Depois houve muitos apaixonados, mesmo muitos, uma autêntica corte. Parece que era «engraçada». A maneira modesta como diz «engraçada», sorrindo como quem pede desculpa daquela fortuna involuntária, é digna de incondicional admiração. Recusa adjectivos como bonita, atraente, elegante, outros. Mas diz «engraçada», sorri assim, e ei-los presentes. Todos. Depois o noivo, que estava quase para casar com outra rapariga, a pobrezinha, quando a conheceu a ela. Depois o casamento. E o marido que é um homem extraordinário, não há ninguém melhor, um verdadeiro santo. E um verdadeiro santo perito em negócios, ainda por cima. Isso não diz nem vale a pena, todos o sabem, todos, pelo menos, o adivinham. E o filho que se formou com a nota mais alta? Mas recuemos um pouco para verificar que o filho foi um bébé lindíssimo, as pessoas até paravam na rua para o ver melhor, e, como ela era então muito nova — e engraçada, é bom não esquecer —, perguntavam-lhe se era irmão, ficavam muito espantados quando diziam que ra seu filho. Claro que o bebé lindíssimo é hoje um homem muito atraente, inteligente, belo. Mas vejam lá, está a pensar em ir viver para Londres, adora Londres. Tem lá uma optima situação. Um bater de pestanas e uma voz quebrada. E assim com os filhos, quebram as amarras e partem. Ah, não é por se gabar mas melhor mãe do que ela não houve. Igual talvez, admite, consente embora sem entusiasmo, mas melhor...

Olha para o relógio, levanta-se, despede-se, sai. Ela e o seu casaco de astrakan, ela e o seu cabelo castanho-levemente-encarniçado, ela e a sua felicidade.

— Seria mesmo engraçado? pergunta alguém, pensativo.

Mas ninguém sabe, ninguém a conheceu nesse tempo. Mas apostam que não era. E que todos se sentem frustradíssimos. A humanidade é rara mas acontece.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

A MACEDÓNIA DIVIDIDA

Belgrado — No espaço de um mês, uma das questões balcânicas mais espinhosas, a da Macedónia, uma vez mais prendeu a atenção dos jugoslavos. Com efeito, no fim de Fevereiro, uma importante delegação, conduzida por Stané Dolantz, secretário da Comissão Executiva da Liga dos Comunistas, dirigiu-se a Sófia. Após vários dias de conversações «abertas», teria constatado que o ponto de vista búlgaro sobre a Macedónia nada havia evoluído e continuava «francamente negativo». Por outro lado, há já mais de uma dezena de dias, que uma acerba polémica opõe os jornais de Atenas e de Belgrado, em seguida a uma declaração de Anninos Kavalieratos, ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros gregos, sobre o carácter «artificial» do povo mecedónio e da sua língua.

O embaixador da Grécia na Jugoslávia, Spiridon Teténes, foi convocado ao secretariado de Estado, aonde lhe foi apresentado um protesto, precisando que a declaração de Kavalieratos **«não contribuía para o desenvolvimento positivo das relações greco-jugoslavas»**.

Depois das guerras balcânicas de 1912 e 1913, a Macedónia foi repartida entre os reinos da Sérvia (Macedónia do Valdar), da Bulgária (Macedónia de Pirin) e da Grécia (Macedónia do Egeu). Esta questão provocou em seguida graves conflitos entre os 3 países, principalmente durante as duas guerras mundiais, que a Bulgária travou contra os Aliados. Não obstante, após a vitória dos comunistas na Jugoslávia e na Bulgária, em 1944, e depois da proclamação, na federação jugoslava, de uma República da Macedónia, Belgrado e Sófia fizeram saber que esta «sequela nacionalista e burguesa» ia desaparecer ràpidamente. Todavia, os esforços empreendidos neste sentido pelo presidente Tito e Georges Dimitrov esbarraram com a recusa de Estaline. A partir de então, a questão macedónia pesa nas relações búlgaro-jugoslavas.

Várias tentativas feitas de um e outro lado durante estes últimos anos para encontrar uma solução, malograram-se. A viagem de Dolantz a Sófia teria simplesmente tido como resultado **«deixar a porta aberta para ulteriores conversações.»**

TESES OPOSTAS

As teses defendidas por cada um dos três países são diametralmente opostas. Segundo os jugoslavos, a Macedónia é um território devidido entre três Estados, mas no qual se encontra uma população que tem a sua língua original, a sua consciência nacional. Os macedónios da Grécia e da Bulgária deveriam, portanto, gozar dos direitos reconhecidos às minorias.

Atenas, por seu lado, nega desde sempre a existência de uma minoria nacional macedónia na Grécia setentrional. A declaração de Kavalieratos confirma que o regime dos coroneis, como aqueles que o precederam, continua intransigente. Os meios políticos jugoslavos interrogam-se sobre as razões que levaram o ministro-adjunto a fazer uma declaração tão «fracassante e ofensiva», no momento em que, a despeito das divergências políticas e ideológicas, as perspectivas de cooperação económica entre os dois países pareciam favoráveis.

Quanto ao governo de Sófia, havia admitido, logo depois da guerra, a existência de uma minoria nacional macedónia no seu território. Quanto de um recenseamento da população feito nessa época, foram arrolados cerca de cento e oitenta mil macedónios na região de Pirine. Porém, as querelas suscitadas pelo Kominform não deixaram de ter repercussão neste domínio.

No decurso da luta contra o «revisionismo titista», Sófia lançou uma violenta campanha contra a República Federada da Macedónia, afirmando que a sua população, a sua história, eram búlgaras, e que a sua língua era uma «criação artificial». De um para outro recenseamento, o número de macedónios diminuía no Pirin. O último efectuado, o de 1965, não apresenta já senão cerca de dois mil. Evidentemente, logo que Belgrado normalizou as suas relações com Moscovo, a atitude de Sófia abrandou. A Bulgária reconheceu a República Federada da Macedónia e a língua macedónia. Hoje, admite, pelo menos teòricamente, que se tenha podido formar uma certa consciência nacional nesta parte da Jugoslávia. Emcontrapartida, continua a afirmar que a afirmar que a população é de origem búlgara e contesta a presença no Perin de uma minoria nacional macedónia, explicando que **«o recenseamento de 1965 foi livre»**, e que, de sua livre vontade, as pessoas que se haviam declarado macedónias, acabaram finalmente por se inscrever como búlgaras.

Teria sido isto o que foi dito a Dolantz durante a sua estadia na Bulgária. Este ponto de vista não dá satisfação aos jugoslávos, porque deixa em aberto a questão macedónia.

PAUL YANKONITCH

O nosso mundo

RIBA DE AVE

Quando da festa da nossa Banda de Música realizada no Teatro Narciso Ferreira, conforme oportunamente noticiámos, a direcção daquele conjunto musical fez distribuir uns panfletos alertando os associados e simpatizantes para a necessidade duma maior afluência de aprendizes à escola que está a funcionar, pois o lançamento de novos executantes no conjunto é, na realidade, a maneira mais eficaz de poder manter a banda por um lado sem grandes encargos e por outro com maior possibilidade duma apresentação capaz. É que, como se sabe, o facto de ter de recorrer à contratação de executantes estranhos não só obriga naturalmente a uma despesa de deslocações como muitas vezes não é possível a permanência aos ensaios de preparação e sobretudo porque são executantes contratados e que ficam muito mais caros. Pois infelizmente pelo que acabamos de constatar o mal não é só na nossa terra. Isto porque tivemos oportunidade de verificar um apelo de igual género lançado pela direcção da Banda da Póvoa de Varzim que lamentava a falta de executantes que, a continuar nesse ritmo, resultará, muito naturalmente, na extinção das bandas civis que, como se sabe, têm a finalidade de transmitir por vezes uns bons momentos de música harmoniosa, clássica, de compositores mundialmente credenciados. Infelizmente, lá como cá e oxalá que para as bandas da Póvoa do Mar e da nossa terra o apelo seja compreendido. Em contrapartida, os conjuntos de guedelhudos, por vezes a tocar coisas sem nexo abundam por aí cada vez em maior número. **(«Jornal de Riba d'Ave»).**

CERNACHE

Os acidentes de viação na famigerada variante de Cernache já não têm conto, na soma que atingem e na assiduidade com que se dão. Sangue que jorra no asfalto, vidas que se perdem, pessoas que são atiradas por largos meses — na melhor das hipóteses — para camas de clínicas e hospitais, têm sido factos notados no dia a dia desta urbe. É verdade: desde que existe a variante — e contando também com a percentagem de aumento de tráfego — os acidentes têm sido às carradas e, cremos, poucos têm sido os cuidados das entidades competentes em averiguar as causas dos mesmos. Fala-se muito, comenta-se ainda mais, às vezes, até, invertem-se culpabilidades, por desconhecimento de como foi, vindo-se «oferecer» notícia errada, fazendo do Demo, Cristo! Não importa focar casos mas a verdade é que eles acontecem. No entanto teimamos em afirmar que na falta de educação cívica do condutor está todo o complexo criminal de tais sanguinolentos actos. Desrespeito pelos sinais que o Código da Estrada bem especifica, indiferença perante o traço contínuo em ultrapassagens, ignorância completa nos limites da máquina mas, sobretudo, da capacidade das mãos, pessoas «encaixotadas» no banco da frente, «travando» os movimentos do condutor, em suma, estes e muitos outros mais factores que revelam a falta de educação, falta de civismo, falta de respeito pela vida do próximo. Que dinheiro algum paga! Soluções? Compete a postos mais altos. Por nós... uma fiscalização bem mais aturada da que se tem efectuado e... mais eficiente do que o piso de pneus, stops ou outros factos quaisquer. É fácil conseguir isso. Basta uma programação de brigadas para os tais pontos nevrálgicos.

(Costa Santos, in **«Gazeta de Coimbra»**).

MOURA

O concelho de Moura atravessa actualmente um período favorável no sector de obras públicas. O ponto mais saliente das realizações será a obra do aproveitamento hidroeléctrico do Guadiana, cujo arranque, recentemente anunciado pelo Conselho de Ministros, será o escalão de Alqueva uma vez que a barragem a construir poderá vir a ajudar a modificar o débil panorama sócio-económico desta região alentejana. Também a sede do concelho, enquanto aguarda para muito breve a decisão sobre a construção da piscina municipal, assiste ao levantamento dos silos (oito ao todo) mandados construir pelo Instituto dos Cereais. Esses silos, com capacidade de armazenagem de 6 milhões de quilos, ficam situados junto da estação dos caminhos-de-ferro, perto do depósito do abastecimento domiciliário de água. A nova torre terá 50 metros de altura e disporá de escritórios e outras instalações indispensáveis à recolha, tratamento e expedição dos cereais armazenados. **(«Diário do Alentejo»)**

REPORTAGEM

REPORTAGEM DE ALEXANDRE OLIVEIRA

PRATOS, POTES, PEIXES, PÁSSAROS DE VALLAURIS A PONTES-SETÚBAL

Gostar de Picasso falar com Picault

«Por exemplo, A CABRA. Muitas coisas de cabra apanhou-as Picasso no meu caixote do lixo. Éramos vizinhos.» Picault está doente esta manhã. Tem dificuldade em falar, em lembrar-se, em comer peixe, em manter os olhos abertos. Passo-lhe uma folha de papel e um lápis. Desenha o peito da cabra, que é um cesto, o sexo, que é de lata, e as tetas que são cacos de louça Picault (1).

Picault é um ceramista de Vallauris, terreola francesa de artesãos-oleiros e camponeses onde Picasso fez a oficina que produziu milhares de pratos, potes, estelas e ânforas pintadas para nós. A louça de Picault «tem um estilo muito pessoal, à margem dos caprichos da moda, e dará à mesa do cliente uma nota particular de refinamento e de charme.» Vende-se no local e nas grandes casas da especialidade. É caríssima.

Faz de conta que nada temos com isso esta manhã, nem Picault, doente, nem Blin, que o acompanha, nem eu, que os sigo até à fábrica de Pontes-Setúbal onde vieram criar motivos e formas para faiança e porcelana que das mãos de antigas operárias conserveiras será exportada, em 70 por cento, para as mesas da Europa. Pontes é um parque fabril. Picault é uma testemunha de Picasso. Que «tinha uma forma burlesca de trabalhar. Se comia um prato de enguias ao almoço e gostava podia passar a tarde a desenhar enguias no fundo dum prato, e o prato é uma obra-prima, Picasso é um génio».

MÃOS QUENTES ÀS DUAS DA TARDE

Ao contrário de Vallauris, «onde fumegam os fornos da olaria num horizonte de tectos e casas baixas que dão a impressão de ser elas mesmas cozidas no forno» (2), Pontes é um traço de estrada negra que serve fábricas, estirada no que foi campo raso de erva e areia, cheira a pó e a gasolina, bate nela um sol sufocado de núvens que voam como trapos no ar seco. Picault abre no automóvel uma cassete de flautas barrocas e desliga-a logo. Blin afirma que está calor e que lhe apetece uma laranja. Em frente duma estação de serviço em que se abastecem camiões carregados de vinho de gesso, de máquinas, um restaurante enorme de janelas dá de comer aos primeiros franceses e alemães do Verão próximo.

Pontes parece a morte. Picault tem febre, desenha nas margens do jornal, na toalha de papel, em tudo o que apanha. Acabamos de sair da nova fábrica, que é «associada» da Longchamps francesa e veio implantar-se numa zona de mão-de-obra feminina abundante, barata e jovem, que assimila rapidamente o processo de produção em cadeia e se integra bem — ou mal —, mas com surpresa, nas formas de trabalho do que vai ser a mais moderna cerâmica do país: a maquinaria, o produto (que é belo), **o estilo** dum patrão que parece utilizar na grande indústria a familiaridade e a «dimensão humana» do artesanato tradicional do barro e dos bonecos, os grandes casarões claros e silenciosos onde à volta do forno **«que manda em tudo»**, e da moldagem rapidíssima (600 peças por hora), **há** ainda um canto em que se pinta outro em que se esculpe, **as** «instalações sociais», creche, cantina e biblioteca, que, quando funcionarem (ainda não: e a fábrica trabalha já a 60 por cento da capacidade) será entre árvores e jardins pensados por um arquitecto.

Têm semana inglesa, e hoje é sábado. Outras mulheres novas de Pontes, de outras fábricas esperam ao sol e no capim da berma que cante a sirene de repegar às duas. São muito belas, são irmãs das que retiram do molde escaldante, uma após outra, dezenas de travessas «Marie-Christine» para Picault ensaiar um peixe, um pássaro, um castanho.

Diz que raras vezes viu Picasso **trabalhar** mas que sempre o viu achando coisas, compondo-as entre si, olhando para elas, ou então a passear e na tourada. «Picasso trabalha no atelier. Toma nas mãos uma ânfora fresca, acabada de sair do forno. Amachuca-a, verga-lhe os joelhos. A forma natural, orgânica, da ânfora, não é violada. Obriga-a docemente a ajoelhar. Entumece-lhe os seios acrescenta-lhe os braços, estendidos no mesmo movimento. Admiro o **natural** do movimento criador. Picasso repete que trabalha como os chineses, como os mexicanos: não conforme a natureza, mas **como** a natureza.» (2). Picasso: **«gosto da alegria e das raparigas bonitas».**

A MORTE É UM CORAÇÃO TOMBADO

Vendo e ouvindo Picault, de memórias esparsas e imagens vivas, Puicault que está a almoçar à saída do trabalho e vai falando do falecido vizinho, difícil se torna perceber que Picasso morreu há oito dias, que acabam de enterrar o cadáver musculoso, pele doirada, debaixo duma árvore à sombra dum castelo. Picault podia dizer: **«Pablo, o oleiro, o pintor, não se notava que era já tão velho. Era um tipo cheio de vida, criava coisas continuamente. Vinha muitas vezes a minha casa. A última vez que o vi, foi quando fez oitenta anos»**, — podia dizer isto, isto que se diz quando se resume quem era alguém conhecido que acabou de morrer, sem que percebesse que Picasso está morto, sem que houvesse nesta memória fúnebre a mais leve noção ou somba ou possibilidade de morte. A ideia de morte **não combina** com Picasso. Com ele que incessantemente a pintou, a expulsou, a morte é apenas um coração tombado, virado como um vaso, um coração : **«la mort coeur renversé»** (Paul Éluard).

Uma «Cabeça de Fauno» em linóleo. Um tema constante de Picasso

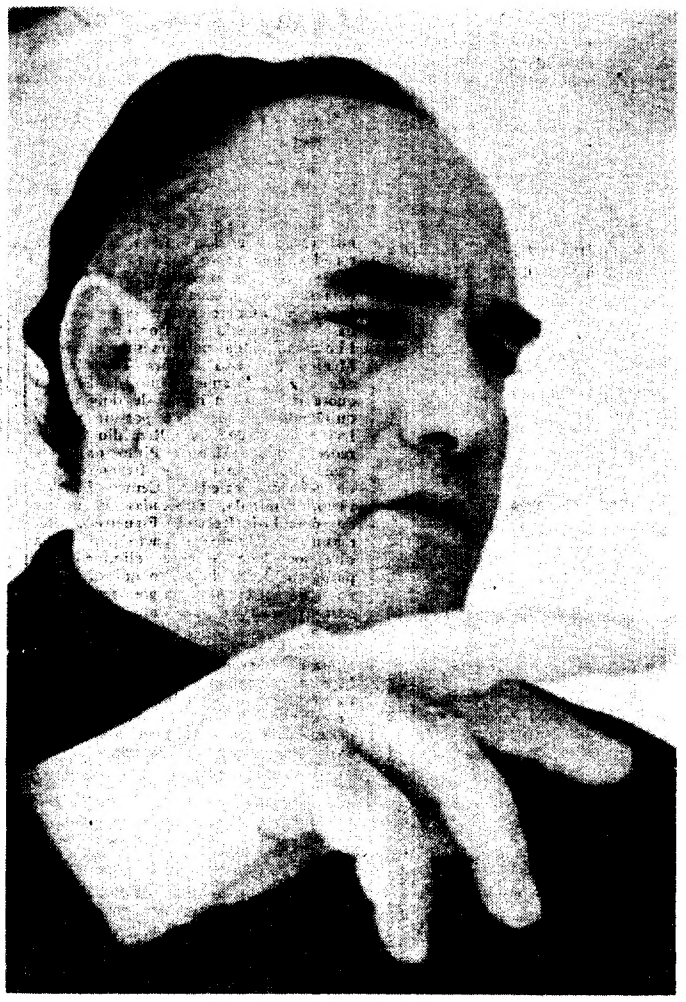
NINFAS, GUERRA, CARACTERES

Picault foi para Vallauris em 1948, quando escolheu a cerâmica como actividade principal. Tinha vinte e nove anos, acabara de deixar o seu posto de professor de desenho numa escola técnica de Paris.

Picasso vivia entre os oleiros já desde 1947, «apaixonado por premir nos dedos a argila e com eles afeiçoar a matéria, participando na magia do fogo ao transformar as cores», segundo uma expresão lírica de Garaudy, que nunca capta a natureza do impulso criador **mas** lhe descreve menos mal **as** aparências e as condições. **O** mestre, prosseguimos com Garaudy neste passo de mera **referência**, «trabalha entre os **oleiros** não só na decoração **das** peças, onde um prato oval desenhará a arena com os **seus** degraus em anfiteatro, a **sua** multidão e a corrida de touros, mas também na metamorfose dessas peças, em que um vaso se torna mocho, mulher ou deusa, «mas sempre» — é o **ideológo** que fala — «evocando os ídolos misteriosos de Creta ou de Micenas, onde, há milénios, também outros artistas mediterrânicos davam à cerâmica a forma monumental ou mítica para exorcismar as angústias de um povo ou dar uma configuração às suas esperanças»(2).

Um único operário trabalha na antiga fábrica de perfumes que Picasso transforma na sua olaria. Mas em breve Vallauris se torna um polo de atracção dos modeladores franceses, seduzidos pela vizinhança dúctil e rudimentar, pronta a receber a expressão superior, mas sobretudo a mão artesanal e o novo modo de vida e de arte — despojado, simples, vivencialista, popular, político — dos artistas que, saídos da guerra, se lançam, digamos, nos movimentos do povo e da paz.

Para a pequena capela românica de Vallauris cria Picasso os seus painéis **Guerra e Paz**: **«havia meses, anos, que eu vivia, como toda a gente, obcecado pela ameaça de guerra habitado por esta angústia e esta raiva, e esta gana de nos batermos contra a angústia e contra o ódio».**



Robert Picault, ceramista: «Picasso fazia os seus faunos na casa ao lado».

Falo com Pucault dos painéis e do seu tema. Por Picasso, vendo Picasso, quantos milhares de pessoas terão reformulado, em tempo de guerras, a ideia de guerra? Mas não podemos ir muito longe. À noite, no restaurante, o patrão fala da sua nora solitária. Passeando devagar pelas paredes e fachadas de Setúbal, onde as ruas ão à medida dos homens, pintadas de cores que gritam de noite e de dia defendem do sol que cega, há uma esquina em que de repente vemos Pablo, velho, rápido, que desenha sobre o ocre de sangue duma padaria os caracteres da palavra «guerra», e que, surpreendido e em fuga se voltou para dizer: «se tivesse nascido chinês, não seria pintor, mas escritor. **Escreveria os meus quadros.»**(2)

FIZ UM FILME QUE É UMA «FIESTA» NUNCA VISTA

Conta Picault que um dia, não suportando a vista do sangue, mas companheiro de Picasso, foi com ele a uma tourada em Arles. Picasso gostava de ficar entre os moços de estoques, na barreira, à altura do cavalo do picador, gostava de ver a grande festa da morte, da matança, o cerimonial da fome humana que vai exaltar a escassez e a conquista do alimento, vê-lo de frente e de perto, sobre o sangue e o cheiro, que a tourada é um lugar geométrico da violência, da luta e da contradição. Picasso não ia a Espanha.

«O sangue faz-me impressão», ri Picault esticando as duas mãos enormes, **por isso levei uma máquina de filmar: via a tourada reduzida pela janelinha do visor. Quando voltámos, mostrei a Picasso o filme que tinha feito. Ele viu tudo e depois disse assim: muito bem, mas agora vou mostrar-te o que é uma tourada. Estávamos no atelier dele.»**

É a origem dum dos últimos documentos filmados sobre Picasso; e este filme inédito e desconhecido contém imagens duma obra única e que desapareceu logo a seguir. Porque Picasso, de repente, reinventou a tourada, o guinhol, o teatro e um brinquedo. Pegou numa grande folha de cartão e fez dela uma arena, um cenário e um pano de fundo. Picault não o descreve, diz só: **«As cores! As cores!»** Picasso recortou então de pedaços de cartolina as figuras da tourada, o matador e sua quadrilha, o touro, o bandarilheiro, o cavalo, e pintou-as. A festa começou.

São vinte minutos de cinema tudo o que resta. Porque os brinquedos de cartolina tiveram o destino natural: os putos deram cabo deles, Claude e Paloma deram banho ao touro, vestiram uma saia ao matador Contra o fundo (vermelho? Preto? — faltou perguntar a Picault) Picasso encenou, por ordem, os vários «tercios», os «actos» da tourada, desde o cortejo e cortesias até ao arrastar do bicho. **«entretanto falava, descrevia, explicava, punha os modelos em todas as posições possíveis, fazia-os avançar recuar, dançavam, afastavam-se, vinha o bandarilheiro, agora o picador faz assim e vai para ali, agora vem**

REPORTAGEM

o peão e cita o touro, e toca a corneta». Não é um quadro apenas, é um teatro, muitos quadros, porque cada uma das colocações das figuras é uma obra de Picasso.

Que vai ser deste filme? **«Não sei»**, diz Picault, **«espero que façam uma grande exposição de documentos de Picasso, dos milhões de coisas que ele fez assim, um repente, um autógrafo, e exibo-o então». A partir do filme um album, talvez.**

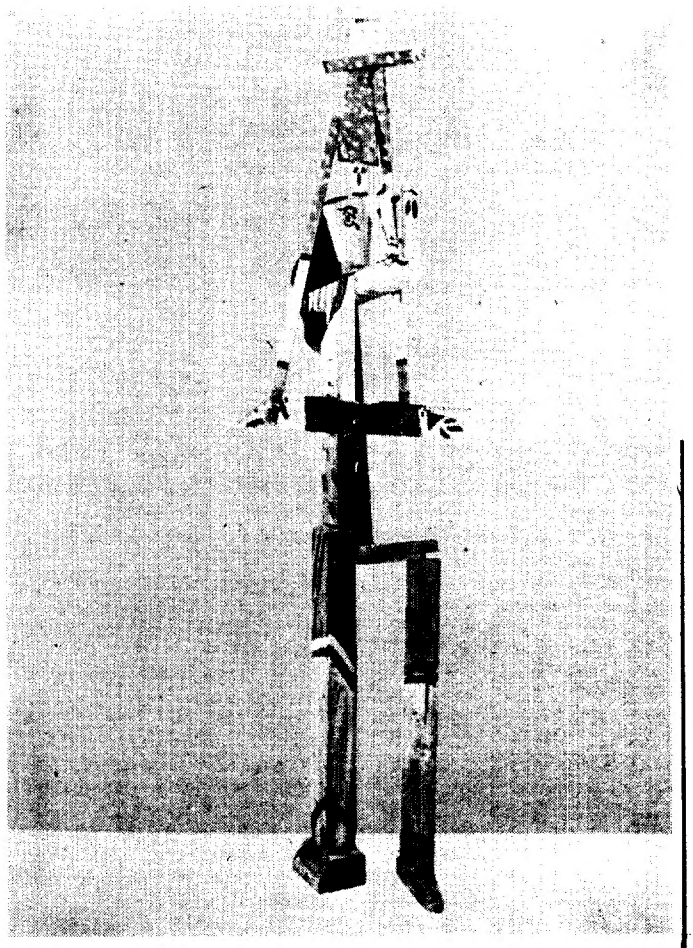
Fora uns quantos livros dedicados, Picault não tem muitos mais documentos da sua vida com Picasso. **«Ficava com tudo o que fazia. Acontecia ir visitar a minha oficina, pegar numa telha ou num pote e pintá-lo, aproveitava os relevos dos objectos, as curvas naturais, estava sempre a pintar. Mas depois levava as coisas para casa, não fiquei com nada. Mas ele tem coisas minhas, ele e os amigos que o iam ver e que passavam por minha casa: tenho um livro d'ouro onde há nomes como os de Fernand Léger, Prévert, Le Corbusier, Bracque...».**

ESCULPINDO, AMOLGANDO

Picault, que durante mais de dez anos encontra todos os dias Picasso, não segue os rumos do mestre mas sente-lhe a inescapável influência, que não confessa. Não confessa nada, aliás, ele que ironiza a entrevista (que não o foi) chamando-lhe **confissão.**

Depois duma fase que lhe vale três medalhas de ouro nas maiores exposições internacionais (Milão-1951, Cannes-1955, Bruxelas-1958), Robert Picault desenha para a produção comercial da sua olaria e para a média e grande indústria: Cerasarda, Longchamps. Desenha motivos e modelos duma grande simplicidade, desde as composições geométricas que repetem formas de todos os tempos (a espiral, a cruz, a grega), até às figuras de pássaros, peixes e mulheres, que o celebrizaram, e peças pintadas sem decoração, que combinam um recorte límpido e elementar, que trás ainda a marca da mão e do amor ao redondo e à espessura da matéria, com cores quentes e vivas, verdes, vermelhos de sangue, azuis, amarelos densos.

Aqui ao lado, Blin (chefe-de-



Uma «construção em madeira» de Picasso: «Mãe e Filho», de 1953. «Fazia coisas de tudo o que encontrava ...»

corador da Longchamps) e o administrador da fábrica portuguesa insistem em que não é a louça, hoje em dia, o mais importante do que Picault faz, que faz painéis, enormes painéis de cerâmica, premetidados durante anos e desenhados em duas horas, como o extraordinário **«Mãe e Filho»** da nova maternidade de Besançon.

Mas é o próprio autor quem cita agora uma obra sua: são fotografias, um album de fotografias de criações de Picasso, **«Faunos e Ninfas»**, com texto de André Verdet, um livro editado nos primeiros anos de amizade.

Na oficina de Picault trabalha-se quase exclusivamente à mão, mas **«o trabalho já anda sozinho»** agora que da peça única se passou a certa forma de produção em série. Do seu forno saem serviços de louça de mesa e de cozinha, os potes, as leiteiras, os jarros e as tijelas, são as metamorfoses, o prato-sol, a jarramulher, do estatuário genial que vivia ao lado e que «põe um vaso sobre outro, solda-os, casa-os, modifica uma curva e diz: vês dou-lhes uma amolgadela e mais nada». (2)

VIVA PICASSO!

Picasso morreu com noventa e um anos. Depois dos oitenta, fechou-se numa residência murada, guardada, acessível a muito poucos. Não se isolou de velhice ou de cansaço: fugia aos turistas, aos fotógrafos, aos maçadores para quem tinha perdido a paciência e o humor.

«Não o via desde a festa de aniversário que lhe oferecemos quando chegou aos oitenta, uma festa enorme, com milhares de pessoas, alegria, murros e violência. Filmámo-la de todos os ângulos, foi uma surpresa,» diz Picault. Não conhece bem os últmos anos do mestre, a vizinhança não se proporcionou mais.

Continuavam a habitá-lo faunos, ninfas, touros e homens, continuava, todos os dias, a arquitectar a face do mundo. Não é difícil imaginá-lo vivo e ausente esses dez anos, até que o coração se virou, vivo e ausente ainda, virado apenas. «Pode-se muito bem imaginar Picasso pintando até aos noventa e nove anos: boémios cada vez mais fascinantes e exangues, engomadeiras cada vez mais estenuadas, arlequins cada vez mais sedutores». (2)

Picault ajeita-se na cadeira como um pianista antes do primeiro acorde. Trazem-lhe um prato branco, rugoso ainda, uma graffite grossa. Estamos na fábrica. A mão agarra o lápis comum grande compasso de madeira o seu giz. Suspende-se. Com um traço veloz e ondulado, uma contensão, um sopro largo de respirar, a imagem faz-se a si mesma, de si mesma, a curva que prolonga e dá sentido à anterior, a imagem que se modifica completando-se, e quando o pássaro, interrogativo, sai já do foco redondo que é o prato, pelo outro lado, assustando-o, entra já uma mosca, uma borboleta ou um sinal que se suspende, e Picault levanda a mão, respiramos, Blin diz apenas: «Picassô».

(1) «A Cabra afasta as patas para deixar balouçar as tetas inchadas sob o ventre grávido. ídolo familiar da fecundidade, da plenitude feliz e candida desse amadurecimento soberbo da carne que alimenta uma carne prometida (...) (A estátua da mulher grávida, a estátua da cabra prestes a dar à luz, a estátua da macaca de ventre entumescido por um pequeno macaco — este tema, neste momento obsidia visivelmente Picasso. Nos Massacres da Coreia em face dos monstros abstractos, dos fuzileiros-automatos, regista o que para ele é a encarnação primordial da vida-promessa, da inocência muda: mulheres grávidas). «Claude Roy, «Picasso, de caminho». in «O Amor da Pintura».

(2) ibidem. Ou declaração transcrita no mesmo livro de Claude Roy.

(3) Um Realismo sem Fonteiras, edição Dom Quixote.

Faiança de mesa de Robert Picault... «O fruto é cego. A árvore é quem vê». (René Char).

FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotografo profissional mais exigente.
ESTAB M SIMÕES JR S A R L
10 R DOS DOURADORES LISBOA
208 R ST ANTONIO PORTO
ASSISTENCIA TÉCNICA IMEDIATA

AUTO - TÁXIS BRANCO & FERNANDES, LDA.

Certifico que, por escritura de ontem, lavrada de fl. 92 a fl. 93 v.º do livro n.º 85-F de escrituras diversas do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado António Lopes Fernandes Costa, Benjamim Domingos Branco saiu da sociedade Auto-Táxis Branco & Fernandes, Ld.ª, com sede em Lisboa, e autorizou o uso da mesma denominação.

Vai conforme.

2.º Cartório Notarial de Lisboa, 22 de Fevereiro de 1973. — A Ajudante, Maria José Caldeira da Silva.

DINHEIRO
Emprestam-se rapidamente em boas condições 100 a 2.500 contos sobre hipoteca de prédios, partes de prédios ou construção, moradias e quintas.
Trata
AGÊNCIA PREDIAL DA MADALENA
(Mediadora Autorizada)
Rua da Madalena, n.º 182-1.º Dt.º (A Santa Justa)
Telefs.: 86 75 46 - 87 24 18

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO ANTÓNIO MARQUES CARAMELO

CERTIFICO: — Para efeitos de publicação: Que por escritura de vinte e nove de Março de mil novecentos e setenta e três, lavrada de folhas quarenta a folhas quarenta e duas verso do Livro E— quarenta e nove das notas deste Cartório, Juvenália da Silva Pereira de Sá cedeu a Luís Remédio Figueiredo as quotas dos valores nominais respectivamente de quinze mil escudos e dois mil e quinhentos escudos, que possuia na sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, na Rua Marechal Saldanha, número quatro segundo andar, denominada Centro Publicitário, Limitada; ainda pela mesma escritura Manuel da Silva Pereira Taborda cedeu a Julio Manuel Pinto da Silva a quota do valor nominal de dois mil e quinhentos escudos que possuia na referida sociedade. Luís Remédio Figueiredo e Júlio Manuel Pinto da Silva como únicos sócios que ficaram sendo da referida sociedade Centro Publicitário, Limitada, unificadas as quotas do sócio Luís Remédio Figueiredo alteraram parcialmente o pacto por que a dita sociedade se rege, eliminando o parágrafo único do artigo quinto e tendo sido dada aos artigos terceiro e sexto a seguinte redacção:

Terceiro — O capital social é de vinte mil escudos, está integralmente realizado e representado pelos diversos bens e valores do activo, conforme a escrituração e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de dezassete mil e quinhentos escudos do sócio Luís Remédio Figueiredo e uma de dois mil e quinhentos escudos do sócio Júlio Manuel Pinto da Silva.

Sexto — A administração e gerência de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a ambos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme o que se decidir em assembleia geral, bastando a intervenção e ou assinatura de um só para a sociedade ficar obrigada.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos nove de Abril de mil novecentos e setenta e três.

O Ajudante do Cartório

ESPERE UNS DIAS
KOL MAPLES
O MAIOR CENTRO DE MAPLES INTERNACIONAIS

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS
DR. FERNANDO TEIXEIRA
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Rua Rodrigues Sampaio, 38-1.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
ENFERMAGEM GERAL E DE REABILITAÇÃO ESPECIALIZADA
PEDIATRIA — PARTOS
ASSISTÊNCIA MÉDICA
SERVIÇO PERMANENTE NA SEDE E DOMICILIÁRIO
DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS
Rua Rodrigues Sampaio, 30-C, 2.º Dt.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
SERVIÇO PERMANENTE INCLUINDO DOMINGOS E FERIADOS
SERVIÇO DE URGÊNCIA
COLHEITAS DOMICILIÁRIAS

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

Concursos para Concessão de Empréstimos ao Abrigo da Lei n.º 2092

Por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, de 16 do mês corrente, os concursos a realizar pela Caixa Nacional de Pensões para a concessão de empréstimos para construção, aquisição ou beneficiação de habitações ao abrigo da Lei n.º 2 092 e legislação complementar, destinados aos beneficiários das caixas sindicais de previdência ou das caixas de reforma ou de previdência, aos sócios efectivos das casas do povo e aos sócios contribuintes ou a estes equiparados, aos sócios das casas dos pescadores e às entidades patronais contribuintes das referidas caixas, passam a realizar-se apenas uma vez por ano.

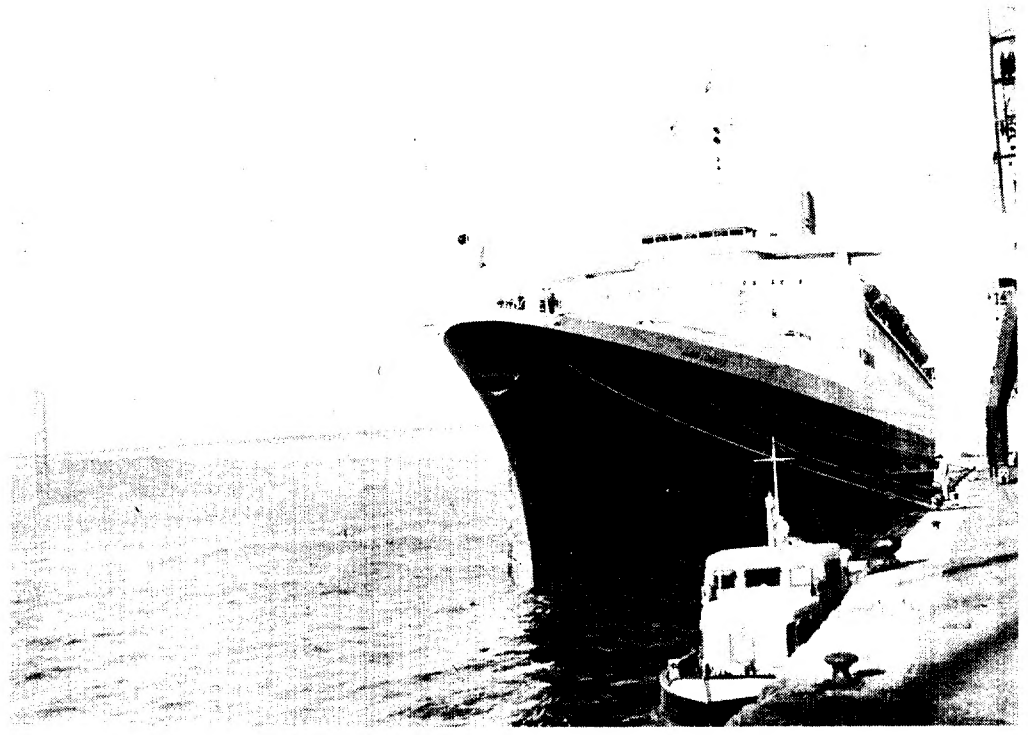
Nestes termos, o próximo concurso será aberto no primeiro dia útil do mês de Outubro do corrente ano, devendo os interessados requerer a sua admissão no prazo de 30 dias subsequentes à data da abertura.

Lisboa, 22 de Abril de 1973.

A DIRECÇÃO

Stentofon
Sistemas de intercomunicação
Lisboa 42124 713470 Porto 483598 Faro 24338 Portimão 22954

TOYOTA
SERVIÇO OFICIAL
EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO
OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PEÇAS DE ORIGEM
TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA AFIXADA A PÚBLICO
COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105-A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113-A e B



A serenidade do «Queen Elisabeth II» e atranquilidade dos seus passageiros é justificada por um navio de guerra da Marinha britânica e um avião de reconhecimento, que durante a viagem nunca perderam de vista o paquete

MILIONÁRIOS JUDEUS EM LISBOA

Escolta para a "Terra Santa"

. Afinal o «Queen Elizabeth II» não trazia muito que contar. Enquadrado por um sistema de vigilância em tempo de guerra, veio demonstrar que grande parte dos judeus, mesmo espalhados pelos quatro cantos do mundo, se sente em estado de guerra com os povos árabes. Por outro lado, uma acção de comandos palestinianos contra o barco iria causar uma reviravolta na opinião mundial, ultimamente desfavorável a Israel, depois que este abateu o avião comercial líbio, tendo morrido quase a totalidade dos passageiros.

Outro aspecto que ficou bem marcado nesta viagem, que alguns ingenuamente pretenderam uma segunda edição do «Exodus», foi o facto de, no barco, se deslocar exclusivamente, a grande finança judaica, pois um cruzeiro que custa 13500 dólares (aproximadamente 340 contos) e proibitivo para quem não possua uma fortuna adequada aqueles gastos. Deste modo, o judeu pobre que pretendesse viajar a Israel, para ali comemorar o 25.º aniversário da sua formação, teria de utilizar outros meios de transporte mais modestos e nunca se poderia dar ao luxo de ter um barco de guerra e um avião a guardar-lhe as costas.

Neste momento, o luxuoso paquete, orgulho da marinha britânica, navega em águas do Mediterrâneo, que, em grande parte, é um lago muçulmano. Significativo que tenha feito de Lisboa porto de escala, numa viagem em que tocará unicamente portos israelitas.

No entanto, nem todos chegaram a Lisboa por mar. Às oito da manhã no salão deserto do cais da Rocha do Conde de Óbidos, um casal de estrangeiros olhava o barco, Judeus canadianos, foi ele, Harry Levin, quem se nos dirigiu, perguntando se éramos da Imprensa. Depois contou a sua história, dizendo que há dois dias que estava em Portugal à espera de apanhar o barco, que perdera em Southampton. A companhia fora pródiga em pagar-lhes todas as despesas, embora isso não fosse problema para a sua bolsa. E continuou a olhar o barco.

Outro aspecto que a informação não focou, foi a presença de soldados israelitas a bordo, a par dos seus colegas ingleses.

Tínhamos acabado de falar com um casal norte-americano, com extensas propriedades rurais próximas de Chicago, que nos declararam ter ido para Inglaterra, para apanhar o barco, num avião da companhia israelita **El Al** (os amigos são para as ocasiões) e mostravam-se muito entusiasmados pela oportunidade de poderem visitar a «Terra Prometida», quando um jovem de cabelos compridos, máquina fotográfica a tiracolo e vestuário inconformista passou por nós. Foi quem nos informou de que os serviços de segurança de Israel não descuram o mínimo pormenor. Assim, na curta conversa trocada, ao ser interrogado sobre a presença dos militares ingleses, acrescentou:

. **— E não só ingleses, mas também de Israel. Desculpe-me, mas o autocarro da minha excursão está prestes a partir.**

Foi assim que muitos dos 620 judeus que vieram a Portugal, aproveitaram a paragem de 12 horas no nosso país, visitando os arredores de Lisboa e os locais mais típicos da cidade.

Em Jerusalém, onde decorrerão as cerimónias do aniversário de Israel, assistirão a outros acontecimentos, também, daquela região: os imponentes desfiles militares, cujo percurso previsto inclui a parte árabe da cidade e que foi tomada em Junho de 1967.

Calmos, serrenos, conscientes de que com a sia ida a Israel vão cumprir um dever, os milionários judeus desentropeceram as pernas em Lisboa

A SEMANA

Ministro do Interior:

SOLJENITSYNE- "UMA PALAVRA DE VERDADE"

Durante a cerimónia em que conferiu posse ao novo governador do distrito autónomo de Angra do Heroísmo, o ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, fez algumas considerações sobre a linguagem e a verdade a partir de um texto do escritor soviético Alexandre Soljenitsyne:

O senhor governador civil de Coimbra trouxe-me ontem daquela cidade, onde se pensa e se estuda, a tradução do discurso do Prémio Nobel, Alexandre Soljenitsyne, o russo que não pôde recebê-lo mas teve oportunidade de nos transmitir, com o acento vigoroso que lhe empresta a sua forte personalidade de escritor e a sua experiência dolorosa, «uma palavra de verdade».

Parece-me útil que meditemos essa palavra para que possamos medir bem a distância a que se encontra a linguagem da Rússia de hoje dos papéis que por aí espalham, velhos, acabados, envelhecidos, ultrapassados, apetecia-me dizer apócrifos, bombardeados pelo monopólio da subversão e especialmente destinados a iludir os ingénuos e a mentalizar os terroristas.

Vale a pena conferir o seu diagnóstico do nosso tempo, sobretudo depois da reunião de Aveiro, e reflectir naquilo a que ele chamou «o espírito de Munique» consubstanciado na fraqueza, na contemporização, no compromisso, na cedência à violência das paixões.

Adverte-nos primeiro, solenemente, o escritor russo, de que o mundo continua a ser despedaçado por «paixões da idade das cavernas — a cobiça, a inveja, a cólera, o ódio, que no decurso dos anos adquiriram novos nomes respeitáveis como a luta de classes, o conflito racial, o combate sindical».

Adverte-nos depois contra a mentalidade da juventude que aponta alegremente como exemplo o «guarda vermelho», «com desconhecimento total da essência milenária da Humanidade e com a ingénua confiança dos corações sem experiência».

Adverte-nos directamente, contra os seus gritos — «expulsemos os governos opressores», — e pergunta então, dramaticamente, «o que fazem os que viveram e sabem, os que poderiam opor-se a estes jovens? Muitos não ousam. Engolem mesmo seja o que for para não parecerem «conservadores».

É o fenómeno a que Dostoievski, no século passado, chamava «ser escravo dos papalvos progressistas». Era já o espírito de Munique.

O espírito que não cristalizou no século passado e domina todo o século XX. E continua o seu discurso...

«Um mundo civilizado e tímido não encontrou outra coisa para opor ao renascimento brutal e de rosto descoberto da barbárie senão sorrisos e concessões.

O espírito de Munique é uma doença da vontade dos povos adormecidos. Um estado de alma permanente daqueles que se abandonaram à conquista e prosperidade a todo o custo, daqueles para quem o bem-estar material se tornou o principal objectivo da sua vida sobre a terra.

Essas pessoas — e existem muitas no mundo de hoje em dia — escolheram a passividade e a desistência, a fim de prolongarem um pouco a sua rotina quotidiana, a fim de iludirem hoje a dificuldade. E amanhã, verão, tudo estará bem. Mas nada estará bem.

O preço da cobardia é sempre o mal. Só colheremos a vitória se tivermos a coragem de fazer sacrifícios».

Era isto que eu desejava sublinhar.

«Só colheremos a vitória se tivermos a coragem de fazer sacrifícios».

Esta linguagem que nos chega da Rússia tem realmente uma outra dimensão, sobrepõe-se pela sua força e pela sua intensidade ao grasnar dos corvos que se alimentam da carne apodrecida de desertores formais e objectores de consciência potenciais».

A GLÓRIA DO REGIME

O ministro Gonçalves Rapazote dedicara a primeira parte da sua intervenção à análise de alguns problemas levantados pela complexidade da administração local:

. **«Os distritos autónomos, carregados de sensibilidade política e perfeitamente conscientes das suas necessidades, compreendem o esforço feito pelo Ministério das Finanças, pois têm uma perfeita noção das limitações impostas por uma política financeira sã conduzida com a segurança e firmeza que são apanágio e glória do regime, e das dificuldades de uma reforma financeira da administração autárquica obrigada a contemplar as mais variadas situações, naturalmente rebeldes a um tratamento universal e indiscriminado».**

Mais adiante, o titular da pasta do Interior acrescentava:

. **«A dignificação do poder local e a das instituições que o servem obrigam a respeitar rigorosamente as regras próprias da designação das pessoas que hão-de ocupar as funções honrosas e altamente representativas do concelho e do distrito, nos Municípios e nas Juntas Gerais.**

Conseguir um clima em que seja sublimado o espírito de servir o bem comum e honradas as pessoas que respondem pela administração local constitui uma acção política essencial para o prestígio do regime».

O ROSSIO LIVRE

A utilização do novo parque subterrâneo dos Restauradores libertou o Rossio do estacionamento de automóveis, devolvendo-lhe assim a sua face original. Os pombos regressaram em quantidade, as flores espalham-se à vontade pela praça e o lisboeta olha com uma certa supresa para um Rossio que ainda não conhecia.

FERREIRA DE CASTRO

Sonhar em Sintra

Não é só o seu espólio que Ferreira de Castro, depois de lhe oferecer durante muitos anos a sua presença de grande vulto da nossa literatura, doará a Sintra. **«Quero ser ali enterrado quando morrer»**, — disse, na passada sexta-feira, durante uma conferência de Imprensa, o autor de «Emigrantes». Porque escreveu ali, à sombra do bayroniano «Eden maravilhoso», alguns dos seus melhores livros, Ferreira de Castro tem a sua vida ligada a Sintra.

E parece que por vontade expressa, também à velha vila doará a sua campa. Entretanto, esperamos que esta última doação se faça só daqui a muitos anos.

«Pedi-lhes o favor de virem aqui para lhes dar alguns esclarecimentos sobre as razões porque doei ao concelho de Sintra o meu espólio literário.

«Fiz essa doação porque amo profundamente aquela vila, pela imensa poesia da natureza sintrense onde tanto meditei e sonhei e pelo seu povo tão meu amigo. Fi-lo porque foi em Sintra que escrevi, durante cerca de trinta anos, a maior parte da obra que realizei nesse longo período, o mais fecundo da minha vida.

«Decidi fazer a doação ao concelho de Sintra e não à Câmara Municipal por isso não implicar nenhuma transigência ideológica, uma vez que eu mantenho inflexivelmente as minhas ideias de sempre. Mas é justo dizer que a Câmara compreendeu bem essa minha atitude.»

(Palavras de Ferreira de Castro a propósito da doação do seu espólio literário ao concelho de Sintra).

SUPERMERCADOS E MERCEARIAS:

Os novos horários

Entre interesses de supermercados e pequeno comércio, de patrões, consumidores e empregados, a Câmara Municipal de Lisboa, fez as suas opções: alargou-se o periodo de abertura dos «estabelecimentos tendentes a satisfazer as necessidades alimentares», ou seja, dos supermercados, mercearias e charcutarias. Das 8 ás 21 horas, os empresários escolherão o horário que lhes convém: um mínimo de 8 horas, excepto ás segundas e sábados, em que poderá ser encurtado o período de funcionamente. Também ao critério dos patrões o encerrar ou não à hora de almoço, o fazer ou não horas extraordinárias. As pastelarias e confeitarias disporão de um período mais largo (das 8 às 24 h.) os restantes estabelecimentos de um período mais estreito (das 9 h. ás 20 h.).

Na prática, estas medidas correspondem a uma consagração da situação de facto vigente ou, mais precisamente, a um ligeiro alargamento dos horários já em curso. Consagra-se também uma tendência dominante na maioria dos países ocidentais, onde o grande comércio tem progressivamente imposto a sua lógica. Parece evidente que as grandes unidades comerciais disporão de enormes vantagens, em capital e pessoal, sobre as pequenas, podendo aproveitar integralmente o tempo legal de abertura e dominar assim uma maior parcela do mercado. Os pequenos patrões dizem-se desarmados, com dificuldade em pagar mais pessoal e sobretudo horas extraordinárias. Os empregados sublinham a sua exposição a horários mais longos e «fora de horas». Um argumento interessante a favor do alargamento diz que se resolveu o problema das mulheres empregadas. Poderão fazer compras até mais tarde: ou seja, trabalhar até mais tarde, garantindo sempre a sua função doméstica, e sobre-trabalho na família. Deste ponto de vista, facilita-se a situação da mulher enquanto consumidor e comprador, permitindo um mais longo periodo de trabalho efectivo.

A Justiça da razão a sacerdotes de Braga

Aguarda-se a publicação no «Diário do Minho» a resposta redigida pelos cinco sacerdotes e dois leigos visados numa nota publicada por aquele jornal em 2 de Dezembro do ano passado, assinado pelo secretário do arcebispo primaz de Braga.

Invocando a Lei de Imprensa, os atingidos enviaram para o jornal um texto resposta, tendo a sua publicação sido recusada. Recorreram então para o tribunal e o juíz ordenou a publicação. Contudo, invocando o artigo 2.º da Concordata entre Portugal e a Santa Sé, o director do «Diário do Minho», rev. Domingos de Araújo, impugnou o despacho judicial.

O caso seguiu depois para a Relação do Porto, a qual acaba de negar provimento ao recurso. O director do diário nortenho foi condenado no pagamento dos custos do processo e à publicação da resposta dos sacerdotes.

"REVOLUÇÃO SOCIAL NA GUINÉ"

DUAS SEMANAS EM LISBOA

O general Spínola chegou a Lisboa no dia 17, para duas semanas de «contactos directos dos responsáveis» pelos destinos da Guiné, que pretende, disse, «cada vez mais africana e, por isso, cada vez mais portuguesa».

Afirmou ainda na pequena declaração que proferio à chegada: «o esforço no sector do investimento público em enfraestruturas, como no do investimento privado em novos empreendimentos de adequada rentabilidade económica, carece de substancial apoio em clima de soluções de excepção, ou que reclamam constante acção pessoal, com vista à mobilização dos meios necessários».

A defesa da «revolução social da Guiné», da «reconstrução», da «liberalização da família», o voto duma Mocidade Portuguesa Feminina dedicada à «promoção da mulher africana», uma referência constante à irreversibilidade do progresso e das gerações e ao «espírito do tempo», uma crítica à «reacção sistemática» e à «torre hermética do intransigente conservantismo» — são estes os temas e os traços gerais do discurso que o general Spínola proferiu há dias em Bissau, dando posse à nova comissária provincial da M.P.F., D. Beatriz Sotta.

No extenso discurso, de recorte marcadamente ideológico, e dentro da linha em que o general Spínola tem procurado reformular os dados da situação objectiva na Guiné, não se encontra referência à luta político-militar no território. O texto exprime e desenvolve com clareza alguns dos conceitos mais frequentemente defendidos por aquele magistrado ultramarino, de que há poucas semanas se desmentiu o regresso à Metrópole.

Disse o governador: «É evidente que haverá razões para apreensão por parte dos que foram formados à luz de valores consagrados agora contestados pela geração nascente, e a quem, portanto, se levantam dúvidas àcerca do futuro para que caminhamos. Mas o espírito do tempo è uma realidade irrefutável. E por isso não nos podemos ater à defesa intransigente de conceitos que fizeram a sua época. Antes se impõe, como atitude realista e inteligente, impedir a todo o transe que se cave um fosso intransponível entre as gerações em confronto. E essa é uma responsabilidade que cabe à actual geração dos educadores» prosseguiu o general.

«A juventude — disse depois — poderá viver um mundo melhor construido para ela e também por ela com a ajuda do saber, da ponderação e da experiência dos seus redecessores, se estes se revelarem capazes de a compreender; ou, em alternativa, num mundo desvairado, arrancando violentamente a uma geração encerrada na torre hermética de um intransigente conservantismo, e construído sobre a areia da fantasia juvenil. Quanto a mim, penso que não estaremos à altura da missão que nos cabe se não entrarmos na corrente dos factos para, do seu interior, procurarmos a luz que conduza à reformulação de princípios no respeito pela essência dos valores que terão de conservar-se».

O general Spínola teve no dia 16 oportunidade de expor o seu pensamento quanto à organização privada, comunitária ou «colectivista» das infra-estruturas económicas da Guiné, designadamente no sector agrícola.

Discursando na cerimónia da doação à província dalgumas das terras que a Câsa Gouvêa (maioria CUF) ali tinha de propriedade, afirmou o governador que o acto revestia uma **«atitude de pioneirismo»** revelando **«identidade de pontos de vista dos outorgantes»** (Guiné e CUF) quanto **«a princípios básicos»**. O dr. Jorge de Mello acabara de relembrar os «cinco pontos básicos» da **«política de fomento»** defendida pelo general: **«Apelo à iniciativa privada, defesa da função social do capital, valorização do factor trabalho, ordenamento territorial e sectorial, e intervencionismo ponderado»**.

A CUF condicionara a doação: as terras de Fulancunda e Bolama terão de **ser exploradas em «regime comunitário»** pelas populações locais. A propósito do que denominou **«primeiro passo para além do nosso Bojador»**, disse o general Spínola que **«a propriedade é um direito fundamental que não pode receber tratamento diferente dos outros direitos»**. E que **«só reconhecendo esse direito à luz duma conceptualização mais humana das relações económicas poderemos evoluír para formas de vida que conservem os fundos traços dos valores tradicionais sem serem portadores do germe da revolução convulsiva que importa evitar»**.

«O capital aceita a sua função social sem necessidade de subverter uma ordem política pela anulação das liberdades fundamentais», afirmaria depois o governador, reconhecendo **«que o processo não se enquadra noa ortodoxia das doutrinas catalogadas»**.

Três parágrafos do discurso:

(1) «Entre os dois extremos haverá que procurar um meio termo menos injusto do que o incentivo ao aparecimento de uma classe minoritária detentora do capital, e mais operativo do que a socialização de escassos recursos abandonados a um processo de crescimento espontâneo ou, o que é pior, à sua gestão pela autoridade estatal — solução portadora do germe de uma burocracia sempre facilmente corruptível».

(2) «Não ignoramos que se não arranca para uma solução que responda às exigências do presente sem capital e sem tecnologia, pois só a sua disponibilidade permitirá a formação de rendimentos distribuíveis e a sequente acumulação de poupanças reinvestíveis. E tão pouco discutiremos a necessidade de actuar, através de mecanismos adequados, na distribuição desses rendimentos e na formação equilibrada das poupanças, com vista a uma efectiva democratização do capital; democratização a que se chega aliás pela ampliação do acesso colectivo à propriedade dos meios de produção e de que as sociedades anónimas e os «operários-accionistas» oferecem expressivo exemplo».

(3) «Visualizamos assim o futuro da província estruturado num número controladamente crescente de empreendimentos industriais, atraídos pelas possibilidades de concentração e rendabilidade que lhes são proporcionadas, e apoiados numa economia interna colectivizada ao nível do sector primário e de algumas modalidades do terciário. E antevemos a possibilidade de, por essa via, promover a harmoniosa distribuição de rendimentos crescentes, que assegurem nào só a expansão do mercado interno como o progressivo acesso dos guinéus a níveis de poupança que lhes permita cada vez maior penetração em actividades do sector secundário».

Os horários do comércio

A direcção do Sindicato Nacional dos Contabilistas, Guarda-Livros e Empregados de Escritório do Distrito de Braga solicitou ao governador civil uma audiência para lhe expor a situação dos trabalhadores decorrente do Decreto-Lei n.º 56/73, que conferiu às Câmaras Municipais competência para afixação dos períodos de abertura dos estabelecimentos de venda ao público das 9 às 21 horas.

O pedido de audiência resultou de uma reunião efectuada na sede do Sindicato, em que largas dezenas de associados de todo o distrito discutiram o referido diploma, considerando-o lesivo dos seus interesses e com graves consequências sobre a sua vida familiar, descanso, aproveitamento dos tempos livres, estudo e valorização profissional.

Companhia Universal de Seguros e Resseguros

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1972

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas,

No decurso do exercício de 1972 a Companhia Universal de Seguros e Resseguros prosseguiu a orientação que lhe foi imprimida dois anos atrás. Foi assim que enquanto os prémios directos quase estabilizaram fixando-se em 21 954 contos, o resseguro aceite conheceu novo impulso tendo passado de 60 147 em 1971 para 101 115 contos no ano findo, ou sejam um acréscimo superior a 65 %.

Para estes números a UNIVERSAL apoiou-se nas suas congéneres IMPÉRIO e SAGRES com as quais se encontra administrativamente unificada e muito substancialmente no desenvolvimento de estreitas relações com as restantes Companhias do mercado nacional, que têm compreendido e estimulado o esforço de uma empresa portuguesa no sentido de ganhar dimensão como resseguradora.

Continua a UNIVERSAL na expectativa das condições que lhe irão ser criadas pela regulamentação da Lei 2/71 ainda não promulgada e cujo contexto poderá influenciar, num sentido ou noutro, o caminho da experiência de uma grande resseguradora portuguesa. É de fé e esperança a nossa posição de espera.

Porque a actividade principal desta Companhia tem sido nos últimos anos essencialmente o resseguro, perdem significado alguns dos tradicionais índices de análise numérica de determinadas rubricas das Contas de Exploração. Contudo, é de realçar que os Gastos Gerais se mantiveram praticamente estacionários, não obstante o natural agravamento de custos ligados à expansão da nossa Empresa.

Apurou-se um resultado líquido de 5 426 390$60, incluindo 30 867$90 que haviam transitado do exercício anterior.

Atendendo porém à necessidade de continuar a consolidação da Empresa, entendeu o Conselho de Administração, com o acordo do Conselho Fiscal, dever prescindir, a exemplo do ano anterior, da aplicação das verbas consignadas no Art.º 25.º dos Estatutos e assim tem a honra de propor que ao resultado final apurado seja dada a seguinte aplicação:

Reserva Legal	500 000$00
Reservas Livres	4 900 000$00
Conta Nova	26 390$60

São merecedores de todo o nosso reconhecimento os membros do Conselho Fiscal, que ao longo do ano nos prestaram relevante auxílio e igualmente nos cumpre agradecer aos dedicados colaboradores, que foram todos, o esforço e acerto postos no cumprimento das suas funções.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Gonçalves Viegas Dias — Presidente
(em representação da Companhia de Seguros IMPÉRIO)
Alfredo da Costa Miranda
Arnaldo Constantino Fernandes
Augusto José Ferreira Murteira — Administrador-Delegado
Carlos Francisco Ferreira Pinto Basto Bobone
Fernando Pinto Coelho Bello
Per M. Hansson

BALANÇO GERAL
em 31 de Dezembro de 1972, incluindo Agências no Ultramar

ACTIVO

ACTIVO	Acidentes de Trabalho	Restantes Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMÁTICA (Resseguros cedidos)	-$-	—	—	-$-	-$-
RESERVA DE GARANTIA (Idem)	-$-	994 844$30	—	994 844$30	994 844$30
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS (Idem)	—	624 998$40	—	624 998$40	624 998$40
VALORES DE EMPREGO DAS RESERVAS:					
Títulos de crédito e numerário:					
Próprios	—	—	4 786 685$00	4 786 685$00	
De resseguradores	—	—	4 970 701$60	4 970 701$60	
Imóveis	—	—	13 735 000$00	13 735 000$00	
Empréstimos hipotecários	—	—	5 740 000$00	5 740 000$00	
Empréstimos sobre títulos	—	—	-$-	-$-	29 232 386$00
VALORES EM DEPÓSITO:					
De vários	—	—	650 000$00	650 000$00	
De resseguradores	—	—	-$-	-$-	650 000$00
DEVEDORES POR VALORES EM DEPÓSITO:					
Vários	—	—	1 542 484$80	1 542 484$80	
Ressegurados	—	—	13 706 867$30	13 706 867$30	15 249 352$10
IMÓVEIS	—	—	-$-	-$-	-$-
MOBILIÁRIO E MATERIAL	—	—	1 063 617$10	1 063 617$10	
— Amortizações de Mobiliário e Material	—	—	— 766 391$80	— 766 391$80	297 225$30
EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS	—	—	1 550 000$00	1 550 000$00	1 550 000$00
EMPRÉSTIMOS SOBRE TÍTULOS	—	—	-$-	-$-	-$-
ACCIONISTAS	—	—	-$-	-$-	-$-
DEVEDORES GERAIS:					
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—	—	2 627 321$70	2 627 321$70	
Ressegurados	—	—	3 057 474$50	3 057 474$50	
Resseguradores	—	—	-$-	-$-	
Outros	—	—	2 010 816$50	2 010 816$50	7 695 612$70
QUOTAS-PARTES DE INDEMNIZAÇÕES A RECEBER	-$-	841 198$70	—	841 198$70	841 198$70
PRÉMIOS EM COBRANÇA:					
Na Sede	1 638 803$00	1 503 578$70	—	3 142 381$70	
Nos Correspondentes	507 443$40	1 102 275$70	—	1 609 719$10	4 752 100$80
LETRAS A RECEBER	—	—	-$-	-$-	-$-
TÍTULOS DE CRÉDITO	—	—	91 237 394$00	91 237 394$00	91 237 394$00
DEPÓSITOS EM BANCOS	—	—	2 361 228$20	2 361 228$20	2 361 228$20
CAIXA	—	—	16 214$80	16 214$80	16 214$80
TOTAIS	2 146 246$40	5 066 835$80	148 289 413$10	—	155 502 555$30

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BALANÇO GERAL
em 31 de Dezembro de 1972, incluindo Agências no Ultramar

PASSIVO

PASSIVO	Acidentes de Trabalho	Restantes Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMÁTICA:					
De seguros directos	15 876 214$00	—	—	15 876 214$00	
De resseguros aceites	-$-	—	—	-$-	15 876 214$00
RESERVA DE GARANTIA:					
De seguros directos	-$-	3 856 349$10	—	3 856 349$10	
De resseguros aceites	-$-	31 706 293$10	—	31 706 293$10	35 562 642$20
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS:					
De seguros directos	—	760 168$60	—	760 168$60	
De resseguros aceites	—	13 317 900$00	—	13 317 900$00	14 078 068$60
CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO:					
Vários	-$-	—	653 333$40	653 333$40	
Resseguradores	—	—	5 530 361$70	5 530 361$70	6 183 695$10
CREDORES GERAIS:					
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—	—	2 010 258$60	2 010 258$60	
Ressegurados	—	—	3 666 053$60	3 666 053$60	
Resseguradores	—	—	243 612$10	243 612$10	
Outros	—	—	20 265 831$90	20 265 831$90	26 185 756$20
INDEMNIZAÇÕES A PAGAR:					
De seguros directos	33 431$40	1 877 401$00	—	1 910 832$40	
De resseguros aceites	-$-	19 475 618$60	—	19 475 618$60	21 386 451$00
COMISSÕES A PAGAR	250 621$90	342 839$50	—	593 461$40	593 461$40
PROVISÕES:					
Para incap. temporárias de Ac. Trabalho	960 896$30	—	—	960 896$30	
Para prémios em cobrança	504 888$40	763 785$80	—	1 268 674$20	
Diversas	120 378$40	269 976$40	258 603$20	648 960$00	2 878 530$50
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA					
CAPITAL	—	—	10 000 000$00	10 000 000$00	10 000 000$00
FUNDO DE RESERVA LEGAL	—	—	500 000$00	500 000$00	500 000$00
FUNDO DE RESERVAS LIVRES	—	—	5 700 000$00	5 700 000$00	5 700 000$00
FLUTUAÇÃO DE VALORES:					
De títulos	—	—	7 058 614$70	7 058 614$70	
De imóveis	—	—	4 072 731$00	4 072 731$00	11 131 345$70
GANHOS E PERDAS:					
Do exercício anterior	—	—	30 867$90	30 867$90	
Do exercício	—	—	5 395 522$70	5 395 522$70	5 426 390$60
TOTAIS	17 746 430$40	72 370 332$10	65 385 792$80	—	155 502 555$30

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONTA DE GANHOS E PERDAS, INCLUINDO RESULTADOS NO ULTRAMAR
em 31 de Dezembro de 1972

DÉBITO

DÉBITO	Acidentes de Trabalho	Acidentes Pessoais	Fogo	Agrícola e Pecuário	Automóveis e Resp. Civil	Marítimos	Transportes Terrestres	Aéreos	Diversos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMÁTICA:												
De seguros directos	1 049 469$80	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 049 469$80	
De resseguros aceites	-$-	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	1 049 469$80
RESERVA DE GARANTIA:												
De seguros directos	-$-	-$-	-$-	-$-	112 273$70	-$-	-$-	209$80	9 800$30	—	122 283$80	
De resseguros aceites	-$-	357 229$50	4 676 368$30	-$-	4 654$00	7 022 132$10	7 677$60	6 353$40	373 752$40	—	12 448 167$30	
De resseguros cedidos (diminuição)	7$20	2 732$60	45 448$70	1 962$70	230$20	11 360$10	619$60	5$60	27 231$00	—	89 597$70	12 660 048$80
PROVISÕES:												
Para incapacidades temporárias de Acid. Trabalho	50 157$60	—	—	—	—	—	—	—	—	—	50 157$60	
Para prémios em cobrança	-$-	1 663$80	-$-	2 373$00	61 270$60	-$-	-$-	-$-	4 426$70	—	69 754$10	119 911$70
AMORTIZAÇÕES	—	—	—	—	—	—	—	—	—	75 228$80	75 228$80	75 228$80
COMISSÕES:												
De seguros directos	1 121 336$00	92 713$10	431 261$70	15 743$80	1 177 663$80	29 031$40	24 505$70	1 541$40	25 711$20	—	2 919 508$10	
De resseguros aceites	-$-	3 298 658$60	12 843 850$80	-$-	1 330$70	8 691 601$10	20 751$50	15 836$90	723 571$40	—	25 595 663$00	
Despesas de aquisição	853 054$10	8 066$60	242 380$30	130 866$30	779 448$70	329 539$10	26 657$90	7 270$40	48 478$30	—	2 425 811$70	28 940 982$80
INDEMNIZAÇÕES:												
De seguros directos												
Do exercício	5 243 702$10	611 378$90	386 976$20	53 318$00	3 778 012$20	367 067$20	381 873$30	1 803$90	41 728$30	—	10 865 860$10	
De exercícios anteriores (reajustamentos)	5 862$70	6 300$00	54 683$30	-$-	— 46 096$50	— 83 835$70	5 403$90	-$-	— 11 009$90	—	— 189 781$80	
	5 237 839$40	617 678$90	332 292$10	53 318$00	3 731 915$70	283 231$50	387 277$20	1 803$90	30 718$80	—	10 676 076$30	
De resseguros aceites	-$-	1 979 292$80	16 149 268$40	36 702$80	834$90	38 559 765$20	31 588$20	12 032$80	1 540 032$80	—	58 309 537$90	68 985 614$20
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS:												
Prémios	62 460$20	232 847$20	868 485$30	79 303$00	82 262$70	1 997 695$70	56 568$60	2 064$40	21 127$60	—	3 402 824$70	
Juros	-$-	11 141$40	36 653$40	-$-	-$-	8 064$50	103$10	-$-	462$20	—	56 626$60	3 459 451$30
DESPESAS GERAIS:												
Órgãos sociais	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 097 380$00	1 097 380$00	
Pessoal	731 843$40	42 991$80	203 055$80	7 954$80	641 792$50	17 500$60	14 318$70	1 591$00	11 160$90	1 421 739$20	3 093 948$20	
Publicidade	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	16 719$90	16 719$90	
Outras despesas de Administração	342 189$50	22 395$30	93 046$40	3 219$30	306 032$70	8 181$80	6 693$00	243$90	5 221$00	947 114$50	1 732 342$60	
Encargos fiscais	242 011$60	6 801$70	221 411$90	4 347$80	281 303$70	6 011$10	4 638$90	296$70	3 860$00	333 262$10	912 018$50	
Encargos parafiscais	71 734$80	2 029$00	19 821$60	780$40	57 279$80	1 716$80	1 404$70	156$00	1 012$50	123 589$40	277 665$00	7 337 127$70
ENCARGOS DIVERSOS	-$-	-$-	68 481$80	-$-	128$50	12 275$80	-$-	-$-	2 235$30	1 411$20	84 592$60	84 592$60
SALDO	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5 426 390$60	5 426 390$60	5 426 390$60
	9 762 162$80	4 676 442$30	35 241 855$30	337 098$10	7 238 573$20	56 978 143$80	582 863$70	49 905$20	2 828 942$40	9 242 843$70		127 938 817$50

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONTA DE GANHOS E PERDAS, INCLUINDO RESULTADOS NO ULTRAMAR
em 31 de Dezembro de 1972

CRÉDITO

CRÉDITO	Acidentes de Trabalho	Acidentes Pessoais	Fogo	Agrícola e Pecuário	Automóveis e Resp. Civil	Marítimos	Transportes Terrestres	Aéreos	Diversos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
SALDO DO ANO ANTERIOR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	30 867$90	30 867$90	30 867$90
RESERVA MATEMÁTICA:												
De resseguros cedidos	-$-	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	-$-
RESERVA DE GARANTIA:												
De resseguros cedidos	-$-	46 561$30	-$-	-$-	2 435$80	115 777$30	263$40	206$40	-$-	—	165 306$20	
De seguros directos (diminuição)	381$90	8 841$00	44 859$50	2 629$60	20 269$30	41 514$80	4 938$70	-$-	2 085$60	—	125 520$40	
De resseguros aceites (diminuição)	—	-$-	-$-	1 599$80	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	—	1 599$80	292 426$40
PROVISÕES:												
Para incapacidades temporárias de Acid. Trabalho	-$-	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	
Para prémios em cobrança (diminuição)	213 711$00	-$-	15 374$10	-$-	-$-	97 633$70	18 326$00	1 543$80	1 750$40	—	348 345$00	348 345$00
PRÉMIOS E SEUS ADICIONAIS:												
De seguros directos	9 608 963$00	563 015$70	2 675 827$50	96 617$00	8 418 733$10	233 602$10	187 952$70	11 867$40	157 397$00	—	21 951 945$50	
De resseguros aceites	-$-	3 423 572$20	33 985 418$90	82 938$00	13 963$40	60 769 920$20	83 298$40	63 592$20	2 692 617$20	—	101 115 360$50	123 069 306$00
RECEITAS DE RESSEGUROS CEDIDOS:												
Comissões	-$-	62 502$20	373 727$60	-$-	10 723$70	79 178$00	14 390$50	518$00	2 589$10	—	543 623$10	
Indemnizações	43 770$10	5 034$00	675 400$20	49 913$60	194 347$70	733 215$50	305 289$70	-$-	720$40	—	1 509 455$00	2 053 084$10
RENDIMENTOS:												
Das reservas técnicas de seguros directos	321 873$20	33 222$40	54 860$00	715$70	196 122$00	9 531$00	1 383$70	12$00	2 716$70	—	1 200 437$60	
Das reservas técnicas de resseguros aceites	-$-	636$70	24 834$40	-$-	-$-	664$70	-$-	-$-	184$50	—	26 310$30	
De valores livres	—	—	—	—	—	—	—	—	—	745 056$90	745 056$90	1 971 834$80
RECEITAS DIVERSAS:												
Cargos em outras sociedades	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	—	
Outras	-$-	-$-	-$-	-$-	3 873$80	-$-	-$-	-$-	-$-	171 079$50	172 953$30	172 953$30
	10 701 159$00	4 133 403$50	37 850 322$20	234 413$10	8 469 833$40	62 039 044$20	615 845$10	77 739$80	2 859 093$00	947 004$30		127 938 817$50

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

Continuou a nossa Empresa, no ano findo, a linha de progresso que vinha percorrendo e lhe permite já atingir, no campo do Resseguro Aceite, lugar assinalável no mercado português, como pudemos verificar através dos contactos que, ao longo do exercício, fomos mantendo de modo a procedermos regularmente à análise dos livros da contabilidade e da respectiva documentação.

Encontrámos aqueles elementos em boa ordem e verificámos que a aplicação dos critérios valorimétricos usados na avaliação do património são correctos, satisfazendo-se, portanto, as disposições legais e estatutárias.

Assim, temos a honra de propor:

— Que seja aprovado o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1972;
— Que mereça também aprovação a proposta do Conselho de Administração para a aplicação dos resultados apurados no exercício;
— Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela boa orientação que tem imprimido na condução dos negócios sociais.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1973.

O CONSELHO FISCAL

Carlos Alberto Lencastre Araújo Bobone — Presidente
(Conde de Bobone)
(em representação da Soc. Agrícola do Madal, S. A. R. L.)
Vitor Manuel Gomes Freire
Luís Filipe de Cabedo

CRÓNICA DE DOMINGO

BOICOTE AO TELEFONE

Levanto o auscultador para fazer uma ligação urgente e, mal começo a marcar, entra-me pelos ouvidos, nítida, como se estivesse a passar-se a meu lado, uma inofensiva conversa entre primas:

— **Bem, a prima sabe, isto o que é preciso é saúde...**

— **Saúde, sim, saúde é que me falta. A mim e ao meu marido...**

Desligo rapidamente e torno a tentar a chamada. Qual quê! A conversa das primas boicotou-me o telefone:

— **Uma sopinha leve não faz mal nenhum, prima: olhe, é um pãozinho, uns coentros e um ovinho cozido.**

Pouso de novo o auscultador: nem sequer posso socorrer-me do «13», o tal das avarias. Resta-me esperar — ou sair de casa e ir à cabina pública mais próxima. Entretanto, enquanto não me decido, vou levantando o telefone de dois em dois, de cinco em cinco minutos: as primas continuam e não há remédio:

— **O meu marido é só uma questão de nervos. Não tem nada de especial...**

Tento um golpe: assobiar «La Donna é Mobile», por exemplo, ou «A apanhar o trevo», a ver se desistem. Fazem que não é com elas:

— **Sim, mas isso dos nervos é um problema. Ele, se calhar, come de mais...**

Já passou mais de meia hora. Mudo de assobio: tento uma «Fuga» qualquer, parece-me que em mi bemol. Alto! Reagem:

— **Há um malcriado na linha. Olhe, prima, vou desligar.**

«Isso, isso», digo eu, em triunfo.

— **Olha o ordinário!** — respondem em coro. E desligam, deixando-me livre para a minha chamada urgente.

TORQUATO DA LUZ

SURDOS
CASA SONOTONE

DESEJAMOS PÁSCOA FELIZ A TODOS OS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS; E A TODA A IMPRENSA QUE CONNOSCO COLABORA

É uma tristeza não ouvir bem! Aproveitem esta altura da Páscoa para oferecerem aos seus familiares um aparelho auditivo, a fim de serem felizes voltando à alegria de viver. Os exames são gratuitos. Temos o que há de melhor para corrigir a surdez: Aparelhos de bolso, atrás da orelha, óculos via aérea e óssea. Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à garganta. Assistência técnica permanente a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou de quaisquer marcas. Esperamos a vossa visita, com um grande OBRIGADO em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Rua António Enes, 42-2.º, Apartamento 26

VÁ AO TEATRO

e assista a uma extraordinária Revista

NO

Teatro ABC

Telef. 366745
Grupo D, Maiores 18 a.
SÉRGIO AZEVEDO
apresenta

P'ró menino e p'rá menina

Sensacional Revista
elogiada pelo público e crítica

NICOLAU

ANABELA ★ MONTEZ ★ MARIEMA ★ IO APOLONI

a atracção Mundial

DIABLOS DEL BOMBO

HELENA ISABEL, ESPADINHA, GRAÇA VITÓRIA, LUÍS MASCARENHAS, CARLOS GONÇALVES e MARIA TAVARES

2 SESSÕES: AS 20.30 E 23 HORAS

LEONEL DE SOUSA

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

A família, Ginásio Clube de Águeda e Fábrica de Motorizadas Macal vêm por este único meio agradecer a todos os que manifestaram o seu pesar pelo seu falecimento e participam que a missa do 7.º dia se realiza no dia 24 às 20 horas, na igreja da Trofa-Mourisca do Vouga. Sensibilizados agradecem a comparência.

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINIÇA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

TRABALHOS DE RENOVAÇÃO DA VIA

LINHA DO DOURO

Por motivo das «Férias da Páscoa», são suspensos os trabalhos da renovação da via na Linha do Douro, no período de 18 a 24 de Abril de 1973 (inclusive).

Assim, as alterações previstas no Aviso de 18 de Dezembro de 1972, serão igualmente suspensas naquele período, durante o qual se efectuarão as circulações constantes dos cartazes afixados nas estações.

SENSACIONAL...

Encoradora	**1000$00**
Secadores Cabelo	**140$00**
Aspiradores	**1200$00**
Frigoríficos Mol	**1790$00**
Panelas Pressão	**290$00**
Máq. de Lavar Automáticas	**4500$00**
Sofás Camas	**1800$00**

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

PARTICIPAÇÃO

ENG.º JOSÉ MANUEL TACCO VIANNA BARRETO

Os Directores e todo o Pessoal da F. N. M. — Fábrica Nacional de Margarina, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu Director Técnico.

Informam ainda que no dia 23 de Abril, às 19.30 horas, será rezada missa do 7.º dia, na Igreja dos Jerónimos.

Maria Adelina de Sequeira Chaves Colaço

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família, participam que amanhã, às 19.15 horas, na igreja de S. Jorge de Arroios será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

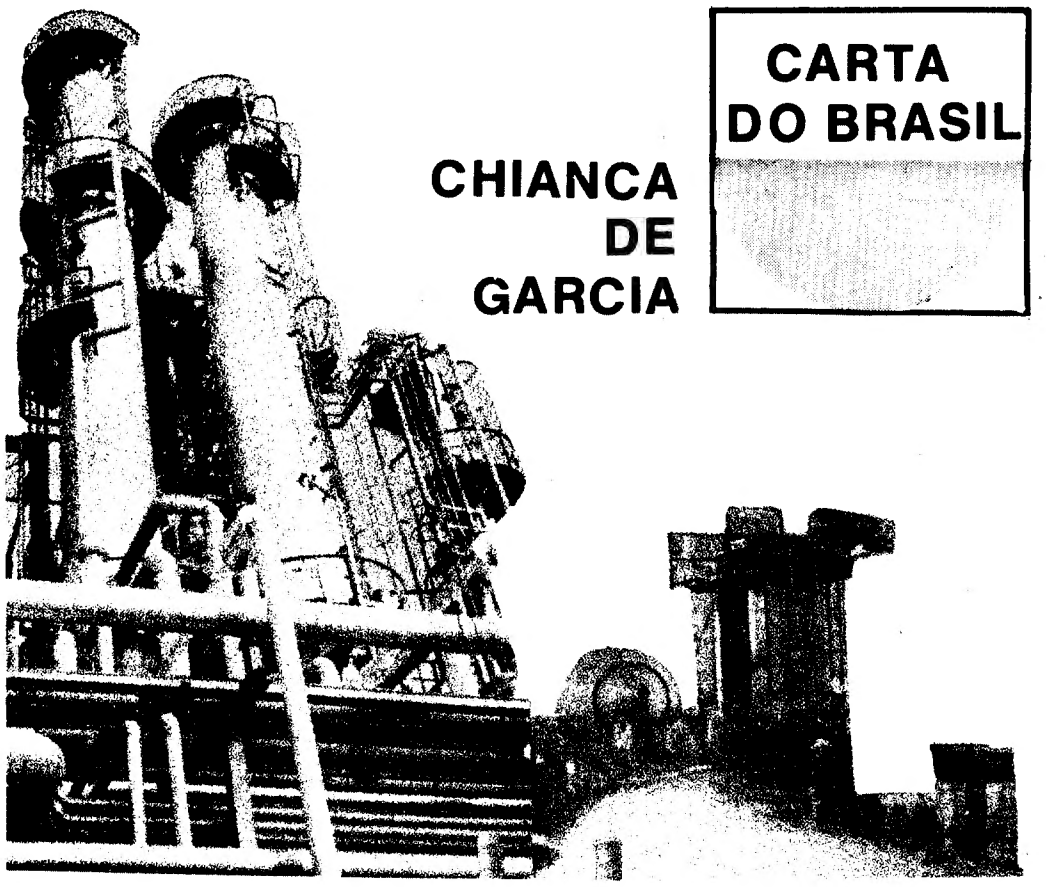
Agradece desde já às pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto, bem como às que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, e a quem por desconhecimento de moradas o não fizeram directamente.

P.N.A.M.

Mitologia da gasolina

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA



Vocês sabem como brasileiro gosta de automóvel. Imaginem agora o pânico que se estabeleceu com os jovens prevendo o fim da era do petróleo.

E para isto levaram os brasileiros gritando durante vinte anos: — «o petróleo é nosso!» quando não é, certo, as grandes indústrias automobilísticas. Ainda esta semana chegou a Fiat que vai produzir um novo modelo: — o mineirinho. Sim, a produção não pode parar. Porque, mesmo ante a ameaça anunciada o automóvel ainda não é rei. Até à última gota de gasolina.

Para uso exclusivo dos motorizados criaram-se, como sabem, centenas de viadutos, além de garagens de quarenta andares. Mesmo assim as velhas ruas não dão mais nem lugar para um humilde pedestre andar sem perigo de vida.

Segundo li, só nos três primeiros meses de 1973 houve no Brasil, segundo as estatísticas, cento e cinquenta mil desastres, com trinta e sete mil mortes e setenta e quatro mil feridos. E, vejam vocês, tudo isso em vão, porque, como tanto se teme:

— Vai acabar a gasolina no mundo.

Nossa! Quanto sonho desfeito. Da América do Norte já nos chegam telegramas assim: — «Fontes bem informadas da indústria petrolífera prevêem que dentro de poucas semanas serão exibidos em todos os postos de gasolina, em dias alternados, cartazes com os seguintes dizeres «HOJE NÃO TEM GASOLINA».

DEPOIMENTO

Ora se isto já está acontecendo na América, ouçam o que me disse o chofer de praça que me conduzia ontem para a cidade:

— Veja o senhor. Estou ficando velho. Na casa dos quarenta. Pois durante vinte e cinco anos lutei para comprar este carrinho. O senhor nem sabe os sacrifícios que fiz. E agora, de repente, vem esse negócio de que a gasolina está acabando. O senhor pode imaginar nada mais trágico? É o fim do mundo...

E de tão nervoso quase atropelou uma pobre mulher que, no aterro do Flamengo, voltava da praia com duas crianças...

NOSTALGIA

Mas nem todos pensam como o meu ocasional motorista. No jardim do Russel, no sopé do monumento a São Sebastião, que já foi protector do Rio de Janeiro, um negro, de não sei que seita religiosa, arengava assim, perante meia dúzia de curiosos que acabaram jogando-lhe pedras:

— Bendito seja Deus! Pelas setas que atravessaram o corpo deste mártir (e apontava a estátua) eu juro que só desejo viver para assistir ao primeiro dia em que, nesta nossa cidade, não haverá nem um só automóvel funcionando. Nem cheiro de gasolina. Nem esses gases que poluem o nosso espírito, nem buzinas, nem gente atropelada, nem mortos, entre poças de sangue, estendidos nas calçadas. Lembram-se? Antigamente cuidava-se deles. Vinha gente cobrir os corpos com um lençol. Acendiam-se quatro velas. Agora, ficam por aí desprezados, às dezenas, até que venha o rabecão para levá-los para o necrotério!

OUTRAS RAZÕES

— E você o que pensa? indago do presidente da Federação do Ciclismo:

— Meu caro, eu sabia, há muito, que a bicicleta se aproximava do seu período áureo. A bicicleta, essa injustiçada! Sabe? Ela era para muita gente, como o burro, o nosso burrinho tradicional, e tão brasileiro, o burro amigo, teimoso mas paciente, que tanto ajudou o Brasil a crescer galgndo serras nas veredas do sertão. E no entanto, hoje, nem mais é lembrado pelas crianças. Pois o mesmo sucedeu com a bicicleta. Quem é que aceitava a bicicleta, se ela tinha circulado ao lado ostensivo e violento do automóvel?

— Nesse caso você pensa...

— Lógico. A bicicleta vai voltar. Económica, salutar, silenciosa, ágil, gentil, incapaz de poluir a atmosfera. A bicicleta com o fim da gasolina, representa a restauração do reinado natural da ecologia...

INCERTEZA

Mas é claro, leitor, que tudo isto não vai dar em nada. Vai haver muita conversa, muita polémica, muita ameaça, muita comissão internacional de alto nível, e principalmente a promessa de que novas regiões petrolíferas estão sendo encontradas, exactamente onde, até hoje, tinha sido comprovada a sua não existência (por razões políticas e acima de tudo por interesse dos que eram, até aqui, donos do petróleo).

Tudo isto, como afirma um amigo meu, o Tulio Benevides, homem experimentado, é apenas um pretexto para que o preço da gasolina vá duplicar, triplicar, quintuplicar...

Mas não é tanto assim, não. E não será mentira se num futuro próximo virmos os velhos motoristas passarem pelos postos de gasolina em ruínas, — olhando-as de revés, como cachorro passando por vinha vindimada...

PROBLEMAS

Enquanto isso estão rindo os donos da maior riqueza petrolífera, do mundo de hoje. Onde? Quem são eles?

A Arábia Saudita (é assim chamada em Portugal?) está acumulando riqueza em ritmo tão acelerado, graças às suas exportações de petróleo, que, em 1980, a estabilidade do dólar poderá depender dos cabedais dessa monarquia tradicional e conservadora. E nesse caso, diz um especialista da revista americana FORBES, «os Estados Unidos estarão na dependência dos sauditas que, por essa época, lhes devem estar fornecendo 40 por cento do seu consumo anual». Mas por que preço?

A VERDADEIRA RAZÃO

Mas isto não seria nada, se não houvesse um outro problema que não é agradável para a América do Norte. É que a Arábia Saudita está disposta a gastar o dinheiro que ganha dos americanos, e do resto do mundo, para sustentar o Egipto, a Síria e Jordânia nas suas ameaças a Israel.

Estão vendo a outra face do problema?

Diz o mesmo cronista da revista FORBES: «um dia virá em que os políticos norte-americanos enfrentarão a difícil alternativa de escolher entre a premente necessidade do petróleo e o apoio ao povo judaico».

Então, como existe sempre redivivo no mundo, o génio de Maquiavel, surgiu uma nova filosofia: «Se os oceanos são de toda a humanidade, porquê só o petróleo há-de pertencer apenas àqueles que, por mero acaso o possuem no seu solo»

E cresceu a onda de que o petróleo está em extinção, e de que é preciso distribui-lo equitativamente entre todas as nações.

Ideia que, é claro, fez sorrir o presidente Nixon.

PERTO DO MAR

Eu gosto de, noite alta, passear ao longo desta nova praia de Copacabana. Encontro sempre, aqui ou ali, um ou dois sujeitos dispostos a um livre bate-papo. Sem ninguém a espiar-nos.

Foi o que sucedeu ontem. Eu ia escutando o sussurrar das ondas quando um conhecido meu, o Pontual Camargo, se ergueu de um banco, para me mostrar em letras graúdas este título na primeira página de um jornal: **«Nixon proporá uma santa aliança contra os detentores do petróleo»**.

— A quem? indaguei.

— À Europa e ao Japão. O que é que você acha?

Mas sem esperar resposta, resolveu por si próprio:

— Eu estou de acordo. É preciso isso mesmo. Universalizar o petróleo. Só uma Santa Aliança dos outros povos, como quer o presidente Nixon, é que pode evitar que o petróleo pertença, em exclusividade, ao seu país de origem. O petróleo é de todos.

Mas logo outro conhecido, que se acercara, o César Aboim, interveio:

— Tem um porém. Porque, reparem, se de facto, todo o petróleo do mundo estivesse enfornado nos Estados Unidos, e se algum outro país quisesse impor a mesma doutrina, logo qualquer presidente americano que estivesse no Poder diria que se Deus lhes deu tanta força de energia criadora, isso era o justo prémio à qualidade moral, religiosa e cívica dos sagrados princípios da Constituição da América do Norte, símbolo da Liberdade!

E ousaria mesmo avisar que se por acaso algum país não estivesse de acordo, facilmente, desencaixotaria seus milhares de bombas napalm, guardadas em seus arsenais.

As mesmas, é claro, com que está arrasando o Camboja.

ENFIM, A MITOLOGIA

Afastei-me. E quando cheguei diante do novíssimo jardim do Lido, vi, na distância, aproximar-se um endemoniado exército de cem, duzentas motos, de faróis cintilantes, entre nuvens de fumaça, tal como no fim da Roma, de Fellini.

Foi quando um noctívago, como eu, tocou de leve no meu braço:

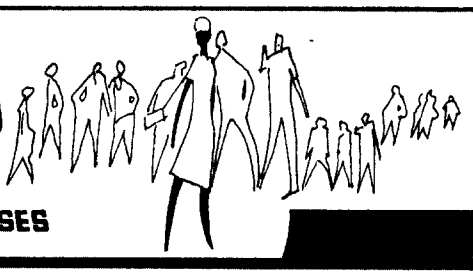
— Sabe? Estou empolgado com a notícia de que, dentro de trinta anos, estará esgotado todo o petróleo do mundo. Maravilhoso, não? O petróleo ficará para os séculos que hão-de vir como a grande mitologia do século XX, sendo a gasolina, a nossa suprema deusa. Ele próprio, o Petróleo, será considerado a verdadeira encarnação de Júpiter, num século em que a Velocidade, será a era de todos os sacrifícios. Veja o seu embalo prodigioso. Veja. Eis a motocicleta, o anjo da Morte da Juventude que aí correndo, num desespero alienado, que me faz pensar naquele filme «Easy Rider». Lembra-se? Lembra-se?

Sim, eu me lembrava.

ABRIL de 73

Para correspondência: R. Fernandes Mendes, 28 Ap. 908 - Copacabana - G. B. BRASIL

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES



TÉCNICOS DE RÁDIO E ELECTRÓNICA

— Curso Industrial completo ou instrução primária com formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.

Outros requisitos:

— Nacionalidade portuguesa;
— Serviço militar cumprido ou dele isento;
— Menos de 36 anos de idade;

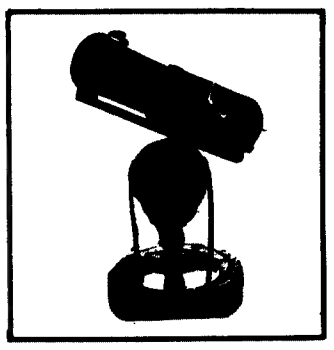
Oferece:

— Vencimento compatível;
— Gratificação de Natal;
— Subsídio de férias;
— Salários diferidos;
— Regalias Sociais;
— Viagens.

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições na Divisão do Planeamento do Pessoal até ao próximo dia 1 — Edifício 25 - 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

A CIÊNCIA E O HOMEM



por ANTÓNIO BAPTISTA

A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE

Elementos do abecedário

Pode dizer-se que, no século XIX e princípios do século XX, se não concebia, praticamente, a ciência senão como actividade ligada à Universidade. O desenvolvimento científico e as suas consequências explosivas (por vezes no sentido literal) do progresso tecnológico tornou os quadros universitários insuficientes para sustentarem esse progresso. Corria-se, assim, o risco de a função didáctica do professor universitário ser gravemente perturbada pela sua actividade como investigador científico. O professor universitário é, com efeito, primariamente, um investigador científico com aptidões didácticas mas é no equilíbrio destas duas funções que realiza a sua função de comunicar ensinamentos e de formar discípulos. Vemos, assim, criarem-se fora das universidades centros de pesquisa científica orientados para missões específicas e que completam as tarefas da universidade a qual, no entanto, continuou a estar na base de toda esta estrutura e a garantir a sua eficácia e integridade. Com efeito, só há um substituto para uma universidade: outra universidade melhor.

Esta a a situação que se observa na maioria dos países tecnologicamente desenvolvidos. Mas qual a situação portuguesa? Será que efectivamente o desenvolvimento científico da nossa Universidade exige que se passe ao escalão seguinte? Está a sua missão didáctica comprometida pelo peso das suas responsabilidades científicas e tecnológicas? Parece evidente que não, pelo que constitui séria irresponsabilidade falar-se duma reorganização da estrutura científica do nosso país, sem se reconhecer primeiro que há que começar pela Universidade. Falemos da profissão de investigador científico mas lembremo-nos que os investigadores já devem existir sob a pele de professores universitários. O título de professor universitário não pode ser meio que permite ao médico aumentar o preço da sua consulta, ao advogado o custo dos seus pareceres, ao engenheiro os encargos com os seus projectos ou um passaporte para qualquer actividade menos a legítima.

O título de professor é um contrato que um indivíduo assina para criar discípulos e participar no desenvolvimento científico e tecnológico do país. Uma cátedra, ao contrário do que por aí assustadoramente se vê, não é uma cadeira posta numa sala com bancos para alunos nem sequer mesmo com o seu laboratório ou sala ao lado para trabalhos de aplicação. Uma cátedra é uma instituição criada para o progresso científico da matéria a que se refere e que funciona, por uma parte, como centro de informações e, por outra, como centro de formação, num núcleo activamente contribuindo, originalmente, para o progresso científico e tecnológico. Talvez não fosse desrazoável antes de adquirir aparelhos e máquinas nos países mais desenvolvidos, importar antes regras de selecção para o pessoal universitário

Veríamos logo que as exigências da selecção deveriam ser acompanhadas por remuneração adequada. Sai muito caro a uma nação pagar pouco aos seus melhores homens. Não se pode ser professor umas horas e, depois, ser-se uma das muitas outras coisas possíveis que fazem parte doutro comércio e doutra dignidade.

O resto, é fado...

• SUBSTITUTOS PARA O SANGUE

O sangue tem uma grande variedade de funções e claro está que não se pensa ser possível encontrar um substituto com todas as propriedades do produto natural. Recordemos que o sangue tem entre outras as seguintes funções: remover o anidrido carbónico e produtos metabólicos da circulação; transporte dos agentes de coagulação e daqueles responsáveis pelas respostas imunitárias; a acção enzimática dos glóbulos vermelhos, etc. No entanto pensa-se que será possível encontrar um substituto para as funções vitais mais urgentes como são o transporte de oxigénio e de metabolitos para os tecidos, assim como a manutenção de níveis adequados de iões e outros solutos nos fluidos fora das células. É neste campo que se concentram os esforços dos investigadores.

O mundo sofre duma falta de sangue que torna o problema agudo quando o número de acidentes aumenta e agora que os cirurgiões realizam certos tipos de intervenções que exigem a substituição de grandes volumes de sangue material delicado e de difícil armazenamento.

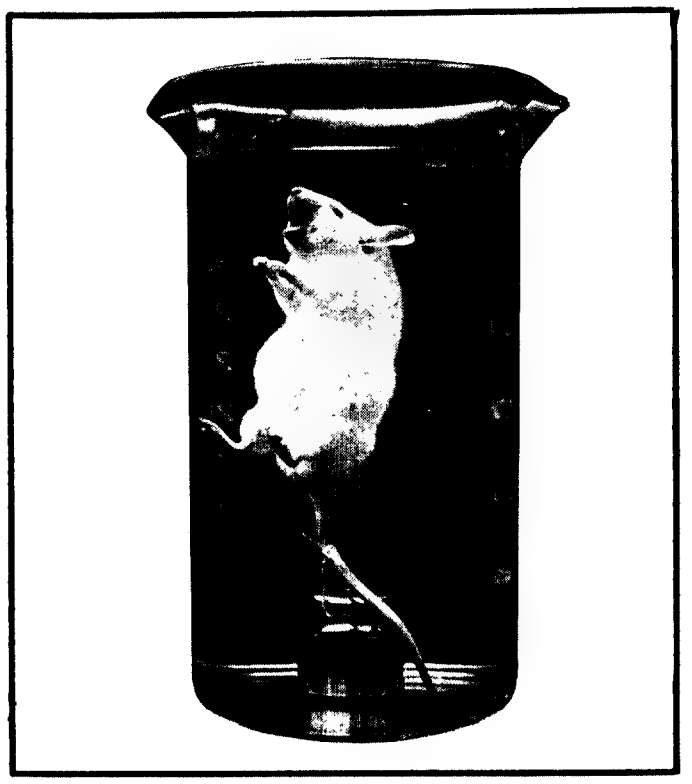
O objectivo, por agora, é o de encontar um líquido tolerado pelo organismo que possa substituir, como dissemos o sangue como transportador de oxigénio e de metabolitos e que seja eliminado do organismo com relativa rapidez. A sua função será a de permitir, satisfazendo essas necessidades mais urgentes do sangue, que o organismo fabrique ele mesmo o sangue de que necessita.

Em 1966, duma forma dramática, o Dr. Leland C. Clark do Colégio de Medicina da Universidade de Cincinnati mostrou que existe um grupo de substâncias às quais se ligam o oxigénio com facilidade e que com igual facilidade cede esse oxigénio aos tecidos. Trata-se de compostos orgânicos onde todos os átomos de hidrogénio são substituídos por átomos de fluor-compostos perfluorquímicos. Pois o Dr. Clark, como se mostra na figura mergulhou r a t o s nesses perfluorquímicos que são produtos inertes, durante bastante tempo.

Os animais conseguiam respirar, retirando o oxigénio dissolvido no líquido e u m a vez retirados dele e colocados de cabeça para baixo para se escoar o líquido dos pulmões, sobreviveram normalmente.

Com efeito os perfluorquímicos podem dissolver cerca de 40 por cento do seu peso em oxigénio. Recordemos que a água ou o plasma sanguíneo podem apenas dissolver cerca de 3 por cento do seu peso em oxigénio e o sangue total cerca de 20 por cento.

O problema que surgiu no caminho dos investigadores foi o de estas substâncias se acumularem nos tecidos, e não se misturarem no sangue, provocando embolias, isto é, obstruções dos vasos sanguíneos. Há cinco anos, no entanto, o Dr. Robert Geyer da Escola de Saúde Pública de Harvard encontrou casualmente um produto que é capaz de emulsionar os fluorquímicos que sob a forma de suspensão ou mesmo sob a forma de colóides já são eliminados pelo organismo. Trata-se de polímeros com a designação geral de plurónicos. Com eles conseguiram-se emulsões em que os fluorquímicos ficavam sob a forma de partículas com 0,2 micrómetros de diâmetro um micrómetro é igual à milionésima parte do metro).



Rato mergulhado num fluorquímio onde se manteve durante uma hora respirando o oxigénio dissolvido no líquido. Retirado ao fim desse tempo e mantido durante algum tempo de cabeça para baixo para se escoar o líquido dos pulmões o animal continuou a viver normalmente

Em experiências recentes Clark conseguiu substituir 90 por cento do sangue de cães sem colocar em risco a vida dos animais. Por sua parte Geyer substituiu todo o sangue dos ratos com idênticos resultados.

Os fluorquímicos assim emulsionados foram eliminados em cerca de uma semana não tendo afectado a capacidade dos animais produzirem em tempo o seu próprio sangue com as suas proteínas. Também se verificou que as actividades cerebrais continuavam íntegras. Mais recentemente ainda começou-se a experimentar com macacos substituindo-se cerca de 90 por cento do seu sangue também sem se observarem quaisquer inconvenientes.

Falta, pois, passar ao homem. Os problemas são maiores pois que outros investigadores têm encontrado dificuldades atribuíveis produtod tóxicos que acompanham os fluorquímicos difíceis de produzir com a pureza necessária. Mas parece não haver dificuldades atribuíveis a produtos com engenho devidamente adubado com dinheiro.

• Exercícios de interpretação de textos científicos

Sabe-se que os cientistas, tal como os homens de leis-alguns maliciosamente diriam que não pelos mesmos (in) confessáveis motivos preocupam-se muito com o sentido justo das palavras. Nisto, contudo, nunca se aproximaram da autêntica obsessão de grande número de filosófos actuais pelo significado das palavras empresa que um respeitado cientista classificou como representando, do ponto de vista intelectual, um investimento de pequenos recursos e fraco rendimento... Não é de estranhar que no folklore da ciência existam expressões que há que interpretar correctamente para se compreender o seu sentido verdadeiro. Eis alguns exemplos que encobrem, com o seu sorriso bem disposto, algumas fraquesas humanas:

Escreve o cientista:

«Sabe-se já há muito tempo que...

Interpretação:

«Não me dei à maçada de procurar a referência bibliográfica original».

Escreve o cientista:

«... o aparelho sofreu uma deformação acidental quando procedia à sua montagem.

Interpretação:

«... deixei cair ao chão o aperelho...»

Escreve o cientista:

«... o aparelho foi manuseado com extremo cuidado durante as experiências...

Interpretação:

«... nunca deixei cair no chão o aparelho...»

Escreve o cientista:

«... Como se vê, será necessário muito trabalho adicional antes de conseguirmos uma explicação completa...»

Interpretação:

«... Não compreendi nada disto...»

Escreve o cientista:

«...Espero que este trabalho seja um estímulo para outros neste campo...»

Interpretação:

«Bem. Este trabalho não é grande coisa mas o mesmo acontece com os outros neste maldito assunto...»

Escreve o cientista:

«... este assunto é da maior importância teórica e prática.....«

Interpretação:

«...é verdade. Este assunto interessa-me muito.»

Escreve o cientista:

«...mostram-se resultados típicos...»

Interpretação:

«Estes são os melhores resultados que obtive...»

Escreve o cientista:

«Escolheram-se três das amostras para estudo mais detalhado»

Interpretação:

«Os resultados obtidos com outras amostras não faziam sentido e melhor foi ignorá-los...»

Escreve o cientista (português)

«É impossivel, nas condições actuais, realizar qualquer investigação cientifica válida...»

Interpretação:

«Na verdade, não nasci para isto. Mas é tão bonito dizer que sou um investigador científico...»

ANTOLOGIA

A história que escolhemos é atribuida a Francis Bacon, aquele Bacon que até, sem grande exagero, poderíamos classificar como um dos mártires da Ciência, ao serviço do homem, pois que morreu de doença contraida durante os seus esforços para demonstrar que o frio pode conservar a comida.

É possivel que Bacon contando a história como ocorrida século e meio antes, quizesse referir-se a alguma situação sua contemporânea, ao fim e ao cabo o mesmo confessável motivo que me levou hoje a escolhê-la.

Aparentemente é uma caricatura do espírito (falta de) científico medieval mas Bacon sabia bem que a vida real é capaz de repetir tonteiras com uma insistência verdadeiramente comprometedora para a inteligência-sensibilidade média humana. Brinca, brincando, Oscar Wilde estaria mais perto da verdade do que ligeiramente pensamos. Nisto da natureza a imitar a arte temos é de nos queixar da insistência verdadeiramente penosa da natureza. Porque não há só dentes de cavalo que contar quando se quer afirmar que algo existe, ou não existe...

Mas vamos à história.

«No ano de Nosso Senhor.', 1432, acendeu-se azeda discussão entre os irmãos sobre o número de dentes na boca dum cavalo. Durante treze dias a disputa ardeu sem cessar. Foram consultados todos os livros e crónicas antigas e foi espanto ouvir toda aquela maravilhosa e ponderada erudição:

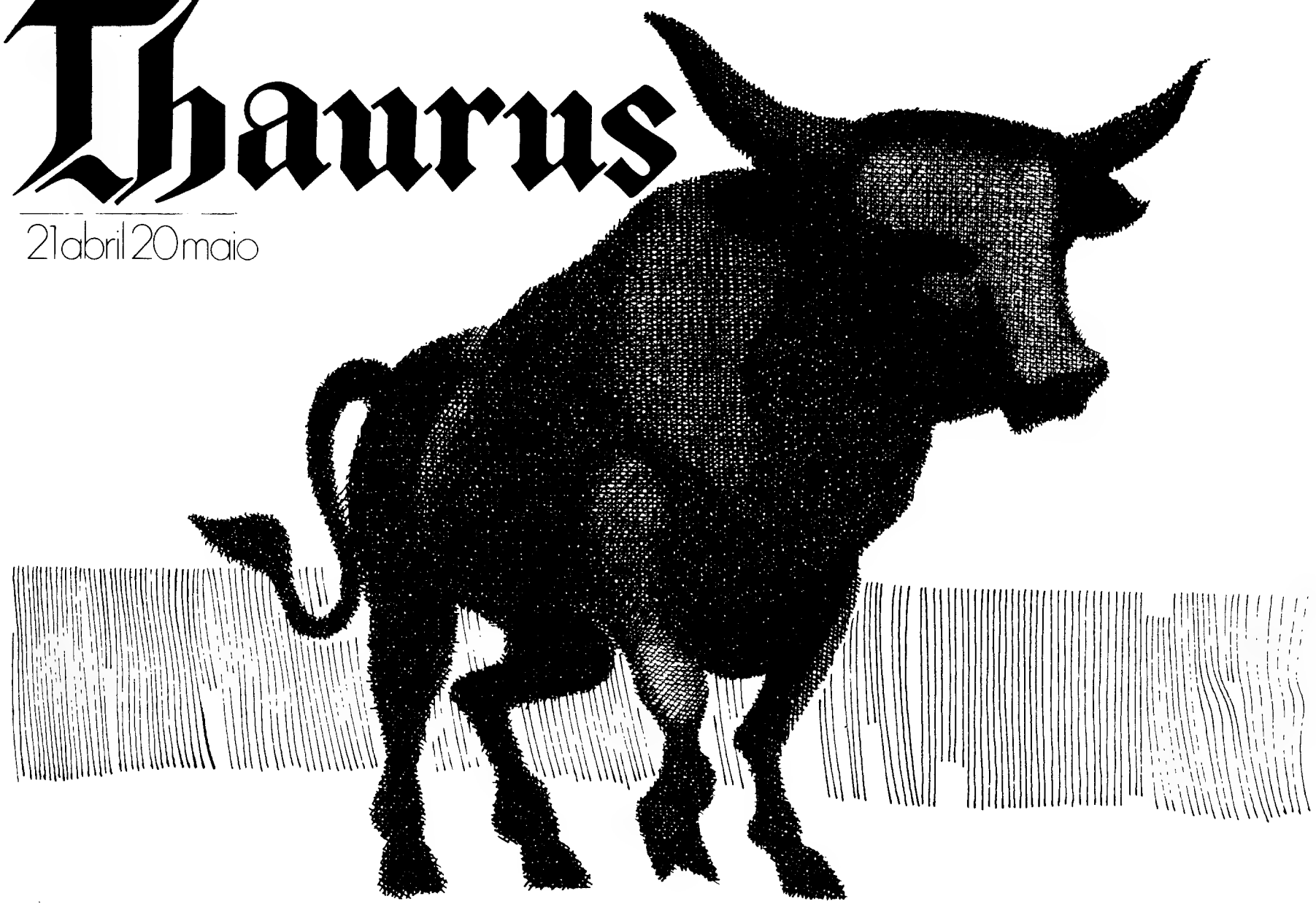
Nunca se tinha assistido nessa região a coisa assim. No princípio do décimo quarto dia, um jovem frade, de boa presença, pediu aos seus ilustrados superiores para dizer umas palavras e sem mais delongas, perante o pasmo dos disputantes, cuja profunda sabedoria feriu amargamente, suplicou-lhes a que, inaudita e grosseiramente, descessem a abrir a bôca dum cavalo e aí encontrarem a resposta às suas dúvidas.

Dito isto, a sua dignidade severamente maltratada, a indignação dos disputantes cresseu e tumultuosamente, aos gritos, lançaram-se sobre o atrevido e, depois de o sovarem exemplarmente, correram com ele da sala. Com certeza Satanaz tinha tentado este neófito atrevido para que proclamasse meios ímpios e anauditos de encontrar a verdade, contrários a todos os ensinamentos das autoridades, Depois de muitos dias de vigoroso debate, a pomba da paz desceu sobre a assembleia e como um só homem declararam que o problema constituia um mistério insondável devido a lamentável falta de testemunhas históricos e teológicos. E para que constasse isso ordenaram que ficasse bem escrito».

T-14-73 app

Thaurus

21 abril 20 maio



ALGARVE O sol já não deixa o céu algarvio, bronzeando, com saber antigo, os corpos dos que demandam, ao fim-de-semana, os empreendimentos da Torralta nas praias do Sul.

TROIA Durante este período, algo será inaugurado em Troia.
Mais um polo de atracção, mais um marco na geografia da capital do Turismo.
Ir a Troia é participar na história do nascimento de uma cidade.

ALENTEJO O verde mar de espigas, inicia o trânsito da cor, dourando-se lentamente ao vento que anuncia o céu de fogo estival.
É nesta paisagem, ainda a descobrir, que a Torralta prepara a possibilidade de oferecer dentro de pouco tempo, fins-de-semana inesquecíveis.

SERRA DA ESTRELA A neve já é quase só recordação.
A serra recorta-se no ar límpido e puro, que envolve a grandeza agreste e hospitaleira.
Em breve já poderá fazer uma estadia no hotel da Serra da Estrela.

DECÍSÃO Proporcionamos-lhe várias opções.
Qualquer que seja a sua preferência, o seu gosto pessoal, podemos dar-lhe completa satisfação. A decisão é sua.

TORRALTA

7 DIAS

1 DOMINGO

A O. E. A. reconheceu e apoiou o princípio da pluralidade das ideologias. Os países membros poderão a partir de agora «adoptar livremente um regime de governo e uma organização social e económica» que melhor lhes convenha. Esta decisão que abre claramente as portas ao fim das sanções contra Cuba, não terá efeitos imediatos pois o regime de Brasília conseguiu fazer aprovar uma emenda em que se afirma que o reconhecimento do direito à pluralidade ideológica não significa o rompimento das obrigações contraídas pelos países membros dos tratados contraídos segundo a carta da O. E. A. Imediatamente, pois, não haverá alterações. Contudo, esta decisão pode de certo modo considerar-se como histórica pois põe em causa toda uma doutrina anticomunista que sempre tem imperado na Organização dos Estados Americanos. Este rompimento com o passado evidencia o enfraquecimento dos Estados Unidos no continente e, ao mesmo tempo, o maior desejo de independência de muitos dos governos latino-americanos, qualquer que seja a ideologia que os inspira. Além do reconhecimento do tal direito à pluralidade, a reunião da O. E. A. ainda condenou categoricamente as actividades intervencionistas «das empresas multinacionais que pretendem imiscuir-se em assuntos que são de exclusiva competência dos estados». Evidentemente, não se foi além de declarações mais ou menos bem intencionadas e os Estados Unidos não deixaram de possuir a hegemonia, mesmo um pouco depauperada, no continente. Assim, é de perguntar se o Governo de Cuba estaria interessado em regressar à organização caso fossem levantadas as restrições.

2 SEGUNDA

Com Hector Campora já consolidado presidente-eleito, os peronistas triunfaram em toda a linha no segundo escrutínio, para a disputa dos lugares de parlamentares e governadores que não haviam obtido os 50 por cento mais um no dia 11 de Março. Buenos Aires foi a única grande circunscrição que os peronistas não levaram de vencida. Aí, o candidato peronista ao Senado, um homem conhecido pelas suas antigas simpatias pelos nazis, foi derrotado pelo candidato liberal, La Rua, um homem novo e com posições de esquerda. Estas vitórias eleitorais do peronismo, a Frente Justicialista de Libertação, dão muito que pensar, sobretudo se se atender a que o velho chefe, Juan Domingo Perón, há 17 anos que foi derrubado e que a maior parte do apoio peronista vem de pessoas que não pensavam ainda politicamente quando isso aconteceu. Ao contrário do que alguns afirmam, ou dizem pensar, os trabalhadores nunca estiveram no Poder durante o consulado de Perón. Pelo contrário, os sindicatos em que o general se apoiava, com o auxílio da sua segunda mulher, a célebre Evita, desempenhavam papel de importância muito reduzida nas decisões políticas e económicas do regime. Há quem justifique o fascínio queo o peronismo exerce sobre os argentinos pelo facto de os anos do pó-guerra terem sido anos de «vacas gordas» para o país. Na verdade, essa foi uma altura em que a Europa estava destroçada e que, por isso, pagava a carne argentina quase por qualquer preço. Tal facto teria permitido uma prosperidade de que o povo na generalidade beneficiou em certa medida. Outros factores pesarão na popularidade do justicialismo, mas esta explicação tem, pelo menos, bastante lógica.

3 TERÇA

Após a morte de um polícia em Milão, vítima de uma granada lançada por um manifestante neofascista, a violência não desapareceu ainda da Itália e a tensão continua a crescer. Dois filhos de um dirigente neofascista romano morreram num incêndio não acidental em casa do pai, que conseguiu escapar. As manifestações sucedem-se. Entre o emaranhado de acontecimentos é difícil escortinar uma lógica comum que possa deixar entrever com alguma clareza as razões profundas desta súbita tensão. De qualquer maneira, uma coisa parece certa: a violência só pode servir à extrema-direita neste momento e os grupos que se apresentam como sendo da esquerda que respondem com violência à violência neofascista, estão provavelmente a agir como os homens de Almirante os seus associados desejem. Estão, em suma a responder a provocações. Os neofascistas, quer se apresentem a coberta da legalidade do MSI, quer ajam organizadamente dentro dos grupos extra-parlamentares mais ou menos terroristas e todos com inúmeras ligações ao MSI, sabem perfeitamente que o Poder não lhes cairá nas mãos nem através de eleições, nem através de manifestações mais ou menos violentas. Sabem, e frequentes são os apelos que nesse sentido (por mais que se tente disfarçar) têm sido feitos, que só um golpe à grega pode levá-los ao Quirinal. Um clima de violência com bombas e incêndios pode constituir aquilo que seria a «justificação moral» para uma movimentação golpista. O mesmo foi tentado em 1970 no Chile, mas aí a esquerda — incluindo o MIR — soube manter-se calma não respondendo nem a bombas nem a assassínios.

4 QUARTA

Os nove países do Mercado Comum encontraram-se no Luxemburgo para tentarem chegar a acordo sobre os preços agrícolas respeitantes à campanha de 1973-74. Mesmo reunindo durante mais de 20 horas seguidas, os ministros da Agricultura dos «Nove» não chegaram a acordo. Enquanto a França, numa das pontas, se batia por substanciais aumentos dos preços, a Inglaterra, no outro extremo, tentava tudo para que os preços ficassem praticamente na mesma. Por outro lado, de fora, os Estados Unidos faziam pressão para que a C. E. E. levantasse restrições às importações de produtos agrícolas, o que não se fará provavelmente, tanto mais que os agricultores franceses, alemães e belgas (pelo menos) se opõem a tal abertura de forma peremptória (não esquecer que o campo é a grande base eleitoral do gaullismo). As questões agrícolas são, quase por definição, as mais difíceis de resolver em qualquer regime económico. Na actual C. E. E. os problemas rurais vêem-se muito aumentados devido à entrada da Inglaterra, país onde a revolução burguesa levou às últimas consequências os seus interesses no campo. Apesar da manutenção da monarquia e de toda a multidão de duques, condes e barões, não existem em Inglaterra praticamente quaisquer resquícios de «ancien régime» na agricultura, o que se não verifica nem em França, nem na Alemanha Federal nem, muito menos, na Itália. Essa a razão fundamental que leva às profundas divergências franco-britânicas nestas questões. As divergências, contudo, terão de ficar resolvidas até ao fim do mês através de um qualquer compromisso. Passando o dia 1 de Maio os preços terão de ficar os mesmos para a próxima campanha, o que seria simplesmente catastrófico.

5 QUINTA

O caso Watergate não para. Cada dia surgem novos elementos, todos eles mais comprometedores que os anteriores para pessoas altamente colocadas na administração republicana. O caso do assalto e espionagem na sede do Partido Democrático durante o período eleitoral do ano passado assume tais proporções que o presidente Nixon, até aqui sempre pronto a encobrir com base nos «privilégios do executivo» os seus colaboradores mais próximos, se viu obrigado a dar a entender que poderia haver alguns despedimentos nos tempos mais próximos. O procurador-geral (ministro da Justiça), Richard Kleidienst, anunciou, por seu lado, que se desligaria de qualquer investigação em relação ao escandaloso caso, devido a informações respeitantes a «pessoas com as quais manteve estreitas relações pessoais e profissionais». As tais pessoas vão até individualidades como o antigo procurador-geral John Mitchell, amigo pessoal do presidente e que se demitiu do cargo para chefiar a campanha eleitoral de Nixon, cargo de que acabou também por se demitir alegando razões familiares. A mulher, Martha Mitchell, famosa pelas suas «inconveniências» telefónicas ameaçara-o, diz-se, de se separar caso ele não abandonasse a política. Segundo algumas fontes, ela teria mesmo acusado serviços da Casa Branca ou do Partido Republicano de a manterem sequestrada, tendo chegado à utilização da força física. Tudo isto é difícil de provar, mas constituiria em qualquer democracia europeia matéria mais que suficiente para levar à demissão muita, muito gente. Na grande nação americana, estas coisas causam alguma emoção mas não abalam.

6 SEXTA

«Restaurar as nossas posições económicas internacionais». Eis um dos nove objectivos principais da política externa dos Estados Unidos para o ano de 1973, de acordo com o relatório do secretário de Estado William Rogers. Os outros oito objectivos, de uma forma ou de outra, concorrem para que este seja cumprido. Note-se que Rogers não diz que se vai procurar fortalecer as posições económicas americanas. Não, a palavra utilizada é «restaurar», o que pressupõe alguns danos naquelas posições. Na verdade, esse é o grande problema da administração Nixon e a culpa não é dela, mas de todo um mundo que começa a pensar que «as posições económicas internacionais» dos Estados Unidos são fortes demais. Aqueles que temem o regresso dos EUA a um «isolacionismo» devem ver neste objectivo uma negação das suas previsões. O desejo da administração de Nixon, como seria o de qualquer outra, é exactamente o de evitar um isolacionismo para que o mundo vai empurrando a América. Iremos mesmo assistir a múltiplas acções, sob as mais diversas formas, destinadas a manter o poderio económico americano no mundo.

7 SÁBADO

Ante a ameaça de um novo americano (há pouco tempo prediziamos uma utilização bastante intensa do veto por parte dos EUA) o Conselho de Segurança da Nações Unidas não consegue chegar a uma decisão sobre a incursão de um comando israelita no Líbano. Os EUA, que dizem querer «encorajar as partes (no Médio Oriente) para que iniciem um processo de negociações genuínas», tomam abertamente partido a favor do Estado de Israel e da sua política, por mais arrogante e violenta que ela seja. Assim, dificilmente alguém poderá acreditar que se desejam «conversações genuinas».

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

DO VIETNAME AO CAMBOJA

Há mais de uma semana que a capital do Camboja, Phnom-Penh, se encontra cercada por tropas a que uns chamam simplesmente comunistas, outros apelidam de norte-vietnamitas, outros ainda descrevem como partidárias de Norodom Sihanouk. Há também quem lhes chame apenas guerrilheiros Khmers ou Khmer Vermelhos. Penso que estas últimas designações são as que melhor se adaptam à realidade, muito embora seja possível, provável mesmo, que haja entre os sitiantes muita gente que corresponda a todas as outras designações.

Prefiro a designação de guerrilheiros Khmers ou Khmers Vermelhos, porque, apesar de todas as participações estrangeiras na guerra cambojana — como aconteceu e acontece ainda no Vietname do Sul —, o conflito é um conflito civil, interno, entre cambojanos, ou khmers, que defendem interesses e soluções para a organização social do país diametralmente opostos.

Também no Vietname do Sul os americanos desempenharam (desempenham ainda) papel de importância capital. Também no Vietname do Sul a participação norte-vietnamita foi muito importante. Porém, como no Vietname do Sul, ou no Laos, onde as coisas se passaram de forma idêntica, foi internacionalmente reconhecido que competia aos nacionais, e só aos nacionais, determinar o futuro político do país. O mesmo virá a acontecer no Camboja.

Militarmente ou através de negociações, serão os cambojanos quem ditará o futuro do país. Assim sendo, parece ser mais útil considerar os sitiantes como cambojanos. Nesse sentido, convém, no entanto, destrinçar entre «partidários de Sihanouk» e Khmers Vermelhos. É certo que, depois do golpe de Estado que derrubou o principe e colocou no poder os militares de Lon Nol, se formou a FUNK que reune Sihanouk e seus partidários e os Khmers Vermelhos. Trata-se, porém, de uma unidade claramente táctica, pois só quem seja muito esquecido pode não ter presente que os Khmers Vermelhos, revolucionários como os do Neo Lao Aksat (o Pathet Lao) e da Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul (Vietcong), combateram durante bastantes anos o regime de Sihanouk.

Na verdade, o príncipe latifundiário não oferece hoje mais garantias aos revolucionários combojamos do que no passado. Durante anos e anos ele deteve em suas mãos um poder, senão absoluto, pelo menos suficiente para lançar algumas sementes indispensáveis no sentido de que a estrutura social do país se modificasse no sentido que os revolucionários entendem como justo. Em vez disso, Sihanouk, entre as filmagens à borda da sua piscina, entregava-se a uma política de equilíbrio instável: por um lado mantinha o país neutral, fechando os olhos à passagem dos vietnamitas pelo país a caminho do vespeiro vietnamita, por outro não tocava com um dedo na oligarquia nacional, a qual detinha o poder real em suas mãos, através da economia, do parlamento, do exército.

Apesar da sua popularidade junto dos pobres camponeses cambojanos, nunca Sihanouk lançou as bases de qualquer reforma agrária. O golpe de Estado que o depôs foi dado com toda a aparência de constitucionalidade (só dois deputados se pronunciavam a favor do príncipe, na altura em França). Esses foram demitidos e a decisão foi tomada por unanimidade.

Voltando ao princípio. Os Khmers Vermelhos cercam Phnom-Penh, os americanos lançam os B-52 e os caças-bombardeiros sobre eles; o exército sul-vietnamita tenta quebrar o cerco. A fraqueza de Lon Nol é evidente, pois não consegue sequer organizar o conselho nacional que pretendia. Só o seu grupo político o apoia. Os outros estão à espera para negociar a paz. Van Thieu, a «pedido» dos americanos, vai em auxílio do confrade. Mas Thieu não é muito mais poderoso que Lon Nol. Para impedir o colapso, Washington terá de se envolver cada vez mais. Mas surgem já vozes preocupadas no Congresso americano.

A. Vilaaverde Cabral

DOSSIER INTERNACIONAL

A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORE

A INEXISTÊNCIA DE UMA DE IMIGRAÇÃO

Entregues aos trabalhos mais penosos e insalúbres por salários modestos os mesmo miseráveis, condenados a viver em caves e bairros de lata, principais vítimas dos acidentes de trabalho e da doença, os imigrantes vivem frequentemente nas condições materiais e morais escandalosas que Georges Mauco traçou nos dois primeiros artigos.

Os problemas dos imigrados são muitas vezes mal vistos pela opinião pública. Para isso contribui, com certeza a **inexistência de uma política de acolhimento, que agrava ainda mais o seu isolamento e inadaptação. Noventa e dois por cento dos franceses pensam que «há estrangeiros a mais em França»; cinquenta e três por cento, que é impossível uma assimilação; trinta e três por cento julgam suficiente, e dez por cento exagerado, o esforço financeiro despendido com a habitação dos imigrados.**

Manifesta-se um certo racismo semelhante ao dos brancos americanos. Esquece-se que é a inexistência de medidas em favor destas minorias a causa da sua segregação social e material. Se a população estivesse melhor informada sobre os problemas humanos e o sofrimento dos imigrados tornar-se-ia mais tolerante, podendo até participar em acções de solidariedade e ajuda aos imigrados.

Um relatório do Comissariado da População, apresentado na última reunião presidida pelo general De Gaulle, definia uma política que, se fosse levada à prática, teria permitido resolver este problema num espírito de compreensão e fraternidade... Mas ele não conseguiu vencer a hostilidade de uma administração soberana, «este mar imenso de areia onde se vão perder tantas nascentes».

Philippe Serre, que foi sub secretário de Estado da Imigração em 1938, ao sublinhar deste modo a hostilidade da administração, põe em evidência um dos obstáculos que, até agora, mais contrariaram a solução deste problema. Aliás, a hostilidade da administração é de tal ordem que Philippe Serre foi excluído do Comissariado da População por ter criticado a política oficial em matéria de imigração.

A ausência de uma política humana de imigração explica-se em parte pela proliferação de uma casta de funcionários brilhantes e competentes, mas recrutados unicamente com base nos seus conhecimentos. Para este tipo de funcionários, o homem, com os seus sentimentos, as suas reacções afectivas, é algo que vem perturbar o bom funcionamento das regras estabelecidas. Eles pensam que o homem deve estar ao serviço da sociedade e não o inverso. Assim, por exemplo, a administração decide desalojar um certo número de trabalhadores estrangeiros dos casebres em que viviam e instalá-los provisoriamente em locais muito distantes do seu trabalho, o que lhes acarreta maior despesa e fadiga. Os trabalhadores reclamam, e a administração irrita-se com as suas exigências, que considera anarquizantes.

Passa-se o mesmo com a recusa dos imigrados de afastar das suas comunidades os desempregados e trabalhadores não inscritos: «São nossos irmãos, dizem eles, não nos importamos de pagar o aluguer deles e arranjar-lhes trabalho». Ou então, a Administração proíbe as visitas nos pavilhões onde alojou em comum grande número de operários. E estes respondem: «Já não estamos em idade de viver em regime de internato». Na ausência de locais de culto próprios às suas religiões, alguns reclamam: «Onde é que vamos agora fazer as nossas rezas?». Nas casas onde são instalados pela Administração as rendas são bastante mais caras, por isso é natural que perguntem: «Como é que agora vamos poder enviar dinheiro às nossas famílias?». Poderíamos enumerar indefinidamente as reivindicações apresentadas à Administração e que esta não pode resolver.

A propósito de um debate na televisão sobre os trabalhadores estrangeiros em França, durante o qual o director-geral da população, sr. Massenet, respondia às perguntas de seis trabalhadores imigrados, escreveu o «Figaro»: «Esta confrontação confirmou de forma cruel que a imigração e a Administração francesas vivem em dois mundos completamente separados e que a única coisa que têm em comum é uma incompreensão recíproca». E acrescentou: «É no plano psicológico e humano, sobretudo, que a Administração falha. E isto talvez porque está tão satisfeita consigo própria que é incapaz de se aperceber do interesse de numerosas críticas altamente construtivas». Mas outros jornais, entre eles o «Le Monde», fizeram constatações análogas.

UMA SITUAÇÃO «INFRA-JURÍDICA»

Iludindo as insuficiências de meios de acolhimento social humano, invoca-se o número elevado de estrangeiros «inassimiláveis» para explicar o racismo. E propõem-se medidas urgentes, entre elas a instauração de um «numerus clausus», filtrando a entrada de trabalhadores estrangeiros com o fim de obter uma mão-de-obra dócil correspondendo às necessidades da vida económica. Mas isto é esquecer que as restrições e os regulamentos só são eficazes quando são aplicáveis, o que não é o caso, por falta de pessoal e de serviços de recepção e controlo. Actualmente, reforçam-se a organização administrativa e policial da imigração em vez de se procurar investir no campo propriamente social.

Os novos diplomas legais que exigem um contrato e habitação decente para os novos imigrados já estão a ser iludidos. Os intermediários, explorando a carência de alojamentos apropriados, estão a utilizar o seguinte sistema: instalam em grandes pavilhões apetrechados com as condições mínimas os novos trabalhadores que vão chegando, e logo que estes obtêm o certificado de residência orientam-nos para os bairros de lata a fim de deixarem o lugar livre para outros. Isto ilustra o que dizíamos atrás: que os textos legais e os regulamentos são sem valor se ignoram a realidade humana e a sua complexidade.

O Sindicato da Magistratura não é, aliás, o último a interrogar-se sobre a adaptação da justiça à realidade dos imigrados. Muitas vezes ela aplica-lhe textos que não têm a mínima significação para eles. Os delitos de que são acusados são a maior parte das vezes pequenos delitos primários e utilitários: roubo de vestuário, ou de géneros alimentícios, ou violências, regra geral contra outros estrangeiros, no seguimento das suas difíceis condições de vida em comum. Quanto a multas (falta de documentos, de certificados) na maior parte dos casos são a consequência da ignorância da lei. Tanto como as leis e regulamentos que, em princípio, deviam defender os seus direitos: preço da habitação, leis sociais, duração do trabalho, salários mínimos, horas suplementares, etc., são «alegremente iludidas», para usar a expressão do próprio sindicato da magistratura.

Deste modo o imigrado encontra-se em França numa situação «infrajurídica». Que significa, na verdade, falar em domicílio num bairro de lata? A Polícia pode intervir a todo o momento, de dia e de noite. O sigilo da correspondência não existe: na maior parte dos casos há apenas uma caixa de correio a receber toda a correspondência de um bairro. E por isso que os cheques postais da Segurança Social não são recebidos pelos destinatários. Quanto aos regulamentos sobre a higiene e a segurança, nem vale a pena falar.

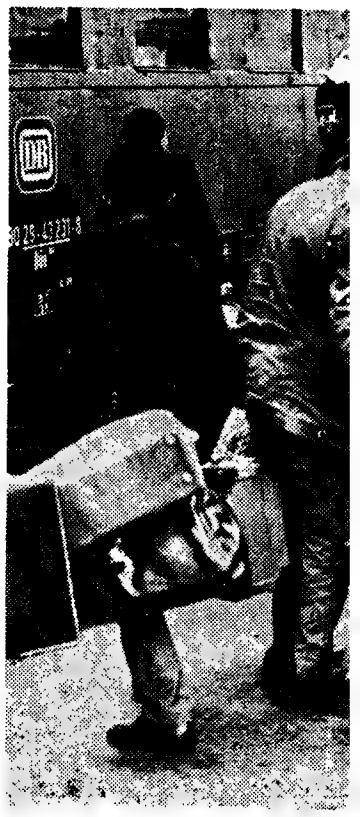
Até na prisão existe esta discriminação de facto. Muitos jovens imigrados de menos de 21 anos não são colocados no pavilhão destinado aos jovens. O estrangeiro não pode beneficiar de ajuda judiciária. Por outro lado, o sindicato da magistratura tem dúvidas sobre no próprio acto de julgar não se verificam também desigualdades deste tipo. Porque é extremamente difícil para um juíz manter-se absolutamente imparcial quando não é capaz de entender, nem ser entendido pelo réu.

OS ESTRANGEIROS FALAM AOS ESTRANGEIROS

Também não se podem passar em claro, bem entendido, os esforços feitos em favor dos imigrados. O trabalho mais eficaz é, sem dúvida, o que desenvolvem inúmeras associações privadas, animadas por homens e mulheres generosos. Mas o mal destes esforços desinteressados é o de se destinarem a remediar, e não a prevenir as situações dolorosas. O objectivo deste serviço social de ajuda aos trabalhadores estrangeiros é, antes de mais, «o de uma acção colectiva que permita ajudar e informar os imigrantes».

Esta acção deveria ser iniciada logo no país de origem, ou pelo menos logo que os novos imigrantes entram em França, e prolongar-se em todos os planos. Não se insistirá demasiado em repetir que a população estrangeira tem necessidade de uma infra-estrutura escolar, sanitária, administrativa e habitacional superior à da população francesa. Até a supressão de um «bidonville» e o realojamento num local de passagem impõem uma importante acção social. Se o fecho do «bidonville» de Carriéres-sous-Poissy, por exemplo, se processou sem incidentes de maior, foi graças aos múltiplos esforços das assistentes sociais, da caixa de subsídios de família, da protecção materno-infantil, etc.

Foi preciso ajudar as mulheres realojadas a adaptarem-se ao seu novo ambiente. Con-



seguir a colaboração de pessoas para darem aulas de francês e organizar os passatempos dos jovens. Montar uma escola infantil, um serviço de informação sobre a orientação profissional e as formalidades administrativas, etc. Mas este esforço é parcial e, sobretudo, tardio. Mesmo ao pé de Carriéres, em Conflans, está a formar-se um outro bairro de lata, pondo a nú a insuficiência da acção social da França em favor dos seus imigrados.

Acrescente-se que uma acção do Governo a nível nacional deveria apelar para os próprios estrangeiros. Conhecendo a língua e os costumes dos seus compatriotas, eles po-

A ORDEM DE POMPIDOU

Arrumado, e bem arrumado (pelo menos por cinco anos), o imaginativo e voluvel Edgar Fauré, neutralizado Chaban Delmas, o homem da grande sociedade», e convencido Michel Debré a fazer desaparecer nos bastidores a estátua do comendador que irritava cada vez mais o chefe do Eliseu, faltavam só alguns retoques suplementares para que ficasse solidamente assegurada a «ordem pompidouliana».

A obra ficou concluída nos princípios de Abril, com a nomeação dos ministros de Pierre Messmer, impecável chefe de estado-maior, em quem a «opinião» a acreditar nas sondagens, e um poucco reticente no reconhecimento de méritos, mas que goza da inteira confiança do presidente da República, o que, evidentemente, é muito mais importante.

SALVAGUARDADA A «ESTABILIDADE»

Se a «estabilidade» foi salvaguardada nos sectores essenciais, designadamente pela continuidade de Marcellin no Ministério do Interior, de Fontanet no da Educação Nacional, de Chirac na pasta da Agricultura e de Giscard d'Estaing nas Finanças, também se garantiu uma certa «renovação», embora de fisionomia muito particular, que mais faz lembrar uma crispação do que uma abertura do regime. Na verdade, uma série de transferências, nomeações e promoções públicas, parecem aptas a satisfazer mais os garantes da severidade e ordem moral do que os partidários da evolução.

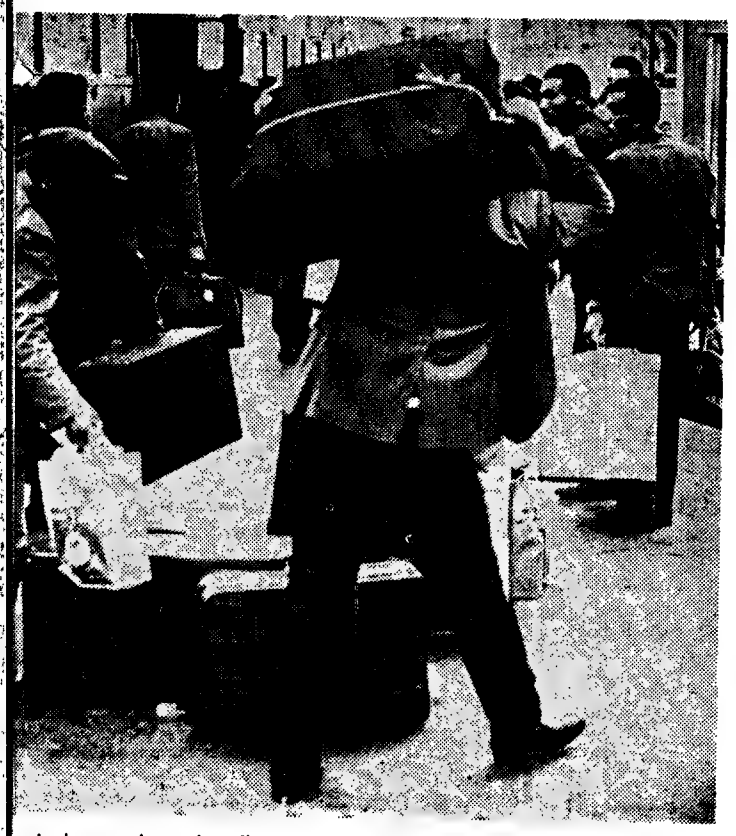
O sr. Robert Galley, por exemplo, que ficou com a chefia das Forças Armadas, acabou recentemente de demonstrar, por ocasião da greve dos controladores aéreos, qual a sua opinião sobre o diálogo com o sindicalismo. E o sr. Joseph Comiti, que ficou com as relações com o Parlamento, mostrar-se-à tão diplomático e conciliador como no caso dos responsáveis das casas de jovens e de cultura.

Quanto a André Bettencourt, liberal afável e comedido, já não o tornaremos a ver às quartas-feiras no Eliseu, mas sim a Jean Royer, que preside aos destinos de Tours, e que é com certeza o mais «puritano» de todos os «maires» de França. Também o sr. Roger Boulin, recordista da longevidade ministerial, terá, mau grado seu, de fazer as malas. Talvez acusado de não se ter comprometido com uma campanha eleitoral vigorosamente anti-comunista, de que denunciou os excessos e o anacronismo. Para o contrabalançar, entra Alain Peyrefitte, novo ministro encarregado das reformas administrativas, que durante as semanas «quentes» de Janeiro e Fevereiro deu o melhor do seu esforço e do seu talento a estigmatizar a «coligação socialistas-comunistas» e a rebaixar os centristas da oposição e outros virtuosos do «trapézio voador». O sr. Georges Corse (trabalho, emprego e população), antigo socialista, poderá ser um pouco suspeito de tendências «fauristas», mas não é suficientemente dinâmico para constituir um perigo real.

Será necessário acrescentar que o Eliseu não espera senão obediência com a instalação no «Quai d'Orsay» de Michel Jobert, homem de mão culto mas discreto que desde 1963 vive na sombra de Pompidou, a quem este entregou a pasta dos Negócios Estrangeiros

ES ESTRANGEIROS EM FRANCA - III

A POLÍTICA SOCIAL



deriam agir mais eficazmente em todos os serviços administrativos, profissionais, escolares, sociais. Isto pressupunha a formação destes colaboradores. Impunha-se ainda uma reforma do Fundo de acção social, dirigido em exclusivo pelos poderes públicos, quando três quartas partes dos seus recursos provêm dos salários dos imigrados. Também no que respeita aos sindicatos, os estrangeiros deveriam participar na sua gestão. Se há um campo onde a participação deve ser bem organizada é o dos trabalhadores estrangeiros.

Se necessário, os múltiplos serviços ministeriais poderiam ser unificados, como em 38, por um ministro da Imigração — o que permitiria uma melhor utilização dos créditos públicos.

Por outro lado, os trabalhadores estrangeiros dão à Segurança Social muito mais do que aquilo que recebem como beneficiários. Geralmente o estrangeiro não beneficia dos subsídios de velhice, e os seus subsídios de família são inferiores aos de um francês, embora desconte o mesmo que ele.

O ministério do equipamento dispõe de alguns biliões de francos para serem empregues na habitação. Ora, devia-se por de lado a construção dos H.L.M. (prédios de apartamentos de renta económica), muito caros e inadaptados às necessidades dos imigrados. Era preferível construir pequenas cidades operárias, de casas baixas, mais de acordo com os hábitos familiares dos imigrados, e evitar os grandes conjuntos de prefabricados que fazem lembrar campos de concentração. É necessário que este desenraizado que é o imigrante reencontre o calor humano em comunidades que o ajudem a adaptar-se à nossa sociedade técnica e urbana.

É preciso por termo à auto-satisfação do Governo, que todos os anos evoca as suas realizações e promete acabar com os bairros de lata. Porque apesar dos discursos, é forçoso concluir que os esforços desenvolvidos não estão ainda a par das necessidades e dos problemas levantados. construir dez mil casas, quando os novos imigrantes são em número de cem mil, é manifestamente insuficiente, sem esquecer que nenhum serviço social de conjunto está preparado para os receber.

Nesta França dos direitos do homem, o sofrimento silencioso dos trabalhadores imigrados, vítimas dos traficantes de mão-de-obra e dos comerciantes do sono, é um verdadeiro escândalo. Três milhões e meio de homens e mulheres, derreados pela fadiga e pelas necessidades insatisfeitas, sentem-se duplamente exilados: exilados da sua terra e exilados de qualquer espécie de calor humano, no meio da indiferença e surda hostilidade de uma população mal informada. A França lucra com o seu trabalho; já é tempo de o reconhecer, e de tratar o estrangeiro como ele deve ser tratado: como um homem.

GEORGES MAUCO

sem ele nunca ter sido diplomata nem sequer parlamentar, coisa que já não acontecia desde... 1851?

. Dir-se-à que os assuntos culturais, esses sim, terão um futuro sem sobressaltos, com a nomeação do segundo não-parlamentar do Governo, o sr. Maurice Druon. Um futuro sem sobressaltos, com um académico animado dos sentimentos mais vulgares e mais razoáveis, alérgico a tudo o que possua um pouco de movimento próprio, a tudo o que ameace mover-se, tanto no que respeita à Igreja, como à Universidade, como seja aonde for?...

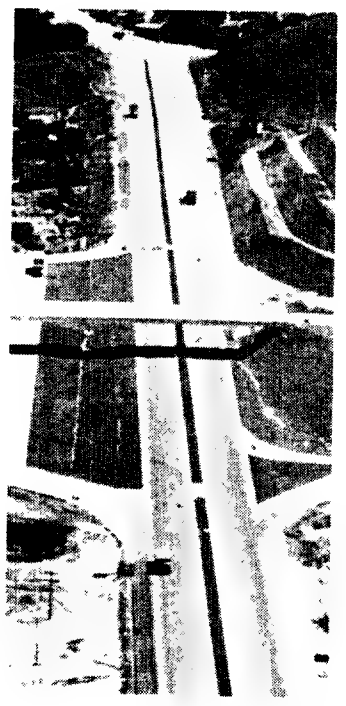
Se a nomeação de Michel Jobert para substituir Maurice Schuman confirma que a diplomacia pertence cada vez mais ao «domínio reservado» do chefe do Estado, se a instalação de Jean Taittinger na «place Vendôme» testemunha a intenção de querer colocar não um jurista, mas um homem «seguro» na Chancelaria, a entrega da pasta da saúde pública e da segurança social ao príncipe Michel Poniatowski, por outro lado, tem um alcance e um significado político ainda mais evidentes.

Dispensado de fazer o seu «estágio» como secretário de Estado, (graça igualmente concedida a Bernard Stadi, novo ministro dos territórios do ultramar), o secretário-geral da Federação Nacional dos Repúblicanos Independentes não foi convidado para a mesa do Eliseu para que lhe fosse dado, mais amiúde, o prazer de desfrutar da companhia do seu velho e fiel amigo Valéry Giscard d'Estaing. A sua nomeação explica-se simultâneamente pelo desejo de melhor controlar um dirigente político que, nos últimos anos, tem dado inúmeras provas da sua arrogância (longe da vista, longe do coração...) e pela intenção de preparar, ou melhor, de ultimar uma determinada operação política.

Partidário de longa data da criação de «uma grande federação do centro», o novo ministro, que desempenhou um papel de primeiro plano na recente reaproximação entre a maioria e os reformadores, vai com certeza passar a sentir-se um pouco só, uma vez que não se verificou qualquer abertura, nem em relação ao Centro democrático, nem em direcção ao partido radical. Em todo o caso, seria fortemente de admirar se o seu novo ambiente não viesse a favorecer os seus desígnios: age-se muito mais eficazmente no interior do que no exterior do Governo.

A honra concedida, dois dias depois da partida de Michel Debré, a uma personalidade que o tinha tratado com a mais requintada crueldade num livro recente (Cartes sur Table), e que, por diversas ocasiões, tinha criticado severamente a sua política, não pode ser interpretada senão como uma prova mais das distâncias que o sr. Pompidou entende dever tomar em relação à V República do primeiro período. Claude Estier, secretário do partido socialista, vai talvez longe de mais quando afirma que a constituição do gabinete marca a «morte do gaullismo». Mas é evidente que, pelo menos em relação ao «gaullismo histórico» nos estamos a afastar a passos largos, coisa que é facilmente compreendida não só na França,

Continua na pág. 17



. A lâmina do machado estala na madeira, compasso interminável a marcar o canto do lenhador. «Corta a árvore, cai a árvore»: e a morte da árvore é a vitória das mãos do homem. Assim vão tombando milhares de árvores, abrindo a clareira que o homem transformará nalguns quilómetros mais de uma auto-estrada que em breve rasgará a floresta, a unir o Brasil de extremo a extremo: a Transamazónica. Começada em 1964, ela será a maior rede rodoviária do mundo. Uma fita de quatro mil quilómetros de asfalto a correr do Nordeste ao Peru e de Cuiaba a Santarém. Quatro mil quilómetros de asfalto desenhados em cruz no próprio coração da floresta. Esta estrada, projectada para permitir a exploração das imensas riquezas do subsolo e da floresta, é a esperança de todo o Brasil. Foi esta esperança que uma equipa de televisão francesa, dirigida por Hubert Knapp, quis sentir de mais perto. O resultado foi uma série extraordinária de três curtas-metragens que estão a ser passadas na Televisão francesa. Os homens acorrem de todas as partes, novos e velhos, subvertidos por algo mais que o cheiro do dinheiro, qualquer coisa com um estranho sabor a aventura. Através dos personagens apresentados, lenhadores, operários, guardas, garimpeiros, surpreendidos num dia-a-dia emocionante, é um hino à glória do Brasil que se ergue irresistivelmente. Para Hubert Knapp, a Transamazónica é uma autêntica epopeia, uma espécie de marcha do povo hebreu, a última grande aventura, análoga à conquista do Oeste nos Estados Unidos, ou à construção do Transsiberiano na Rússia. A história de um povo em marcha...

ESTRADA DE VIDA E DE MORTE

Mas à medida que vão desfilando as imagens, que os rostos avançam, que o hino se transforma num canto de amor, um arrepio de mal-estar nos percorre. Porque se é certo que para uns a estrada vem abrir os caminhos da vida, para outros esta língua negra a entrar no «inferno verde» é bem uma estrada de morte. A exploração das riquezas imensas da Amazónia já está assegurada pelos grandes «trusts» internacionais. Extremamente poderosos, beneficiando de enormes facilidades fiscais, estes grupos agem com toda a impunidade na «conquista» das terras invejadas. Nos fins de 1971, um bispo de São-Felix, Dom Pedro Casaldaliga, denunciava num «dossier» de cento e vinte e cinco páginas as condições de real «escravatura» a que as grandes companhias submetem os pequenos camponeses e os trabalhadores de Mato Grosso. Mais tarde, a Imprensa desvendou casos de verdadeiro tráfico humano. Em Abril de 1972, há um levantamento de camponeses de regiões próximas de São Domingos contra os «grilheiros» que tentavam expulsá-los das suas próprias terras.

A revolta alastra também às tribos índias. Vítimas das grandes companhias, que lhes roubam as terras, elas são sistematicamente perseguidas. Um troço da estrada, que vai cortar em dois o parque nacional de Xingu, é uma verdadeira sentença de morte para cerca de dois mil índios. E há ainda outras reservas ameaçadas. Se não houver uma mudança radical de política, afirmam alguns etnólogos, não haverá nenhum sobrevivente da espécie em 1980. Mas sobre isso nada nos diz a câmara de Hubert Knapp. Porquê?

A DUPLA FACE DA AMAZÓNIA

OS LIMITES DA REPORTAGEM

«Esses são os limites da reportagem, responde Knapp. O meu objectivo foi ir ver o que era de facto a Transamazónica Ver e constatar, era essa a nossa tarefa. Se tivesse encontrado pessoas que tivessem vivido esses acontecimentos, com certeza que os teria filmado. Mas aconteceu que não os encontrei.»

. — E no entanto era bastante fácil encontrá-los, tanto no Estado do Pará como no parque de Xingu, no parque Aripuana, nas vastas regiões da reserva Nambijaara, Waimeri-Atroari, etc....

— «Não fui a essas regiões. Tínhamos escolhido o nosso itinerário em Paris, sem sabermos ao certo o que iríamos encontrar. Digamos que a nossa intenção foi chegar aos sítios mais afastados, o mais possível no coração da floresta, para «sentir» verdadeiramente o «inferno verde». Foi lá, aliás, que encontrámos os personagens mais pitorescos, mais surpreendentes. Mas uma vez que já estávamos instalados, se queríamos encontrar pessoas capazes de nos falar sobre esses acontecimentos teríamos que nos deslocar a outras regiões, o que era impossível, dado o tempo e o dinheiro de que dispúnhamos para as filmagens. Foi uma questão de escolha... e também de meios.»

— E possível mas o certo é que essa escolha e limitação de meios acabam por esconder na vossa reportagem uma parte da realidade subjacente à construção desta estrada. E isso torna-se tanto mais grave quanto é certo que se trata de uma parte importante dessa realidade, precisamente dos seus aspectos mais negativos. Não seria normal, nestas circunstâncias, que eles fossem evocados?

INFORMAR O PÚBLICO OU SENSIBILIZÁ-LO?

«Há duas maneiras possíveis de tocar as pessoas, responde Hubert Knapp. Um discurso excessivo, que dá o sentimento de apanhar a realidade, mas de um modo superficial e frágil. Ou, ao contrário, através de uma realidade vivida, com o que se obtêm resultados muito diferentes. No que me toca, recuso-me a dar informações que eu próprio não explorei, de citar factos contados por terceiros. E tendo em conta o que me foi dado ver, consideraria desonesto fazer discursos encomendados ou preparados de antemão.»

. — Não contar senão o que se viu, limitar-se ao que se viveu, pode parecer um princípio muito justo. Mas a partir do momento em que aquilo que se viveu não corresponde inteiramente à realidade de um país — e neste caso nem se trata de discursos, mas de factos históricos relatados pela Imprensa — surge um problema: noutros tempos, fazer um filme sobre os grandes empreendimentos de Hitler escolhendo mostrar apenas «o que se pode mostrar» seria uma escolha inocente? Será essa uma concepção justa da informação?

. — «Se se tratasse de uma análise do Brasil, seria então imprescindível focar esses problemas. Mas as filmagens foram realizadas para uma emissão da Televisão, «Os sinais dos tempos», que não é uma emissão política, pelo que podemos considerar que problemas dessa ordem ocupam nela um lugar de segundo plano. A nossa função não é a de ensinar coisas às pessoas, mas sensibilizá-las em relação a um determinado número de problemas. E isso, repito-o, é impossível se não nos agarrarmos ferozmente ao facto vivido. Nesse aspecto, a nossa escolha foi honesta: foi essa a realidade que encontrámos. Se a única coisa que se fizesse sobre o Brasil na Televisão fosse a nossa reportagem, eu seria da sua opinião. Mas há outras emissões em que se fala do Brasil, e focando até pontos de vista contraditórios.»

. — Então conta com o trabalho dos outros, para mostrar a realidade brasileira?

. — «Respondo-lhe com a multiplicidade da Televisão. Ao nível de cada emissão particular, para mim ela será boa se a cor for homogénea, a mensagem o mais simples possível... O fundamental é interessar as pessoas. Se esta grande acção shakespeariana as interessa, ela despertará com certeza nos que possuam um espírito crítico um desejo de completarem a sua informação. Os que o não possuem, nada conseguirá fazê-los despertar.»

CATHERINE HUMBLOT

Um copo de boa disposição...

...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradavel e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 carteiras individuais.

À venda nas Farmácias

O «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Pedro de Oliveira Gonçalves da Silva, Rua Lobo da Costa, 189 — VIALONGA

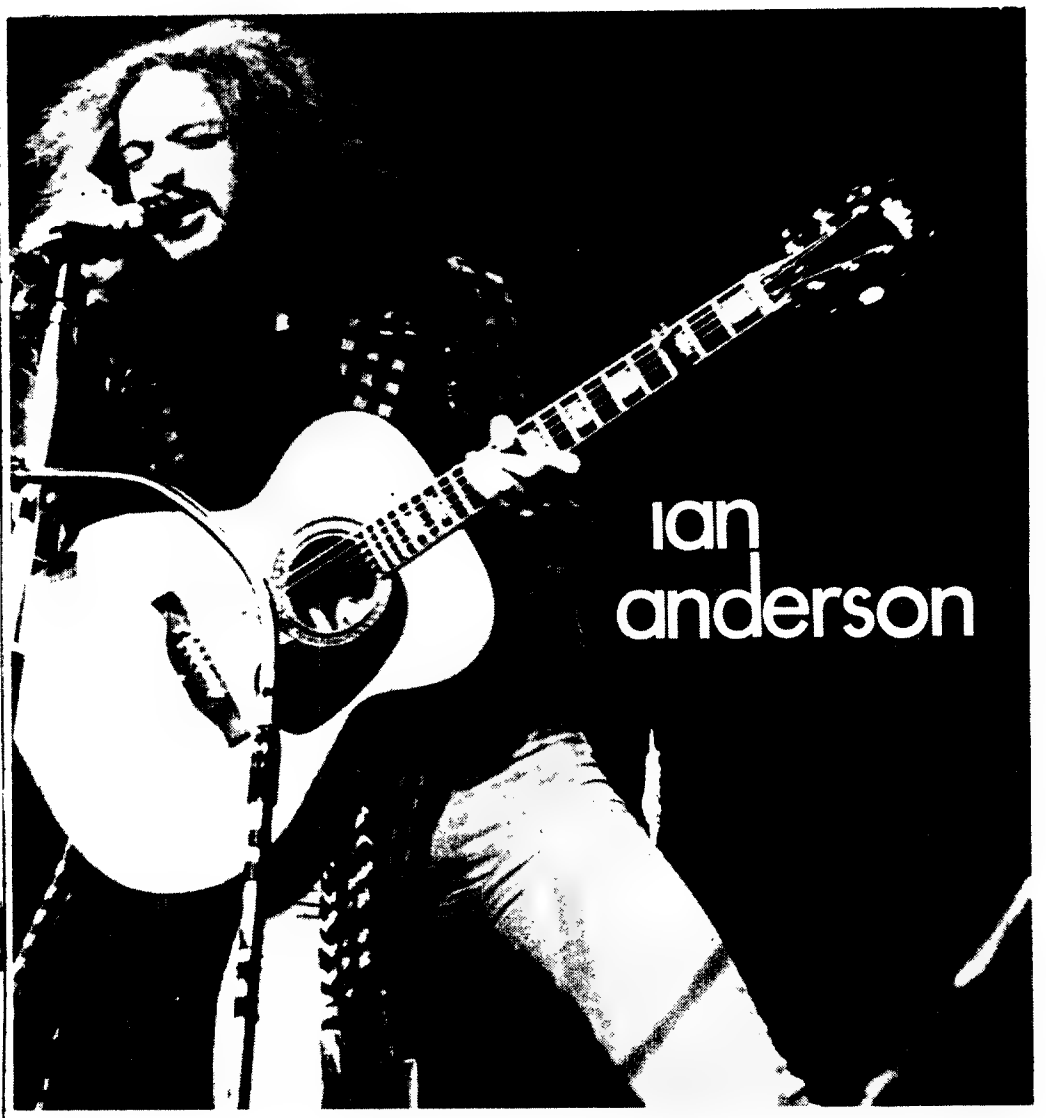
MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Continuam nos primeiros lugares das tabelas classificativas a canção inglesa e a espanhola que estiveram no Luxemburgo. Roberto Carlos e a sua «Montanha» instalados numa posição segura representam a imagem do grande sucesso «popular»...

Entretanto «My Reason» de Demis Roussos e «Violino no telhado» regressam aos «tops» depois de umas semanas de afastamento. Da música portuguesa temos «Gente» e «Tourada» como exemplo de que os festivais da R. T. P. servem pelo menos, para uma coisa: vender...

1	«Power to All our Friends» (2) Cliff Richard	6	«Tourada» (6) Fernando Tordo
2	«Eres tu» (5) Mocedades	7	«My Reason» (_) Demis Roussons
3	«Killing me Softly...» (4) Roberta Flack	8	«Crocodile Rock» ( ) Elton John
4	«A Montanha» (3) Roberto Carlos	9	«Grand Hotel» (1) Procol Harum
5	«Gente» (10) Duarte Mendes	10	«Violino no Telhado ( )



Em Setembro vem os "Jethro Tull

Aquando do primeiro espectáculo dos Procol Harum, dos dois que este agrupamento veio fazer a Cascais, um dos organizadores prometeu trazer até nós o Jethro Tull dentro de dois meses. Aproximadamente na data prevista os tais dois meses de que falava esse organizador, quem começa a ser anunciado com insistência é o grupo **Black Sabbath**, o maior êxito da música dita «underground». Os JETHRO Tull os tais que são comandados pela «flauta mágica» de **Ian Anderson**, viriam em Setembro.

Ora acontece que, repentinamente, o viola-baixo dos **Black Sabbath** dá entrada num hospital, a uma semana da realização dos dois concertos e o grupo é obrigado a adiar a vinda a Portugal.

Esta é, se quiserem, a **história breve de três grupos «rock» que vieram e hão-de vir a Portugal.**

Dados os acontecimentos de última hora que motivaram a não vinda, pelo menos por ora, dos **Black Sabbath** entrámos em contacto com os responsáveis pelas actuações em Portugal da **Procol Harum** dos **Sabbath** e dos Jethro Tull, que nos garantiram duas coisas: os **Black Sabbath** virão logo que seja possível conciliar datas, depois das melhoras do baixo. Quanto aos **Jethro Tull** está mais que confirmada a sua vinda a Portugal em Setembro.

No estrangeiro

Uma jovem californiana, de 24 anos, achou a fama e a fortuna na profundeza do Sul dos Estados Unidos.

Vicky Lawrence foi eleita em tempos como a rapariga com maiores probabilidades de conseguir êxito se voltasse aos estudos no seu Estado natal. Contudo, o seu sucesso como cantora apenas surgiu quando se casou e se fixou numa herdade no Tennessee.

O marido de Vicki é Bobby Russell, o homem responsável pela letra de canções como «Honey» e «Little Green Apples».

Agora Vicki deparou com o êxito nas tabelas de classificação. Encontra-se esta semana na posição cimeira em Nova York com uma canção que faz lembrar realmente o Sul dos Estados Unidos — «The Night the Lights Went Out in Georgia».

Entretanto, «War», o talentoso conjunto de jazz afro-rock, que apareceu recentemente na tabela com «The World is a Ghetto», surge com outra faixa do seu album com aquele título nos «Dez Mais de Nova York».

«Cisco Kid», uma música «Soul», de ritmo intenso, pulou quatro lugares esta semana e encontra-se na quarta posição.

A canção «pop» de maior êxito no mundo talvez seja presentemente «Tie a Yellow Ribbon Roud the Old Oak Tree», que passou esta semana para o topo na Grã-Bretanha, destronando «Get Down», de Gilbert O'Sullivan.

A mesma canção do conjunto americano «Dawn» acha-se em segundo lugar nos Estados Unidos e aparece, também, na tabela de Hong-Kong.

A seguir, os «Top Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (2). «Tie A Yellow Ribbon Round The Old Oak Tree»: Dawn
2 (1). «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
3 (4). «I'm A Clown»: David Cassidy
4 (__). «Hullo, Hullo I'm Back Again»: Gary Glitter
5 (3). «The Twelfth Of Never»: Donny Osmond
6 (7). «Tweedlee Dee»: Jimmy Osmond
7 (__). «Pyjamarama»: Roxy Music
8 (5). «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
9 (6). «Love Train»: O'Jays
10 (8). «Never Never Never»: Shirley Bassey

ESTOCOLMO

1 (1)_«Ring Ring» (Swedish Version): Bjoern And Benny
2 (2)_«Ring Ring» (English Version): Bjoern And Benny
3 (3)_«Can't Keep Ir In»: Cat Stevens
4 (__)_«Power To All Our Friends»: Cliff Richard
5 (4)_«Garden Party»: Rick Nelson
6 (__)_«I Am An Astronaut»: Ricky Wilde
7 (6)_«Summer Never Says No»: Malta
8 (_)_«Get Down»: Gilbert O'Sullivan
9 (8)_«Yellow Boomerang»: Middle Of The Road
10 (_)_«Scafell Pike

HONG-KONG

1 (3). «It Never Rains In Southern Califórnia»: Albert Hammod
2 (1). «You're So Vain»: Carly Simon
3 (2). «Relay»: The Who
4 (5). «Crazy Horses»: The Osmonds
5 (6). «Aubrey»: Bread
6 (7). «Tie A Yellow Ribbon Round The Old Oak Tree»: Dawn
7 (4). «I Won't Last A Day Without You»: The Carpenters
8 (__). «Daniel»: Elton John
9 (8). «Dreidel»: Don McLean
10 (__). «Sing»: The Carpenters

BONA

1 (2). «Der Junge Mit Der...» (The Boy With The...): Bernd Cluever
2 (1). «Dreams Are Ten A Penny»: Kincade
3 (3). Rock Me Baby»: David Cassidy
4 (4). «Ein Festival Der Liebe» (A Festival Of Love): Juergen Marcus
5 (8). «In Den Augen Der...» (In The Eyes Of...): Christiane Anders
6 (__). «20th Century Boy»: T. Rex
7 (5). «Blockbuster»: Sweet
8 (7). «Mama Loo»: Les Humphries Singers
9 (__). «Woman From Tokio»: Deep Purple
10 (__). «Cum On Feel The Noize»: Slade

AMSTERDÃO

1 (1)_«Le Lac Majeur»: Mort Shuman
2 (2)_«Forever And Ever»: Demis Roussos
3 (8)_«Get Down»: Gilbert O'Sullivan
4 (4)_«I'm Just A Singer In A Rock And Roll Band»: Moody Blues
5 (7)_«The Show»: Dizzy Man's Band
6 (3)_«Down By The Lazy River»: The Osmonds
7 (__)_«Power To All Our Friends»: Cliff Richard
8 (__)«Tu Te Reconnaitras»: Anne Marie David
9 (5)_«Maybe Tomorrow Maybe Tonight»: Earth And Fire
10 (__)_«Pinball Wizard»: The New Seekers

NOVA YORK

1 (2)_«The Night The Lights Went Our In Georgia» Vicki Lawrence
2 (4)_«Tie A Yellow Ribbon Round The Old Oak Tree»: Dawn
3 (7)_«Little Willy»: The Sweet
4 (8)_«The Cisco Kid»: War
5 (1)_«Ain't No Woman»: Four Tops
6 (5)_«Sing»: Carpenters
7 (3)_«Neither One Of Us»: Gladys Knight And The Pips
8 (6)_«Danny's Song»: Anne Murray
9 (__)_«The Twelfth Of Never»: Donny Osmond
10 (_)_«Masterpiece»: Temptations

DISCOS NOVOS

A canção que o holandês Ben Cramer cantou no recentemente realizado Festival da Eurovisão está já a circular em disco entre nós. O «single», para além dessa cantiga — «The Old Street Musician» — tem, no lado B, «Sylvia, Come Dance With Me».

Três novos «singles» lançados pela Phonogram: Olivia Newton John («Take Me Home Country Roads» e «Sail Into Tomorrow»), Paolo del Ponte («Happening» e La Mente Nuda») e Muddle Machine («Down By The River» e «Marjorv So Tenderly»).

Saiu em «cartridge» uma série de composições interpretadas pela orquestra de James Last, tais como: «Tristesse», «Elise», etc.

Em catorze meses venderam-se dois milhões de «singles» e milhão e meio de LPs de «American Pie», o fabuloso êxito de Dom McLean. Actualmente começa a ser «caso» a canção «Dreider», do mesmo McLean.

«En El Amor» e «Bye, bye, Love»: dois títulos para outras tantas canções que Karina interpreta num disco lançado recentemente em Portugal. Etiqueta Hispavox.

Atenção ao LP editado recentemente pela Phonogram intitulado Last Autumn Story. A não perder.

CINEMA

"OS MEUS AMIGOS" "UM OLHAR SIMPLES SOBRE AS COISAS"

Entrevista de
LOURDES FÉRIA

Não se deve pedir ao autor explicações da obra mas o vício dos «porquês» dos «comos» e a ânsia de encontrar uma certa lógica nas coisas ultrapassa a compreensão desse princípio.

Cunha Teles aceitou o jogo. E as regras. No entanto, cauteloso, estabeleceu os seus esquemas de defesa. Por isso as palavras dele, inicialmente, foram talvez um pouco vagas e neutras. Quando diz «o meu filme é um olhar simples sobre as coisas» fico à espera de saber o que está para além desse olhar, o que motiva esse olhar ou em que se traduz esse olhar.

(Eu que assisti às filmagens dos «Meus Amigos», que observei o olhar de Cunha Teles quando dirigia os planos — um olhar ora baço ora animado mas sempre impenetrável — não consegui descobrir o que havia por detrás desse olhar.)

. . Conheço mais ou menos o enredo da fita. Sei que a acção decorre em Lisboa 73, gira à volta de três amigos que conviveram na universidade (em 1962), que viveram e participaram na crise estudantil desencandeada nessa altura. Representam uma geração inquieta

Passados onze anos os três amigos personagens da ficção criada por Cunha Teles já não são as mesmas pessoas. Cada um seguiu o seu caminho. Cada um fez a sua escolha.

A história surgiu-me algum tempo depois de ter acabado o «Cerco», conta o realizador, porque conheci um tipo, da geração de 1962, que casou com uma mulher rica, não trabalhava, vivia da gestão dos bens da esposa, possuía uma casa de campo com piscina, dois automóveis e todas as comodidades. Um dia esse indivíduo chegou ao pé de mim e pediu-me para ficar oito dias em minha casa porque se tinha separado da mulher. Abandonou tudo e resolveu começar uma vida nova como se tivesse 20 anos. Aquilo impressionou-me. Geralmente é difícil acreditar que ainda existem pessoas capazes de renunciar à riqueza convencidas de que há outra maneira de estar no mundo.

Então pensei em criar um personagem semelhante. E atirar sobre ele influências. De tipos que exercem já posições importantes em grandes empresas ou de outros com posições violentas: de ruptura completa contra a sociedade. Eduardo seria o motor de arranque entre dois polos opostos. Chico, «manager» da empresa e José, um marginal que vive em constante recusa.

GUIÃO REINVENTADO CONTINUAMENTE

. . (António da Cunha Teles apoiado num guião-base dá uma certa margem de liberdade aos actores até porque, no fundo, eles andam muito perto dos personagens.)

. . Pus em confronto determinadas pessoas, o que constituiu para mim uma experiência humana muito interessante. E bastante reveladora.

Por isso escolhi António Modesto Navarro, Manuel Madeira e José Vaz Pereira. Escolhi estes actores e não outros. O filme acaba por ser uma experiência de grupo em que cada um assume o personagem e se compromete como se fosse ele próprio.

No papel de Eduardo move-se António Modesto Navarro que o realizador conheceu (superficialmente) através das suas intervenções num colóquio sobre cinema; Manuel Madeira, radicado há onze anos no estrangeiro, confunde-se com José, personagem que Cunha Teles escreveu a pensar em Manuel a quem está ligado por uma amizade nascida em Paris; na interpretação de Chico actua José Vaz Pereira...

Pretendo fazer uma direcção de actores que não seja um condicionamento de gestos mas sim motivadora de um comportamento. A minha acção sobre cada um deles exerce-se para que as coisas saiam. Que eles mostrem aquilo que são e até aquilo que pensam que não são. Gostava que cada actor em vez de se camuflar se encontrasse como pessoa humana que é.

Por associação de ideias lembro-me da forma como Manuel de Oliveira dirige os actores em «O Passado e o Presente», que é precisamente a antítese do método utilizado por Cunha Teles. A mim pessoalmente, perdoem-me os génios da crítica, agrada-me mais esse «tal olhar simples sobre as coisas« que, de repente, percebi no olhar do cineasta com quem converso, apressadamente, entre as nove e as dez (hora de pausa para jantar) na rodagem de «Meus Amigos».

Considero importante que os actores desta fita assumam a posição que têm perante a vida, não só em frente da câmara como no convívio das filmagens, ou nas horas das refeições. Eu próprio sou arranhado por eles no confronto de igual para igual sem hierarquias.

TIMIDEZ E PUDOR

. . (No «Cerco», a primeira longa-metragem de Cunha Teles, nota-se uma certa preocupação do bonitinho, da harmonia estética. E os grandes planos de Maria Cabral confirmam um certo olhar do realizador. Agora é diferente: as figuras dos actores não obedecem aos padrões convencionais de beleza.)

. . A Maria, do «Cerco», era um personagem de quem eu estava enamorado. Aqui é outra coisa. Há um diálogo directo com as pessoas, sem condescendências talvez, por isso mesmo, este filme venha a ser mais interessante. Estou a descobrir coisas que num convívio fora do cinema não seria capaz de entender.

Por timidez tenho dificuldade, no quotidiano, em devassar a vida íntima da gente que conheço. É uma questão de pudor. Sou incapaz de provocar qualquer reacção em alguém, para saber coisas... Mas no cinema estamos todos, à partida, de acordo, metidos no mesmo jogo. Um jogo da verdade no que ele pode ter interesse no aspecto humano.

No jogo entra ainda Teresa Mota ou (Helena) dos «Meus Amigos», a mulher que tem uma relação amorosa com Eduardo. E, depois, com José.

Ela funciona como elo de ligação entre os dois. Vai de um para outro por curiosidade intelectual e fascínio. Não porque José seja mais simpático ou rico que Eduardo ou vice-versa. A Teresa Mota possui inteligência suficiente para perceber a dinâmica das coisas. Por isso o critério de escolha que me levou a escolhê-la foi o mesmo do Modesto Navarro e do Manuel Madeira...

(Pressinto que em relação ao Manuel Madeira as palavras do Cunha Teles não são perfeitamente exactas.)

. . Sou amigo do Manuel há uns anos. Acho-o uma pessoa cheia de força. Situou-se, sempre, numa posição muito extrema. Pensei que ele correspondia a um modelo de «amigo». Ao princípio não lhe queria pedir para fazer o filme porque a minha amizade por ele podia conduzir-me a uma visão demasiado emocional do personagem.

Cunha Teles

— Então Manuel é José?

. . Não é precisamente José. O Manuel que conheci em Paris deu origem ao José do guião mas que é diferente do José que o Manuel interpreta.

(Este trocadilho, aparentemente obscuro, é claro como água pura. Será que Manuel não é sincero na interpretação do José? Será que Manuel se defende da câmara?)

. . Não sei se o Manuel que conheci em Paris era sincero; ou se é este Manuel que não está a ser sincero; ou, ainda, se o meu próprio olhar sobre ele se alterou.

Cunha Teles define-se ao ao definir o cinema que pretende fazer. Homem e cineasta penetram-se numa simbiose de expressão. Um apetite do homem de estar vivo entre os vivos; um gosto do cineasta para virar um pouco as costas à técnica, à mecânica e ao conceito de cinema-arte.)

. . Antes de ser profissional de cinema sou um homem e por isso estou mais preocupado em fazer um filme para as pessoas do que para ser apreciado pelos cinéfilos. O conceito de cinema-arte é uma forma de conviver com os outros porque se baseia na preocupação de os espantar, de os esmagar.

Para mim o cinema é uma forma de estar com as pessoas e não um biombo interposto entre elas.

(No universo fechado dos cineastas que vivem em constantes querelas, raivinhas e invejas, palmadas nas costas pela frente e cortes de casaca por trás, as palavras de Cunha Teles vão produzir um efeito pesado.)

. . Parece-me lamentável que as pessoas procurem afirmar-se diminuindo os outros. Será que só pode haver um realizador em Portugal e esse seja o dono de todas as verdades e único sabedor da expressão cinematográfica? Não. É preciso que surjam cada vez mais pessoas a fazer cinema. Um realizador não deve ser um doutor nem pretender um estatudo de classe.

UM ESBOÇO BIOGRÁFICO

. . (Ao longo da vida de um homem (com 38 anos) passa-se muita coisa. Há experiências, frustrações, influências, desilusões, esperanças... e até aventura. Ou a vida do homem não teria significado. Seria mole. Quando um homem está mesmo presente faz da sua vida uma interrogação.)

. . António da Cunha Teles nasceu na Madeira. Veio para Lisboa: estudar Medicina — curso que deixou em meio. Foi até Paris por amor ao cinema. Possui três diplomas: do I.D.H.E.C., do Instituto de Filologia da Faculdade de Letras, da Escola Normal Superior de S. Cloud onde adquiriu o título de perito em técnicas Audiovisuais.

Contrariamente à lógica não se agarrou a uma máquina de filmar para fazer cinema. Decidiu ser produtor. Nessa função produziu 13 longas-metragens entre as quais se destacam «Os Verdes Anos», «Belarmino», «Mudar de Vida», «Domingo à Tarde» e várias co-produções. «La Peau Douce», com Truffaut, é um exemplo desta actividade. Porém Cunha Teles fracassou. E se possuía algum dinheiro ficou sem ele.

Não estou arrependido do que fiz. Tenho uma noção de propriedade muito limitada. Acredito que é possível viver à custa do trabalho realizado diariamente. Portanto não preciso de ter bens imóveis.

(A vida para Cunha Teles é uma espécie de aposta: uma perpétua e obstinada conquista de mudança. Já anda a pensar em projectos que metem o Glauber Rocha ao barulho. Onde Cunha Teles seria o produtor do cineasta brasileiro numa fita realizada em Portugal.)

. . Aliás se voltar à produção será para romper com o «statu quo» instalado e procurar uma ruptura. A intervenção que tive como distribuidor, para trazer cá alguns filmes de que gosto muito, penso que não pode prosseguir por causa dos monopólios existentes na exibição. De qualquer maneira, realizar, produzir ou distribuir corresponde à mesma atitude que tenho perante o cinema. Estas três actividades diluem-se numa só intenção.

Quanto ao Glauber Rocha, por enquanto, não há nada de concreto. Posso apenas dizer que ele está interessado em fazer o «D. Sebastião», ou o «Amor de Perdição», ou seja, em alguns temas da cultura portuguesa.

— Achas que o Glauber Rocha se modificou?

. . (Um breve silêncio. Cunha Teles repousa o olhar num ponto vago por escassos segundos.)

Julgo que Glauber não está diferente... talvez mais desesperado.

— Gostas do cinema dele?

. . Embora seja um cinema que eu nunca poderia fazer gosto bastante do «António das Mortes», da «Terra em Transe» e (de uma outra maneira) do «Cancer», o último filme de Glauber.

NÃO QUER SER GENIAL

. . Tento um jogo de verdade com Cunha Teles. Ele esquiva-se com subtileza.)

. . — De todos os filmes do chamado novo cinema português qual é o teu preferido?

. . Gosto de vários por razões diversas. De resto não posso declarar amor total a nenhum deles nem fazer opções definitivas. Acho que o Manuel de Oliveira é um cineasta importante na história do cinema português embora não esteja de acordo com «O Passado e o Presente» que recuso completamente.

(Uma pessoa lê livros, vê cinema, contacta com uma determinada cultura e as marcas ajustam-se à sua estrutura mental como se fizessem parte dela.)

. . Há filmes e cineastas que foram decisivos para mim; ajudaram-me a entender o mundo. Cito marcas de Eric von Strohein, Renoir Rosselinni, Dreyer, Bresson, Orson Welles dos maus dias (detesto os filmes conseguidos dele), um certo Godart e um certo Truffaut.

— E os novos?

. . Penso que, efectivamente, Godart foi o último grande cineasta importante na evolução do cinema. Depois... creio que nem o Garrel nem o Straub acrescentaram nada de novo.

Outra vez «Meus Amigos». Outra vez o cinema português. Que há de comum entre os sócios da Cooperativa de Cinema? Entre Fernando Lopes e Manuel de Oliveira; Paulo Rocha e Cunha Teles ou entre x e y?

. . Pelo menos a recusa em fazer um cinema de consumo. Estou convencido que estamos todos vivos. Cada um à sua maneira. No entanto tematicamente e esteticamente temos muito pouco a ver uns com os outros. Creio que se pode falar de uma responsabilidade comum no exercício do nosso trabalho.

O filme que Cunha Teles prepara vai custar 1350 contos. Menos do que o «Cerco». Todavia esta fita foi dos filmes portugueses a que deu mais dinheiro. Porquê?

. . Não sei bem. Ou talvez pela minha recusa em ser genial, em demonstrar que vi todos os filmes importanes da história do cinema e procurar o mais simplesmente possível, dizer o que tenho a dizer. Sempre quis entender-me com toda a gente. Ficaria humilhado se alguém saísse de um filme que eu fizesse, a bater com a cabeça nas paredes por não ter percebido nada.

— «Meus Amigos» também é uma fita linear?

Totalmente linear. Rejeito todos os processos dramáticos, tensões, cabotinismos e efeitos fáceis. É um olhar muito simples sobre as coisas. As pessoas aparecem sempre em plano aproximado como se convivessem comigo.

A ORDEM DE POMPIDOU

Continuação da pág. 15

mas também no estrangeiro, em especial na Itália e Inglaterra.

Tudo isto, a U.D.R., que vai ter que encontrar um novo secretário-geral para substituir o sr. Peirefitte, o sentiu rápida e profundamente. Não tendo sido acatados os conselhos de Frey ao sr. Messmer, uma vez que Poniatowski entrou no Governo, numerosos gaullistas, já irritados com os altos elogios feitos a Giscard d'Estaing, estão a endurecer a sua posição. E uma das consequências deste endurecimento foi o sectarismo manifestado pela maioria na altura em que foram atribuídos os lugares de responsabilidade no seio das grandes comissões da Assembleia Nacional.

Quando os comunistas, os socialistas e os radicais de esquerda bateram a porta, quando os reformadores não ficaram senão com as migalhas, onde está então a abertura? Fez-se ouvidos de mercador aos sábios conselhos de Pompidou, que explicitamente desejara que a posição «pudesse colaborar eficazmente no trabalho parlamentar da maioria, em particular na elaboração das leis».

Jean Lecanuet, que em face disto deve estar em reflexões profundas sobre as vantagens de certas «aproximações», resumiu bastante bem o facto ao ver nele a «indicação de uma tendência bastante desagradável». É essa, a sensação que inspira tanto o sectorismo parlamentar da maioria, como a composição da equipa do sr. Messmer, como a recusa em inscrever na ordem do dia da Assembleia a discussão de textos relacionados com a tensão social e universitária actual.

Se o Governo não aproveita a ocasião que lhe fornece o próximo debate sobre política geral para pôr na mesa provas tangíveis da sua vontade de liberalismo e abertura, talvez não seja cedo demais para começar a gritar que há fogo no palheiro.

RAYMOND BARRILLON

1973 Trinta filmes "oficiais no Festival de Cannes

....Trinta filmes «oficiais» serão apresentados este ano no Festival Internacional de Cannes (de 10 a 26 de Maio). O júri será presidido por Ingrid Bergman.

Estarão representados uns quinze países (49 nações propuseram obras). A América vem à frente com seis filmes, pelo menos.

Pormenor interessante este ano: o número importante das primeiras obras de iovens realizadores que vêm equilibrar os ilustres «veteranos» como Ingmar Bergman (Cris et Sussurros), Joseph Losey (A Casa Das Bonecas), Lindsey Anderson («Oh Lucky Man»).

Losey com «O Mensageiro» e Anderson com «If» já foram premiados em Cannes.

Entre os «novos» figuram Alan Bridges, Grã-Bretanha («O Mercenário») os americanos Jerry Schatzberg («Scarecrow»), o actor-realizador Paul Newman que apresentará um filme realizado por ele — «Da Influência Dos Raios Gama No Comportamento Das Margaridas», James Gercio («Electra Glide In Blue»), Arthur Baron («Jeremy Jones»), o suiço Claude Goretta (O Convite), e a italiana Lina Wertmul Ler (Amor e Anarquia). A Itália deve estar representada por um filme tratando dos escândalos da cirúrgia (A Mafia Branca) de Luigi Zampa e uma obra de Carlo Ben Benet: «Um Hamlet A Menos».

A URSS deve apresentar dois filmes um dos quais será a adaptação de George Daniela da obra de Mark Twain «Huckelberry Finn». Haverá um filme do hungaro Ferenc Cardos («Petefi 73»), e do polaco W. Haas («O Tráfego de Manequins»).

A Bélgica apresenta dois filmes: «Belle» de André Malraux e «Far West» do cantor-actor-encenador Jacques Brel, em que interpreta o primeiro papel. Foi também o autor da canção e da música...

1 — Paul Newman

2 — Jaques Brel

3 — Ingmar Bergman

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Seixal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o proc.º 8/49693, para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho do Seixal, da modificação de uma linha para a Quinta da Princesa, incluindo a mudança de tensão de 6 para 15 kV, passando a derivar do apoio n.º 22 da nova linha LI 15-23 Sobreda-Fogueteiro, e a ter o comprimento de 1041 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Seixal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49756 para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista a 15 kV com 915 m (parte aérea com 165 m e parte subterrânea com 750 m), do poste n.º 12 da linha mista Sobreda-Fogueteiro ao posto de transformação n.º 3-018, em Corroios.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49524 para o estabelecimento, na freguesia de S. Sebastião, no referido concelho, de uma linha aérea a 30 kV, com 524 m, do poste n.º 41 da linha Cachofarra-Curralinhos ao posto de transformação da Sadifrio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção - Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/49760 para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, concelho de Almada, de uma linha mista a 15 kV, com 270 m (parte aérea com 250 m e parte subterrânea com 20 m) do poste n.º 17 da linha Sobreda-St.º António para o posto de transformação da Estação Elevatória do Monte da Caparica da Câmara Municipal de Almada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 6 de Abril de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

INTERNAL AUDITOR

INTERNATIONAL ORGANISATION RE QUIRES INTERNAL AUDITOR FOR ITS PORTUGUESE ASSOCIATED COMPANY BASED IN FIGUEIRA DA FOZ. HE WILL BE RESPONSIBLE TO MANAGEMENT AND WILL ALSO BE REQUIRED TO SPEND 15/20 WEEKS ANNUALLY VISITING OTHER EUROPEAN SUBSIDIARIES.

APPLICANTS SHOULD : —

BE AGED BETWEEN 30 AND 40 YEARS

BE GRADUATES OF ISCEF, ICL OR EQUIVALENT

HAVE HAD AT LEAST 4/5 YEARS PRACTICAL EXPERIENCE OF EXTERNAL OR INTERNAL AUDITING

BE FLUENT IN PORTUGUESE, FRENCH AND ENGLISH

GOOD SALARY, TRAVEL ALLOWANCES AND EXCELLENT PROSPECTS OFFERED.

APPLY TO : — N.º 776 OF THIS NEWSPAPER.

CINEMA

EM EXIBIÇÃO

Paris, manicómio do amor

«Elle court, Elle court, la Banlieue»

Acabadinho de estrear, «Paris, Manicónio do Amor», está à sua disposição leitor. Não sabemos se prefere os filmes épicos ou de «cow-boys», históricos ou de lindas (e comovedoras) intrigas amorosas. Por isso, porque desejamos que não fique tempos sem fim a chorar o rico dinheiro do seu cada vez mais dispendioso bilhetinho e para que possa avaliar até que ponto a fita coincide com o seu gosto pessoal, vamos começar por lhe dar a conhecer.

HISTÓRIA

Marlene e Bernard amam-se num leito emprestado.

Marlene quer casar com Bernard, mas ele não tem pressa. Ela quer ter filhos, um homem em casa todas as noites, um pequeno pedaço de paraíso, em pleno campo, próximo de Paris. **«Não é má ideia»** — diz Bernard.

Começam por procurar um apartamento na companhia de uma agente imobiliária tão escroque como os outros. Acabam por encontrar esse «paraíso», a meia hora de distância da praça de L'Etoile. uma dessas «cativantes» cidades modernas, onde os prédios são todos iguais e onde cada um, não acerta com a porta à primeira vez.

Um cobertor no chão, duas malas a servir de mesa, duas caçarolas... O amor, água fresca, uma aliança e eis a felicidade. Não? E o resto?

Para começar, os arredores não são tão perto como isso. Para estar no escritório em Paris, Marlene, tem de se levantar às cinco da manhã, apanhar a camioneta, atravessar uma gare a correr, entrar num comboio que a deixa em Paris e, finalmente viajar entre as «delícias» do «metro» nas horas de ponta, para chegar ao seu destino.

Bernard utiliza o seu carro. Representante de produtos dentários, com uma autêntica vida de cão! Entre dois doentes angustiados, tenta vender a dentistas sádicos artigos que não lhes interessam.

À noite a maratona tem sentido inverso. Encontrões, correrias, apertões, para Marlene. Quanto a Bernard ele é apanhado nos «engarrafamentos» monstros com mais um milhão de automobilistas. Estampaços, injúrias, pancadaria.

Só mais tarde os dois heróis quotidianos se encontram. Mas isso não impede os seus sentimentos...Ah, o amor! A semana corre a um ritmo infernal. O pequeno mundo das pessoas que vão para o trabalho. Os malandros e as vítimas, cada um podendo ser isso tudo ao mesmo tempo ou o inverso.

Marlene arranja uma amiga: Marie. Simpatizam um pouco, detestam-se muito e ignoram-se ainda mais. Vizinhos curiosos, furiosos, ciumentos, do seu lugar no «parking». Todos vivem ao ritmo do prédio. As luzes acendem-se e apagam-se ao mesmo tempo. Uma cena que começa num apartamento vai acabar noutro qualquer.

Chega o sábado. Para descansar. Para dormir. Mas é também o dia das limpezas, das arrumações...Dos ruídos infernais....Pela primeira vez Marlene não acompanha Bernard a uma corrida de automóveis, a sua grande paixão. Ela tem o sono em atraso e deita-se. Mas a campainha da porta não para de tocar. Um representante de móveis consegue vender-lhe (antes que ela tenha acordado totalmente) desde a cozinha à televisão a cores; móveis a pagar a crédito. A armadilha fecha-se....

Marlene que corre 4 horas de transporte por dia, cada vez cabeceia mais nas horas de ternura. Quando os móveis chegam ela não mostra o mínimo interesse em inaugurar a cama nova. Bernard sente-se vexado. Nada é mais perigoso que um homem atingido na sua masculinidade.

Marie a vizinha e amiga de Marlene, vive uma grande paixão entre dois comboios no Hotel de la Gare, com um Dom Juan dos arredores. O marido surpreende-a. Os gritos soam por todo o prédio. Nessa noite, Marlene esgotada adormece no comboio. Mais tarde acorda no vagão abandonado na estação de recolha. Regressa em «auto-stop» às 4 da manhã... É lógicamente é mal acolhida por um Bernard ciumento. Traumatizado pela cena dos vizinhos, faz acordar toda a vizinhança....

Em breve resumo, este é o princípio de «Elle court, Elle court, la Banlieue» (Paris, Manicómio do Amor), comédia irresistível de graça e, também, uma critica feroz ao mundo de hoje que quase não deixa espaço para o amor entre um homem e uma mulher.

Divulgado o enredo interesse agora saber algo sobre

Nicole de Buron detesta que lhe chamem argumentista. A palavra exacta para a definir será portanto «autora». Na verdade ela colabora na realização dos filmes que escreve na escolha dos intérpretes, na montagem etc.

A AUTORA

Nicole de Buron foi durante sete anos a responsável pelas crónicas de humor de «Marie-Claire». Argumentista do folhetim televisivo «As Nossas Queridas Mulheres». Autora de cinco livros de humor e também de duas curtas metragens «Concert pour Bateau» et Bateaux-Mouches». Com Gerard Pirés fez «Erotíssimo» e «Elle court, Elle court, la Banlieue» inspirada pelo tema do livro de Brigitte Gross: «Quatre Heures de Transport por Jour».

E Gerard Pirés, é, precisamente

O REALIZADOR

Filho de pai português e mãe francesa, Gerard Pirés nasceu em Paris, a 31 de Agosto de 1942. Depois de ter feito o curso na escola de Artes Aplicadas trabalhou durante dois anos como fotógrafo em moda e publicidade. No serviço cinematográfico do exército realizou três curtas metragens em preto e branco: «Operation Panthère» «Le Grand Pas» e «Vol Tactique».

Com as suas economias, realiza um filme de três minutos a cores: Vie et Opinions de Adrien», que foi apresentado no Festival de Tours. Após alguns filmes de encomenda faz «Misanthrope» que é comprado pelo produtor Pierre Braunberger.

Finalmente realiza em 1969 a sua primeira longa metragem: «Erotíssimo» que recebeu o «Grande Prémio Feminino do Cinema Francês» e o «Grande Prémio da Crítica no Festival de Berlim.» Depois de «Fantasie Chez les Poues» (1970), Gerard Pirés rodou duas novas curtas metragens em 1971: «L'art de la Turlute» e «La Fete des Méres».

No final de 1972, ele encontra de novo a sua autora Nicole de Buron, para o seu terceiro filme: «Elle court, elle court, la Banlieue» (Paris, Manicómio do Amor).

Por muito brilhante que seja o lote de comediantes que interpretam um filme (e neste temos Jacques Higelin, Nathalie Courval, Victor Lanoux, Daniel Prevost e Jean-Pierre Darras nos principais papéis) a grande curiosidade do público vai quase sempre para

A ACTRIZ

Marthe Keller, nasceu na Suíça há 25 anos. Desde muito jovem frequentou os cursos de dança na Ópera de Bâle, onde mais tarde fez parte do corpo de «ballet». Um acidente de «sky» interrompeu a sua carreira de «danseuse». Marthe decidiu seguir a arte dramática. Continuando os cursos de sociologia e de comediante participou em numerosas emissões de televisão.

Um teatro de Heildelberg toma-o sob contrato. Marthe Keller, familiariza-se com Goethe, Schiller e Shakespeare. O seu talento é reconhecido a sua boa estrela cresce de dia para dia. O célebre Schiller Theatre convida-a. Entretanto o realizador Philippe de Broca descobre-a para o cinema. «O Diabo à Solta», ao lado de Yves Montand. Como as filmagens se atrasam, Marthe, é obrigada a deixar o teatro na Alemanha e a ficar em Paris.

FILMOGRAFIA: «O Diabo à Solta» de Philippe de Broca, «Arsène Lupin», «La Veuve Rusée» de Goldoni, «Os Caprichos de Maria» de Phillippe de Broca, «La Vieille Fille», «Elle court, Elle court, La Banlieue» (Paris, Manicómio do Amor) de Gerard Pires.

NO TEATRO EM PARIS: Com Jean Rochefort, 400 representações da peça «Un Jour dans na Vie de Joe Egg».

NA TELEVISÃO FRANCESA: Várias interpretações dramáticas bem acolhidas pela crítica. E, principalmente, o célebre folhetim «A Rapariga de Avinhão».

Agora leia a opinião dos críticos e tome uma decisão: «Paris Manicómio do Amor» espera por si. «Elle court, Elle court, la Banlieue» espreita da cabina de projecção o seu lugar na plateia. Vai ocupá-lo leitor?

FICHA TÉCNICA

Produtor, Pierre Braunberger; realizador, Gerard Pires; cenários e diálogos, Nicole de Buron; segundo o livro de Brigitte Gros, «4 Heures de transport par jour»; assistentes de realização, Gisele Braunberger; Claude Miller; director de produção, Roger Fleytoux; director de fotografia, Bernard Sury; engenheiro de som, Rene Longuet; montagem, Jacques Witta; música de, Ed Welch, Jacques Higelin, e Charles Trenet.

Uma mulher à deriva

Janos é um pescador que vive feliz com a mulher até ao dia em que surge Anada, uma rapariga bonita e misteriosa que Janos salva de morrer afogada.

Anada, recebida pela família, depressa se torna uma obsessão erótica para Janos, afastando-o pouco a pouco da mulher.

Kadar mostra-nos Janos «apanhado pela corrente», literal e figurativamente, perto de se afogar ele próprio ao salvar Anada da sua tentativa de suicídio.

Paradoxalmente, «Uma Mulher à Deriva» é um filme altamente sensual e curiosamente moral. Repleto de ilusões que nunca são explicadas, e alusões a perguntas que não terão resposta, «Uma Mulher à Deriva» é uma charada poética admirável.

O REALIZADOR

«Do cinema checoslovaco, para além do caso isolado de Milos Forman, o espectador português quase nada conhece. Por isso, e para lá de quaisquer outros comentários posteriores, se deverá saudar a estreia entre nós de um filme de Jan Kadar. Não pertence já à mais jovem geração do cinema checoslovaco (nasceu em 1918), Kadar iniciou a sua carreira como documentarista, a que se seguiu um período de trabalho em comum com um outro homem do cinema checo: o argumentista Elmar Klos. Da colaboração de ambos nasceram alguns filmes que, nos dizem as crónicas, obras de certa importância: **Katka** (1950). **L'Enlèvement** (1952), **la Musique de Mars** (1955), **La Bas au Terminus** (1957), **Trois Voeux** (1958), **La Mort s'ppelle Engelchen** (1963, Primeiro Prémio do Festival de Moscovo), **L'Accuse** (1964, Grande Prémio no Festival de Karolvy — Vary) e **Le Miroir aux Alouettes** (1965, Oscar para o Melhor Filme Estrangeiró), A estes títulos (que facultamos na sua versão franceses, porquanto nenhum deles se estreou entre nós) se deverá ainda juntar uma adaptação de **A Guerra das Salamandras de Karel Capek.»** (Lauro António)

OS INTÉRPRETES
(Markovic)

Marcovic começou a sua carreira no teatro experimental da Universidade de Belgrado nos anos cinquenta. Terminou o seu **estágio** como membro directivo da primeira companhia de teatro da Yugoslávia o «Atelier 212» que actuou no centro Lincoln em Nova Yorque em 1967.

Markovic interpretou papéis cómicos e dramáticos no teatro e mais tarde no cinema. Ganhou três «Golden Arenas» como o melhor actor masculino no Pula Film Festival da Yugoslávia em 1956, 57 e 61. Participou no filme bulgaro «Thiefs of Peaches» em 1966. As suas interpretações têm sido sempre distinguidas pelos críticos nos festivais internacionais de cinema de Veneza e de Cannes.

Em «Uma Mulher à Deriva» Markovic é Janos o intérprete principal masculíno, e neste filme Markovic tem o papel mais importante da sua carreira.

A alternância das suas relações com a mulher, (Anada) com o sogro com o filho e com a sua própria consciência, são o ponto de convergência de «A Mulher à Deriva».

(MILENA)

Milena Dravic ganhou a admiração e os elogios da crítica pela forma extraordinariamente expresssiva como representa. É dotada dum talento invulgar para interpretar quer personagens cómicas quêr heroínas complexas. Milena Dravic já recebeu vários prémios em festivais internacionais assim como o «State Prize» para a melhor actriz do ano (1970). O filme «Horoscop» do qual é intérprete ganhou o «Urso de Oiro» em 1969 no Festival do Filme em Chicago e em San Francisco.

Milena Dravic é Zuzka, a mulher de «Uma Mulher à Deriva».

(PAULA)

Modelo de modas e de televisão, Paula Pritchett, faz a sua primeira aparição como actriz no filme «Uma mulher à Deriva». A sua beleza misteriosa e fria e a interpretação que dá como Anada, a jovem nua salva por Janos, abrem-lhe o caminho para uma nova e brilhante carreira.

Anada não possui passado, não tem futuro, não possui nada excepto ela própria. Anada representa a vida e a morte.

DOMINGO À NOITE

1. CONCURSO — ordem de entrada em cena das três canções (três) apresentadas:

. a) Uma canção de **Paião** e **Damas** interpretada por **Manuel Vargas («Rua do Abandono»).** Partes mais importantes: **«Sou chama sem calor»; «Só tenho à minha volta solidão»; «E não mais sentirei o calor das tuas mãos / mas o meu coração espera por ti / na Rua do Abandono».**

b) Uma canção interpretada e composta por **Hugo Maia de Loureiro,** com letra de **Maria da Graça Varela Cid.** Parte mais importante: **«Lenga-lenga, longa-lenga que embalou a tua infância».**

c) Uma canção interpretada por **Valério Silva,** assinada por **Thilo Krasmann** e **Rui Ressurreição.** Parte mais importante: **«és vida e morte / és azar e sorte / semente e fruto / ar e canção / tu és meu irmão».**

2. ELIO SERAFFINI (Não conhecem? Oh!)

. Um **grupo de estudantes** de vários países da América do Sul radicados em Madrid. Dançam (?) umas coisas precisamente oriundas da América do Sul.

3. Florbela & Norberto — I

Entraram instalados no palco giratório, imediatamente após a saída dos estudantes das pampas e arredores. Um texto muito fraco sobre a escassez de espaço nas casas «modernas».

4. E agora... ALICE AMARO!

Eládio Clímaco apresenta **Alice Amaro** assim: **«De novo em «Domingo à Noite» e mantendo o estilo que criou há alguns anos... ALICE AMARO!»**

. **Alice** entrou, cantou, e manteve o estilo que criou (juntamente com mais umas tantas pessoas) há alguns anos. À segunda e última canção chegou mesmo a dizer: **«Ele é moderno, sem ser Yé-Yé»**, e acabou assim: **«Vou prender seu coração».**

5. JIRINA'S COMBO

Muito giro! Não a actuação de **«Jirina's Combo»,** com interpretações modestas de **«Raindrops Keep Falling On My Head», «Love Story»** ou **«Cabaret».** Giro mesmo giro foi a entrada, também de palco giratório, do conjunto: à primeira, estava o palco a meio da voltinha, eis que surge, repentinamente, uma cortina, e que falta o som à vocalista, que olhava o microfone como quem pede o que um microfone desligado não pode dar. À segunda, quase o mesmo, com o órgão, o sax e a bateria a atacar o primeiro compasso e a não poder prosseguir. Um espanto! Pena que o telespectador não possa assistir a uma sequência humorística tão bem conseguida...

6. BANDA DA ARMADA (Secção de Percussão)

Para interpretar a **Cantata para instrumentos de percussão,** de **Carlos Chaves,** esteve no palco do Maria Matos a secção de percussão da **Banda da Armada,** dirigida pelo maestro capitão-de-fragata **Marcos Romão.**

7. Florbela & Norberto — II

A **«mulher da limpeza»** recebe uma carta onde se lê P.M.P. e faz confusões mais ou menos bem encontradas. Como, por exemplo: P.M.P. igual a **«Pedimos Melhor Programação».**

8. Elio Seraffini Y Sus Muchachos, cap. II

Vira o disco e toca o mesmo, com archotes e muita grita.

9. Encarnito Polo (a famosa Encarnito Polo, melhor dizendo)

Quando entrevistada, **Encarnito** disse: **«Canto para pessoas dos quatro aos sessenta anos, num género a que chamam Flamenco - pop».**

Polo cantou, com play-back e voz dobrada, uma boa meia dúzia de **«flamencos - popes»** de se lhe tirar o chapéu.

NUNO GOMES DOS SANTOS

COM NOVE PONTOS (A CAIR PELA BASE)

CONFLITO ISRAELO-ÁRABE
A PARALISIA DO LÍBANO

Continuação da pág. 1

desobrigação implicaria, com efeito, medidas ainda mais draconianas contra as organizações palestinianas. Liquidados fisicamente na Jordânia, virtualmente paralisados nos outros países árabes, os **fedayin** bater-se-iam com a raiva do desespero para conservar o último refúgio que lhes resta. Um tal conflito poria igualmente em perigo o delicado equilíbrio interconfessional. Quaisquer que sejam as suas verdadeiras convicções, um homem como Saeb Salam, por exemplo, não se pode permitir ferir frontalmente a sua clientela eleitoral, composta na sua grande maioria por sunitas. Os partidos e as organizações da esquerda, cuja influência está longe de ser desprezível, sobretudo entre os estudantes e os trabalhadores, tirariam proveito desta «traição» relativamente à guerrilha para mobilizar «a rua» contra o regime. Os outros «irmãos», apesar da sua atitude pouco amigável para com a resistência palestiniana, colocariam o Líbano de quarentena, pois a sua prosperidade económica depende precisamente da sua longa abertura sobre o «hinterland» árabe.

Nestas condições, não se vê muito bem como é que Saeb Salam, ou o seu eventual sucessor, poderá dar seriamente remédio à paralisia do Líbano perante os **fedayin** e Israel. (LM/DL).

LEILÃO DE GADOS

CAVALAR, MUAR, ASININO E BOVINO

NA ESTAÇÃO DE FOMENTO PECUÁRIO DO ALTO ALENTEJO

(COUDELARIA DE ALTER)

ALTER DO CHÃO

NO DIA 24 DO CORRENTE

Margarida Martins de Brito Botelho de Amaral

FALECEU

Marido, mãe, filhas, filhos e restante família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã dia 23 às 11 horas, saindo da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Lumiar. Hoje às 10.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 53 41 67

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

38.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com **JOSÉ VIANA**

no protagonista

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Rita Nobre, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Todas as noites: 21.45 h.
3.ª feira, descanso da Companhia
Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

RUA DA PALMA
Hoje: Às 21.45
Grupo C M/ 14 anos

(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz
2.ª feira, descanso da C.ª
ÚLTIMOS DIAS

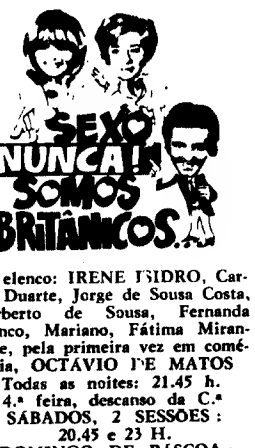
TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

18.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIRÓS



No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO DE PÁSCOA: «Matinée» às 16 horas e à noite 2 sessões, 20.45 e 23 horas

BREVEMENTE: **«O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»**
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

Trituradoras TWEENY

PARA O TRITURADOR TWEENY NÃO HÁ OSSOS DUROS DE ROER!

ACABE COM A POLUIÇÃO EM SUA CASA ELIMINANDO EM POUCOS SEGUNDOS OS RESTOS DA SUA COZINHA.

TWEENY É ADAPTÁVEL A QUALQUER LAVA-LOIÇA DE AÇO INOXIDÁVEL.

ESPECIALIZADOS HÁ QUINZE ANOS NO FABRICO DE TRITURADORES DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS.

GARANTIDOS POR 5 ANOS

TWEENY — O TRITURADOR DE CONSTRUÇÃO MAIS ROBUSTA EXISTENTE NO MUNDO.

Representante em Portugal:
ANSELMO SANTOS

AVEIRO
Av. Araújo e Silva, 109 - Telef. 24494

LISBOA
R. Coronel Bento Roma, 12-A
Telef. 717169

Em 22 de Abril de 1970, o Banco Português do Atlântico
e a União de Bancos Brasileiros comemoraram a abertura,
em conjunto, uma ponte que liga Brasil e Portugal.
Nestes três anos, milhares de pessoas utilizaram essa
ponte para realizar bons negócios com rapidez.
•Administração de bens e valores de residentes em Portugal
•Remessas de dinheiro
•Facilidades para importação e exportação
•Consultas sobre negócios nas nossas 610 agências
Comece a usar esta ponte da amizade:
procure uma das nossas agências no Brasil e em Portugal.
Afinal, a nossa ponte não foi construída apenas
para aproximar dois países,
mas também para unir ainda mais os dois povos.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS

Há três anos inauguramos uma ponte entre Brasil e Portugal
Você pode usá-la em qualquer uma das nossas agências

DESPORTO

Bobby Charlton: o adeus de um senhor

O futebolista inglês Bobby Charlton, que anunciara a sua retirada dos campos de futebol no fim da presente época, destruiu hoje as esperanças de muitos clubes da Austrália, de Hong-Kong, da Africa do Sul e dos Estados Unidos que desejavam contratar o jogador.

«**Quando afirmei que me retirava falava a sério. Isso significa que não assinarei qualquer contrato, por mais propostas que tenha**» — disse Bobby Charlton.

O futebolista que planeia o seu futuro profisional como técnico de equipas do seu país, acrescentou:

«**Poderei vir a fazer um ou outro jogo ocasional, mas não tenho intenções de me ligar permanentemente a qualquer clube**».

O South Melbourne, era o clube australiano interessado nos serviços de Charlton e pretendia ainda o concurso de Denis Law, também do Manchester United.

No entanto, Law disse já que, provavelmente, não aceitava.

Bobby, um dos sobreviventes do desastre aéreo de Munique que vitimou alguns dos melhores jogadores do Manchester United — nessa altura uma equipa maravilha — envergou por 106 vezes o «jersey» nacional inglês (o que constitui um «record» absoluto) entre 1958 e 1970.

Bobby Charlton, de 35 anos, capitão da equipa do seu clube, transformou-se numa autêntica lenda viva no mundo do futebol, principalmente porque a sua integridade e total «fair play» sempre se ombrearam com o seu gigantesco e versátil talento futebolístico.

Todas as honras merecidas pelo futebol inglês estiveram (quase) sempre associadas aos méritos de Bobby, honras culminadas pela vitória no Campeonato do Mundo de 1966, de que ele foi um dos obreiros. No mesmo ano, precisamente em reconhecimento desse brilhantismo, Charlton foi votado como o melhor jogador de futebol da Inglaterra e da Europa.

Em 1966, Bobby foi galardoado com a Ordem do Império Britânico, pelos serviços prestados ao futebol do seu país.

Jogador dos mais versáteis, como já se disse, Bobby Charlton tanto actuava como «armador» de jogo e «motor» da equipa, como, através de talentosas jogadas de um cunho tremendamente pessoal, «arrancava» como um bólide elegante e vibrátil, para a grande área adversária, obtendo golos de belo efeito. De facto, os seus talentos de goleador fizeram-no detentor de um outro «record» que será muito difícil de igualar (ou de ultrapassar): 49 tentos ao serviço da selecção inglesa.

Depois de ter realizado a sua estreia internacional contra a Escócia, em 1959, em Glasgow, Charlton tirou «assinatura» na equipa nacional, tendo jogado pela última vez (a título internacional) contra a Alemanha Ocidental nas finais do Campeonato do Mundo do México, em 1970.

Recentemente realizou o seu 600.º jogo da Liga pelo Manchester United e no próprio terreno onde foi obreiro de tantas vitórias e onde viu tantos aplausos à sua real classe, o Old Trafford, disse numa conferência de Imprensa: «**Decidi acabar a minha carreira como jogador no fim desta época. A decisão foi rodeada das melhores circunstâncias possíveis. Ficaria para sempre a odiar-me se abandonasse o clube numa altura em que ele precisasse de mim, mas a verdade é que agora existe Rosier para desempenhar perfeitamente o meu lugar e ao mesmo tempo estou satisfeito pelo bom rumo que o treinador Tommy Docherty está a fazer seguir à equipa. Portanto, parto descansado**».

Americano vence em Boston

. . John Anderson ganhou a maratona de Boston, tornando-se assim o primeiro atleta americano a realizar essa proeza nos últimos cinco anos.

. . Anderson ganhou a 77.ª edição desta prova clássica anual, em 2 horas, 16 minutos e 5 segundos, ficando, portanto, aquém do melhor tempo obtido em 1970 pelo inglês Ron Hill, que gastou 2 horas, 10 minutos e 30 segundos.

. . Na prova, os americanos conseguiram ainda o segundo e o quinto lugares, quebrando o domínio estrangeiro registado nos últimos anos.

. . A maratona é a principal prova desportiva integrada nas comemorações anuais de Boston e este ano alinharam à partida 1384 concorrentes, o que constitui um «record».

. . Anderson, um estudante de 24 anos, tomou o comando da corrida a sete milhas da partida e cortou a meta com centenas de metros de avanço sobre o segundo, Tom Fleming (que fez quase mais quatro minutos) e sobre o terceiro, o finlandês Olavi Suomalainen, vencedor no ano passado.

. . Duas curiosidades à margem da competição «a sério»: entre os concorrentes que chegaram ao fim, figuram Erich Segal, o célebre autor de «Love Story», e o veterano Johnny Kelley, de 65 anos, que já disputou 42 vezes esta prova, tendo ganho em 1945.

A C. P. INFORMA:

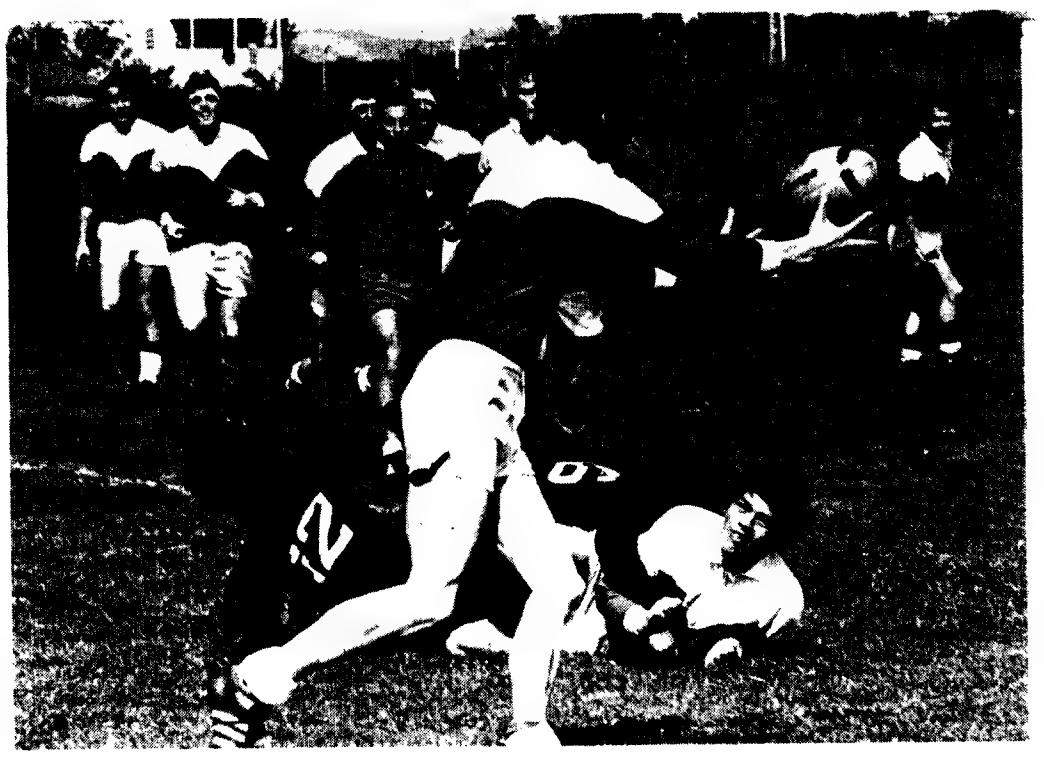
LEILÃO

Em 23 de Abril e dias seguintes, a partir das 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los, até ao dia 20 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas. Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa.

. Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos.

A beleza do rāguebi



Nas Ilhas Britânicas, o râguebi é um desporto tão popular como o futebol. Em França, o entusiasmo pela modalidade da «bola oval» ultrapassou já o interesse pelo chamado «desporto-rei». No nosso país, o râguebi inicia ainda os passos que o levarão a uma fase de grande destaque. A recente visita das equipas francesas do Union de Tarbes e Racing de Chetauroux, proporcionou as belas imagens que hoje publicamos. E quando os jovens portugueses se convencerem que o râguebi não é um desporto de élite, acorrendo em massa aos locais onde seja possível a sua prática, talvez deixemos de ouvir comentários idênticos aos que fez o treinador francês Jacques Macou, que veio até cá dirigir um curso de monitores:

Sem que, com isso, queira agradecer a magnífica hospitalidade, devo dizer, que qualquer das equipas que vi, teria lugar na III Divisão francesa.

BF 17/73

PROGRAMAR PARA GANHAR MAIS

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · FARO · LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

TORM LINES

PARA:

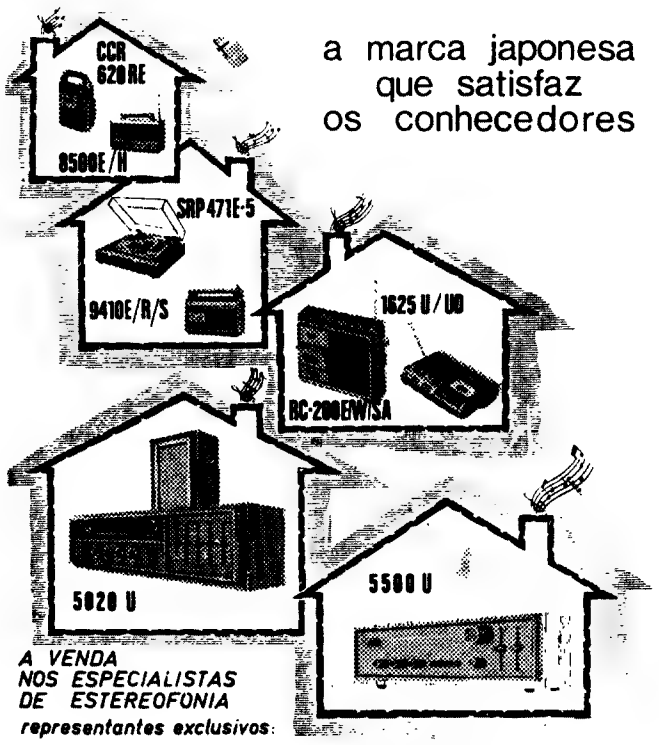
ORAN, ALICANTE, VALÊNCIA, BARCELONA, ALGER, MALTA, BEYROUTH e ALEXANDRIA

n/m. «Alice Torm» em 29 do crte.

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

JVC NIVICO



a marca japonesa que satisfaz os conhecedores

A VENDA NOS ESPECIALISTAS DE ESTEREOFONIA
representantes exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA—SUECA Limitada
RUA DE S. NICOLAU 41 48 - RUA DOS CORREIROS, 50 58 - TELEF. PBCA. INT. 11 - 8 LINHAS LISBOA 2

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH
(Reconhecida oficialmente)
CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO
CURSOS ESPECIAIS para pessoal em Viagem e Turismo, Secretárias, Executivos, Professores de Inglês, Funcionários de Banco, pessoal de Hotel e Restaurante

INTERLINK School of English
CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School
CURSOS DE FÉRIAS
para menores, 10 — 16 anos

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em **Bournemouth, Londres e Oxford** sem compromisso para
INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom, Rua Castilho, 38 - 1º E. Lisboa, Telef. 45698

Nome Sr
Sra
PP11A
Rua C. cace

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO ASTRO LOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 22 A 28 DE ABRIL

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Semana muito favorável para o amor. Faça planos para o futuro junto da pessoa amada, pois a conjunção estrelar é muito propícia para todos os assuntos relacionados com o coração. Terá por conseguinte muita sorte.

DINHEIRO: Se tem algo para o futuro distante, é uma excelente oportunidade para progredir materialmente. Esteja atento a uma proposta que pode ser interessante. Mas trabalhe com afinco, pois a sorte precisa de ajuda.

PROFISSÃO: Conte com os conselhos dos amigos para ajudá-lo a enfrentar as dificuldades que surgirem em seu trabalho, durante a semana. Bom para obter vantagens pelo auxílio de amizades bem intencionadas. Melhoria nos ganhos e nos assuntos profissionais.

SAUDE: O seu estado nervoso prejudicará as suas digestões, seu sono, e naturalmente também seu porte. Tome cuidado.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Um clima deprimente vos inclinará à dúvida, ao ciúme; cuidado para não se tornar decepcionante, desagradável, de onde surgem reais dificuldades a temer. Lembre-se de que o orgulho e outras manifestações negativas quase sempre causam acontecimentos irreparáveis.

DINHEIRO: Conte com rivais que poderão tornar-se prejudiciais para a sua situação financeira. Evite as despesas desnecessárias e controle cuidadodamente o seu orçamento.

PROFISSÃO: Os empreendimentos iniciados durante este período enfrentarão dificuldades e só mais tarde darão resultados compensadores. Poderá no entanto resolver satisfatoriamente os problemas que já venham da semana anterior. Se pretende assinar antecipadamente contratos ou assumir compromissos importantes, deverá certificar-se de que as coisas estão sendo tratadas com as devidas formalidades.

SAÚDE: Será bastante satisfatória; não abuse, porém.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Tudo sem novidade no sector doméstico. O melhor que tem a fazer é seguir a rotina. Ainda que os seus assuntos sentimentais não evoluam como desejaria, nem por isso os resultados serão menos favoráveis. Evite precipitar-se.

DINHEIRO: Se a sua actividade não é de salário fixo, ganhará muito esta semana. Terá grandes possibilidades de lucros. Haja com inteligência.

PROFISSÃO: As suas ideias profissionais são excelentes, mas parece ainda um pouco prematuro expô-las aos outros que parecem pouco inclinados a apreciarem transformações bruscas.

SAUDE: Saúde claramente melhor, depois de uma viagem.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Se houver obstáculos entravando os seus projectos sentimentais, está prevista uma feliz mudança. Não deixe que a pessoa amada sinta sua indiferença e falta de atenção para com ela. Domine os seus sentimentos.

DINHEIRO: Terá muita possibilidade de lucros durante este período. Com inteligência, qualquer iniciativa será bem sucedida. Bom para negócios e para fazer progressos nos ganhos financeiros.

PROFISSÃO: Período de muita força de vontade, intensa actividade, novas iniciativas e sucesso geral nos negócios. Bom para viagens de curta extensão, para tratar com colegas, fazer mudanças e reformas.

SAUDE: É prudente prestar atenção à saúde e ao descanso, e não abusar das próprias forças.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Observa-se uma certa melhoria nos assuntos sentimentais nas relações sociais e no convívio familiar. Não insista demasiado perante qualquer incompreensão do ser amado. Dê-lhe tempo para reflectir e haverá uma reconciliação e uma nova felicidade em perspectiva.

DINHEIRO: Financeiramente terá alguns casos bem sucedidos, mas, para evitar desilusões, não conte com uma semana em cheio, pois as suas influências astrológicas neste período não são exuberantes. Cautela com as despesas supérfluas.

PROFISSÃO: Ponha mais entusiasmo no trabalho se não quiser sofrer desaires. A sua disposição variável é a causa do seu infortúnio. Mantenha-se em guarda e conceda-se tempo para pensar antes de tomar decisões.

SAUDE: Durante este tempo os influxos astrais favorecem a resistência óssea.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Os astros mostram-se agora muito benéficos. Novas oportunidades se oferecerão, no tocante aos casos sentimentais. As novas notícias trazidas por amigos serão boas e excitantes. O período é indicado para viagens, passeios, visitas.

DINHEIRO: Boas perspectivas em tudo quanto se relacione com os assuntos pecuniários. Aproveite as boas influências para pôr em ordem as suas finanças.

PROFISSÃO: Durante este semana saberá tirar proveito das situações, O período é propício aos comerciantes e profissionais de carreira. Com os aspectos planetários a seu favor, deverá ter a maior confiança nos resultados dos seus esforços.

SAÚDE: Procure estar em condições físicas excelentes, esta semana.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: A vida sentimental no conjunto não é má, contudo, pode haver preocupações por coisas que não irão bem ao encontro dos seus desejos e interesses. Em família terá de haver um pouco de luta para conseguir harmonia de opinião.

DINHEIRO: Período promissor, com boas perspectivas de elevação ou lucros positivos. Comércio em ritmo ascensional. A indulgência poderá ser o pior inimigo, pondo a perder boas oportunidades, as deslocações com este fim trazem benefícios.

PROFISSÃO: Protecção no trabalho habitual e até novas empresas. Bom para desenvolver as suas iniciativas e para receber convites para participar em novos trabalhos. Avance com coragem e terá rendimento e progresso.

SAUDE: Tempo favorável à saúde. Para a conservar é preciso evitar os excessos e haver resguardo contra a humidade.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Período de tristeza, desconfiança e melancolia. Esta disposição deriva dos influxos da sua posição planetária que a isso inclina e não da ocorrência de factos desagradáveis. Por conseguinte, tanto quanto possível, mantenha um ar agradável na vida doméstica e social.

DINHEIRO: Os assuntos financeiros não lhe proporcionam interesse por aí além. Não vacile nem seja péssimista no primeiro fracasso que tiver, pois, embora não lhe estejam reservados grandes ganhos, também não há indicação de prejuízos.

PROFISSÃO: Não altere a sua conduta; os pensamentos e projectos que tenha na ideia, não os deve pôr em marcha, deixe-os amadurecer durante mais algum tempo, pois este não é o momento feliz para qualquer empreendimento.

SAUDE: No aspecto físico os astros indicam: excitação nervosa e cansaço.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

AMOR: Novas amizades e alegrias proporcionadas pelo sexo oposto farão com que uma semana inesquecível. Bem estar e satisfação com a família e felizes momentos de romance constribuirão para um período tranquilo e brilhante.

DINHEIRO: Explêndida oportunidade para realizar fundos. O dinheiro aparecerá donde e quando menos esperar. Tempo feliz na obtencão de finanças, mas em contrapartida há indícios de grandes despesas, principalmente em distracções. O factor sorte sorrir-lhe-à. Aproveite!

PROFISSÃO: Altura para tomar responsabilidades como sejam: subida de posição, lançar-se em novos empreendimentos comerciais. A semana é de progresso, deixe os divertimentos para mais tarde, e tire o máximo interesse desta boa posição astral

SAUDE: O melhor possível dentro das suas condições físicas.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Vida sentimental sem entusiasmo. Os astros não indicam melhorias sensíveis nem aborrecimentos graves. Contente-se com a monotonia semanal. Entretanto, não se entregue à inércia, e dedique-se aos problemas do ser amado.

DINHEIRO: Estão-lhe indicados prejuízos se promover negócios duvidosos. O momento não é propício à aplicação de capitais, empréstimos ou outras operações financeiras. Evite tomar responsabilidades de vulto e fazer excessivas despesas.

PROFISSÃO: Caminhe calmamente no seu emprego, não dê aso a complicações e não alimente esperanças demasiadas e mantenha-se firme na sua posição. A semana é falsa para quaisquer modificações na condução dos seus assuntos.

SAUDE: Espírito inconstante, desalento e disposição oprimida. Reaja para evitar que a monotonia o ultrapasse.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

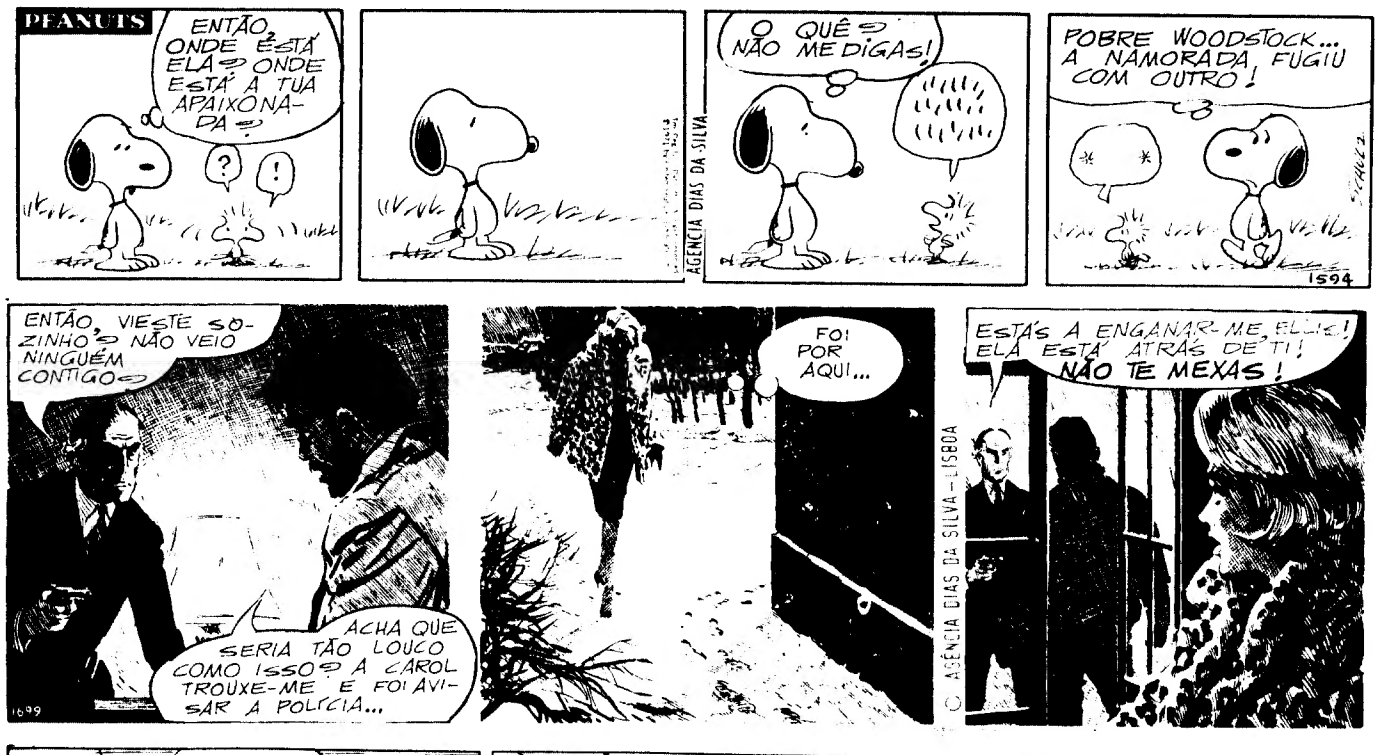
AMOR: Eleve os seus sentimentos e livre-se de tentações comprometedoras, ou sofrerá contrariedades. Terá de considerar os desejos de sua família. Reflicta bem antes de exprimir os seus sentimentos, porque da escolha das suas relações depende a sua felicidade futura.

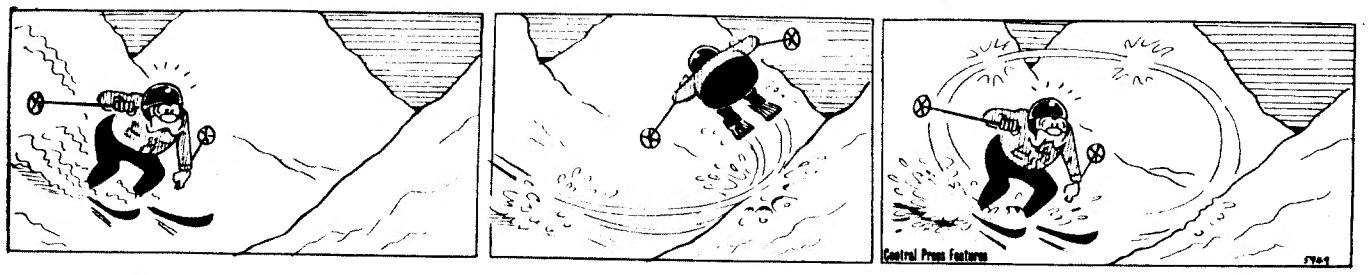
DINHEIRO: Desfavorável em matéria de finanças. Não faça grande esforço pois o seu tema astral não permite facilidades neste campo. Cuidado com os negócios ou possíveis prejuízos.

PROFISSÃO: Boa altura para pensar maduramente nos seus projectos. Incline-se para as suas obrigações sem fazer alterações na sua conduta profissional. Não é conveniente tomar conta de assuntos novos nem adoptar grandes resoluções.

Continua na pág. 26

Benjamim e Belinda, recentemente nascidos no Jardim Zoológico de Londres, fazem a sua primeira apresentação em público, pela não do seu tratador



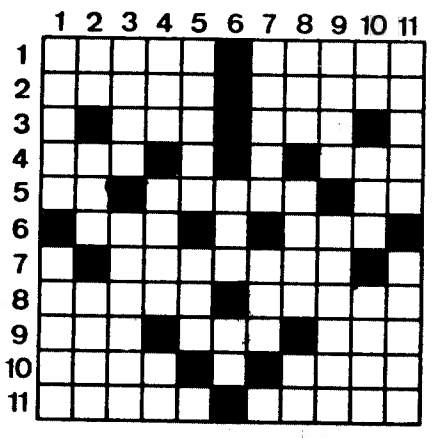


PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10406

HORIZONTAIS

1 Regular as doses de. Limpas com água.
2 Ave trepadora. Inundo
3 Recita. Sinal ortográfico.
4 Espaço de doze meses. Artigo definido. Preposição e artigo definido. (pl)
5 Estrépito de desmoronamento. Lamas. Falsa.
6 Cidade da Jugoslávia. Emprego.
7 Ilha do oceano Pacífico a 1200 quilómetros ao sul de Tóquio.
8 Detrás. Tosta.
9 Cidade de Espanha. Rezo. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!.
10 Nome de homem. Limpidez das pedras preciosas.
11 Tempo do verbo ser. Terramoto.



VERTICAIS

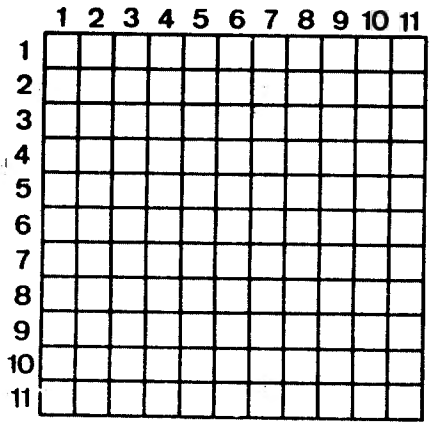
1 Por a data em. Pés de animais.
2 Sufixo que designa estado Despida. O essencial, o indespensavel.
3 Rio de Portugal. Proferiram.
4 Apelido. Rega. O sono das crianças
5 Justiça. Sufixo que designa abundância.
6 Quinhentos e nove em romano. Letra greca.
7 Liga de cobre e zinco Sufixo que designa pequenez.
8 Genro de Maomé. Supremo. Prefixo que designa afastamento.
9 Cova. O mesmo que pragana.
9 Cova. O mesmo que pragana.
10 Prata (s.q.) Princípio. Nome de homem.
11 Velhaca. Dança popular brasileira.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6562

Horizontais

1 Espécie de tecido (ant). Cidade da Suiça.
2 Negra. Elementos grego de composição de palavras que exprime a ideia de belo.
3 Nome de planeta. Donzela de Orleães. Mil e quatro em romano.
4 Copos. Sorte.
5 Ave trepadora. Habitas
6 Guarnecer de asas. Progenitores.
7 Ecoe. Governanta.
8 Tanto. Rio da Europa central que desagua no Dravo na Hungria.Preposição.
9 Idem. Pegas. Letra grega.
10 Disfarças (fig.) De parede.
11 Macaco americano. Rio de Portugal.



Verticais:

1 Pula. Espevita.
2 Tratara por tu. Nome de homem.
3 Mau resultado (fig). Item.
4 Em partes iguais. Jarro (planta). Animal doméstico.
5 Guarneceremos de asas.
6 Bromo. (s.q.). Freguesia de conselho de Oliveira de Azemeis.
7 Acamparam.
8 Antes de Cristo. Filtram. Um dos pontos cardeais.
9 O mesmo que ramagens. Troça.
10 Desenrugas. Estavam.
11 Gritos lamentosos dos cães. Torna constante.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10405

HORIZONTAIS:

1 Pamir. Vagir.
2 Caulino.
3 Ar. Si. Dá. Vã.
4 Tem. Agá. Ter.
5 Aias. Arua.
6 Tia. Uçá.
7 QUEM. Amor.
8 Uri. Sés. Ara.
9 Ia. Dá. El. Ag.
10 Dataras. O.
11 Acasalarias

VERTICAIS:

1 Prata. Quina.
2 REI. Ura.
3 MC. Matei. DA.
4 Ias. Sim Das.
5 Ruia. Salá.
6 Ga. Gé. Al.
7 VIDA. Será
8 Anã. Aca. Lar.
9 Gó. Trama. Si.
10 Véu. Ora.
11 Ruara. Regos.

PROVÉRBIO: Quem dá o rei, dá a vida.

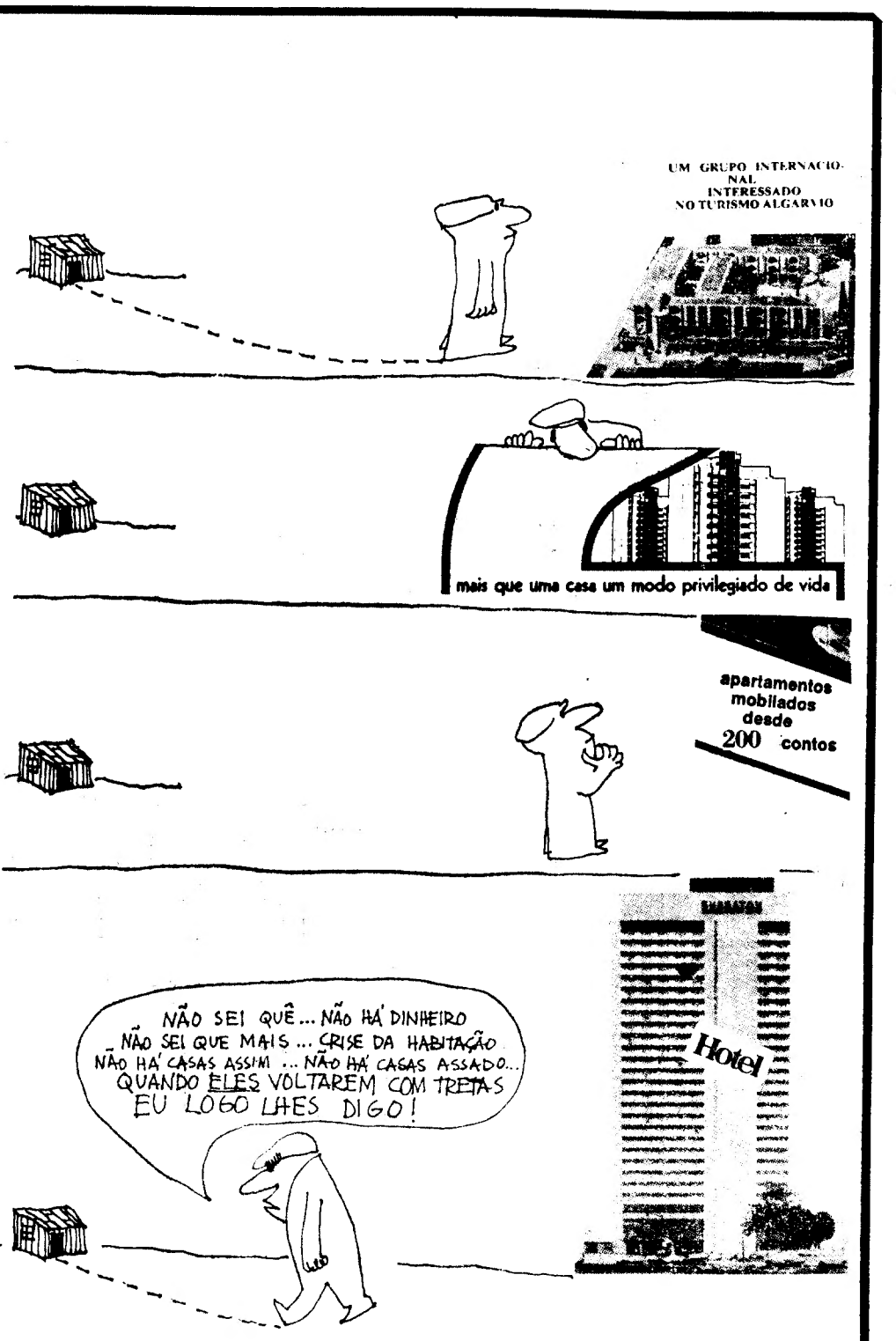
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6561

HORIZONTAIS

1 Bejar. Petén.
2 Arara. Alara.
3 Urras. Sacas.
4 Ado. Mad.
5 Usa. Mós. Saá.
6 Panos
7 Armes. Lesas.
8 Ios. Med.
9 Use. Ara. Aer
10 Acida. Burra.
11 Asca. Arais.

VERTICAIS

1 Bau. Una. Ua.
2 Erras. Risca.
3 Jarda. Moeis.
4 Arão. Pés. DC
5 Rãs. Mas. AAA.
6 Ion. Sr.
7 Pás. Sol. Aba.
8 Elam. Sem. Ur.
9 Taças. Seara.
10 Erada. Aderi.
11 Nas. Ais. Ras.



horóscopo

pelo astrologo HORUS

Continuação da pág. 24

SAÚDE: Saúde favorecida, não haverá grandes preocupações neste capítulo, a menos que surjam pequenas dores de cabeça sem consequências.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Começará com boa disposição e uma certa dose de optimismo, mas as vicissitudes do Destino podem causar-lhe desgostos e uma certa apreensão ao ter conhecimento de notícias que digam respeito à família. Uma sedução amorosa causar-lhe-à infelicidade.

DINHEIRO: As condições financeiras serão aflitivas, em parte motivado por contrariedades sofridas no campo sentimental que obrigarão a despesas extraordinárias. A semana é pobre em lucros ou proventos obtidos pelo seu esforço pessoal.

PROFISSÃO: Nas suas ocupações conduza-se com muita atenção e procure cumprir o melhor possível a sua obrigação. Não é um período para grandes coisas, no entanto, o que fizer deve ser bem ponderado e é conveniente não distrair a sua actividade em coisas de menor importância, pois haverá tendência a ocupar-se de problemas ingratos e de pouco interesse.

SAÚDE: Possíveis desgostos e contrariedades que alterarão o seu estado de saúde.

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 23 de Abril e dias seguintes, a partir das 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os, Srs. consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los, até ao dia 20 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas. Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa.

Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos.

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

11.00 Abertura e Eurovisão: Missa da Páscoa celebrada na Praça de S. Pedro, em Roma, por Sua Santidade o Papa Paulo VI, seguida da bênção «Urbi et Orbi»
12.20 Dia do Senhor
12.45 Auditório musical
13.35 Desenhos animados
13.45 Telejornal, 1.ª edição.
14.00 Hoje pode ver
14.15 Tarde de cinema «O Rapaz da bicicleta»
16.00 Directamente de... (uma reportagem do exterior
18.30 TV Infantil
19.30 Telejornal, 2.ª edição.
19.40 A Gruta das fadas
20.00 TV 7
21.00 As solteironas
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo desportivo
00.05 Telejornal, 4.ª edição
00.10 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e o Regresso de Lucy
21.00 Buenos Aires 8
21.30 Telejornal
22.00 Noite de cinema, «Melodia Fascinante» e fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
12.135 A família Partridge
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Eurovisão - Natação, Transmissão directa do Torneio Internacional de Londres
19.00 TV Educativa, Língua portuguesa
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 TV Juvenil, Vida Subaquática
20.00 Momento desportivo
20.30 Portugal além da Europa.
21.00 Os caminhos de Noële
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Columbo
23.30 Telejornal, 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e a Família Partridge
20.55 Vivendo o futuro
21.10 Desenhos animados
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Museu do cinema, «Devil's Circus» e fecho

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	12º
P. DOURADAS	3º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	13º
FARO	17º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira
Máxima 24,2º

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima 2,1º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,5º
Atmosfera	15,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.57 3,4 m	0.09 1,1 m
19.11 3,5 m	12.20 1,3 m
Dia 23	
7.38 3,2 m	0.51 1,3 m
19.55 3,4 m	13.03 1,5 m
Dia 24	
8.28 3,1 m	1.42 1,5 m
20.49 3,2 m	13.57 1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco, neclina matinal

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.50
OCASO ÀS 20.21

DIA 25 DIA 2 DIA 9 DIA 17

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	CRGE	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

PARTICIPAÇÃO

ENG.º JOSÉ MANUEL FACCO VIANNA BARRETO

O Conselho Fiscal da F. N. M. — Fábrica Nacional de Margarina, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Director Técnico.

Informa ainda que no dia 23 de Abril, às 19.30 horas, será rezada missa do 7.º dia, na Igreja dos Jerónimos.

PARTICIPAÇÃO

ENG.º JOSÉ MANUEL FACCO VIANNA BARRETO

O Conselho de Administração da F. N. M. — Fábrica Nacional de Margarina, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Director Técnico.

Informa ainda que no dia 23 de Abril, às 19.30 horas, será rezada missa do 7.º dia, na Igreja dos Jerónimos.

Leia às segundas-feiras
Edição de todos os desportos
motor

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

15.30 Tarde Desportiva — Futebol: Relatos e informações dos jogos da 26.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. — Actualidade Desportiva.
18.30 Música sem palavras
19.10 Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros.
20.00 Diário Sonoro.
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio Desporto.
21.30 Passatempo Musical.
22.00 Teatro das Comédias: «As Judias», de Robert Garnier, numa tradução e adaptação de Leopoldo de Araújo.
22.30 Música Portuguesa.
23.05 Sol e toiros.
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia.
00.30 Diário Sonoro.
02.00 Fecho.

PROGRAMA EM MF 1 de LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa.

2.º Programa

16.00 Onda Musical
18.30 Conserto de de Domingo — Intercâmbio Musical: 4.º Festival Internacional de Orquestras Juvenis, gravação cedidas pela Radiodifusão Suiça, Lausana:
19.20 Música de Câmara:
20.00 Diário Sonoro.
20.20 Concerto em Dó maior, de Durante, pelo Conjunto Instrumental «Collegium Aureum», dir. por Rolf Reinhardt.
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais.
21.00 Recital de Piano por Emanuel AX. Duas Sonatas:
21.30 Que quer ouvir?, programa coordenado por Margarida Brandão:
23.00 Emissão em Línguas estrangeiras.
01.15 Fecho.

EMISSÃO EM — MF 2

15.30 Música de Câmara:
16.00 Música Sinfónica:
16.30 Selecção da Ópera «La Cenerêntola», de Rossini.
17.35 Fantasia Escocesa OP. 46, de Max Bruch, pela Orquestra Filármonica de Londres, dr. por Sir Adrian Boult.
18.00 A Caixa dos brinquedos, de Debussy, pelo pianista Noel Lee.
18.30 Junção com o 2.º Programa.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

15.55 Tarde Desportiva.
18.00 Chave do Totobola.
18.02 Projecção.
18.33 Meia Hora depois.
19.03 Fórmula 1.
19.30 Vedetas e canções.
20.00/21.00 «Rádio 73».
20.15 Comentador Desportivo.
20.30 De sete em sete dias.
20.45 A Estrela da Noite.
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0».
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens Bíblicas.
23.19 Canções ao acaso.
23.30 PBX.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

Modulação de Frequência

16.00 Pêndulo.
18.00 Chave do totobola.
18.02 O Nosso Programa.
19.04 Vértice.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa à Gô-Gô.
00.02 Em orbita-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

Rádio Renancença

15.05 Camarada.
15.30 Onda desportiva.
18.05 Automobilismo.
18.30 Terço e missa.
20.05 Zona verde, espaço ocupado pela família.
20.35 Intervalo.
20.55 Meditando.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Programa dos sócios.
23.05 A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular
Das 06.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00
Clube Radiofónico de Portugal
Das 08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30
Rádio Graça
Das 12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00
Rádio Voz de Lisboa
Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-2
__ Até às 22 horas __

ALFAMA
Nacional R. São João da Praça, 28 Tle. 863632
ALTO DE S.JOÃO
Carrondo Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
ALVALADE
Cartaxo Av. da Igreja, 21-C (Tele. 776358)
Nova Lisboa R. Guilherme Suggia, 12 (Tele. 727721)
AREEIRO
João XXI Av. João XXI 16-A (Tele. 726462)
ARROIOS
Nunes Rua Ângela Pinto, 32 (Tele. 497556)
BAIXA
Barral R. Augusta, 225 (Tele. 361534-5)
BELÉM
Ramisio Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele. 631699)
BENFICA
Lisboa Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
BOA HORA
Sepol Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 681958)
CAMPOLIDE
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel. 680627)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele. 688857)
CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele. 780181)
ESTEFÂNIA
Estefânia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele. 44438)
GRAÇA
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele. 862333)
LAPA
Carrasco R. Presidente Arriaga, 39 (Tele. 667480)
LUMIAR
São Tomé Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele. 780704)
MADRAGOA
Nunes Simões Rua do Quelhas, 1 (Tele. 661275)
OLIVAIS
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele. 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 72835-720703)
RATO
Janeiro Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele. 661453)
REGO
Universitária Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele. 778953)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais Av. Luís bivar (Tele. 44324)

TURNO E-1
__ Toda a noite __

AJUDA
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)
ALCÂNTARA
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele. 631635)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele. 843381)
ARCO DO CEGO
Palma Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele. 47088)
ALVALADE
Brisalia Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele. 722358)
Aviz Av. de Roma 56-B (Tele. 715370)
AREEIRO
Galeno Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele. 774920)
ARROIOS
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas Av. da República, 27-A (Tele. 533688)
BAIRRO ALTO
Virtas Rua da Misericórdia, 135 (Tele. 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele. 311216)
BENFICA
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele. 780627)
CAMPOLIDE
Gomes Rua Rodrigo da fonseca, 101-A (Tele. 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667)
GRAÇA
Rosas e Viegas Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 864351)
LUMIAR
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele. 790942)
SANTA CATARINA
Modelar Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tele. 678896)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels. 768343-764629)
XABREGAS
Salter Rua de Zabregas 63-65 (Tele. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
OEIRAS
Alcantara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro-Lote 10 (Tel. 2430691)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)
S. JOÃO DO ESTORIL
s. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caxias (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); Helénica, R. Alias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge, R. Pedro Del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
André, R. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Central, Av. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137) **ALHOS VEDROS**
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMEIDA
Macedo Henriques, R. Bernarso Francisco da Costa, Lote 1 (Tel. 271291)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro 62 (Tel. 270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760); Brasil, P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 519tel. 2218580)

PORTO

6.º TURNO

SUB-TURNO A

Correia de Araujo, R. de Santa Catarina, 259. Nova Avenida, Av. F. de Magalhães, 692. Pinheiro Manso, R. S. João de Brito, 25-29. Santa Teresa, P. Guilh. G. Fernandes, 100. Silva Pereira, Rua Costa Cabral, 293

SUB-TURNO B

Alves P. Exército Libertador, 62. Barros, R. do Loureiro, 104. Boa Hora, R. da Boa Hora, 60. Carneira, R. do Heroísmo. Confiança, , R. de Santa Catarina, 960

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); Miranda, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); Batista, Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
12.ª Semana
Technicolor. Barba Streisend e Ryan' O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»
Rua Castilho __ Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
4.ª Semana (Grupo D - 18 anos
Eastmancolor «O CASO VALACHI»
Charles Bronson - Lino Ventura
Realização de Terence Young.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 2.ª semana
Um filme de António Pedro Vasconcelos «PERDIDO POR CEM...» com José Cunha. Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins.

APOLO (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
2.ª Semana! Grupo B - 10 anos)
Technicolor - Jerry Lewis «O HOMEM DAS MULHERES»
Hoje às 24.00 - Meia Noite Fantástica (Grupo D - 18 anos) «O ULTIMO HOMEM DA TERRA» Com Charlton Heston. Amanhã às 11.00 Manhã infantil (Grupo A - 6 anos) «TINTIN E O TEMPLO DO SOL» de Hergé

MUNDIAL (Telef. 538743)
18,30 e 21.45
(M. 18 anos). Michael Reardon, Isa Miranda e Barbara Bouchet num insólito e empolgante espectáculo! «NOVA YORQUE CLANDESTINA». Um filme em Technicolor de Pietro Zuffi. (Metro: Estação Picoas).

AVIZ (Telef. 47163)
15,30, 18.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo B (10 anos). «CONTINUARAM A CHAMAR-ME RINITÁ. Terence Hill e Bud Spencer.

RESTELO (Tel. 610375)
15.00 e 21.30
(Grupo B - 10 anos)
A grande aventura do Homem desde a sua origem «A BIBLIA»

CINEMA LONDRES (Telef. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
4.ª Semana. Grupo D 18 anos. Colorido. As seduções libertinas e o amor conjugal o filme de Eric Rohmer «AMOR ÀS 3 DA TARDE». (Snack-bar, Pub Flag. O melhor encontro gastronómico.

EUROPA (Telef. 661016)
15.15, 21.30
(Grupo D 18 anos)
4.ª Semana. Um filme de Joseph Losey. «O ASSASSINATO DE TROTSKY» c/ Richard Burton, Romy Shcneider e Alain Delon. Tecnhicolor. Tardes infantis. Grupo A 6 anos. Hoje às 18.15 um filme eterno para todos as idades. A obra prima de Charlot «O CIRCO»

IMPÉRIO (Telef. 555134/5)
15.15, 18.30 e 21.30
2.ª Semana. Grupo B - 10 anos. William Holden, Alec Guinness em «A PONTE DO RIO KWAI». Um filme de David Lean. Technicolor. Cinemascope. (Metro: Alameda).

ESTÚDIO (Telef. 5551345)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Color - Um filme de Jan Kadar «MULHER À DERIVA» Com Rade Marcovic e Milena Bravic
(Metropolitano: Alameda)

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C-14 anos)-5.ª semana
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular como nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» Com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate

VOX (Telef. 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª Semana. Grupo D 18 anos. Eastmancolor. Um filme de Claude Chabrol. «A CASA DOS DESEJOS». Jean Paul Belmond, Mia Farrow.

ALVALADE (Telef. 717480)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo A 6 anos. «OS MALUCOS DO ESTÁDIO» c/ Les Charlots, Paul Preboist e Martine Kelly. Eastmancolor.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª Semana
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss «A GRANDE VALSA» Com Horst Bucholz, Mary Costa e Nigel Patrick - Panavision-Metrocolor

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
4.ª Semana. Cantinflas em «DOM QUIXOTE» (Cavalga de novo)

S. JORGE (Telef. 54151)
15.15, 18.15, e 21.30
Grupo D 18 anos. A sensacional comédia «PARIS MANICÓMIO DO AMOR». Com Marthe Keller.

CASINO
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo B 10 anos.
«A MANIA DAS GRANDEZAS»

IMPERIAL (Telef. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«A AVENTURA DO POSEIDON» em complemento «A RAINHA VIKING»
(Metropolitano: Arroios-P. Chile).
Às 18.30 Grupo A 6 anos.
«VIAGEM AO OUTRO LADO DO SOL»
(Metropolitano: Arroios. P. Chile).

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ». Terence Hiel e Bud Spencer.

POLITEAMA (Telef. 326303)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo B 10 anos. 3.ª Semana. Terence Hill e Bud Spencer. «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ». Pancadaria e explosões de alegria. Vale tudo. Atenção: Em todas as sessões as crianças recebem estrelas de «Sheriff da 1.ª casa das bandeiras da Rua dos Correridos, 19.

BERNA (Telef. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo C 14 anos. Technicolor. Paravision. A ultima palavra sobre o amor. «SEGUE-ME QUERIDO». Topol. Mia Farrow.

ROYAL (Telef. 865037)
15 e 21.00.
Gruc 14 anos. «AS GRANDES MANOBRAS», em complemento «O VINGADOR». Às 18.30 grupo A 6 anos. «FESTIVAL DE NOTAS».

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo A (6 anos)
Technicolor. Walt Disney apresenta «ALICE NO PAÍS DAS FADAS»

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C 14 anos. «A ALIANÇA». Anna Karina. Jean Claude Carriere.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a corista»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo da Páscoa»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, Nunca... somos britânicos»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e pra menina»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os Amigos»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (10 anos)
«A Bíblia»

JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«A Furia do Cangaceiro»

PARIS
21.00 (18 anos)
«A ESTREIA»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O Mecânico»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Joana d'Arc»

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«Os últimos corsários»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Tchaikovsky»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«O Grande amor»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 - 21.30 (10 anos)
«A Mania das grandezas»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Papisa Joana»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Zorro na corte de Inglaterra»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«As noites loucas do Dr. Jerryll

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Com jeito vai na Pândega»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«55 dias em Pequim»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O Califórnia»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (6 anos)
«Le Mans»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«X, Y e Z»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
22.00 (18 anos)
«O espertalhão»

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«A tomada do poder por Luís XIV»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Entre a Comuna e o crime»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Um príncipe nas lonas»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«Pedro, o pescador»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Dom Quixote cavalga de novo»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A grande valsa»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Liberdades femininas»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Eva»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Bandido Bem-Amado»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (14 anos)
O grande negócio»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«As noites loucas do Jerryll»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«O Bandido Bem-Amado»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Ao Pôr do Sol

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

HIPOPÓTAMO __ Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

SOLAR DA HERMÍNIA __ Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL __ Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264586, 264621 e 264946.**

NINA __ **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34659-365167.**

EL CIDE __ **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo». **Telef. 560536.**

CACO __ **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FANTASMA-Dancing Caveau __ com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA __ Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO __ Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO __ Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E - 4.º
TELEF. 654531/2 - 3 - 4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

AMÊNDOAS DE PÁSCOA

Para muita gente (ou só alguma gente?) não há Páscoa sem amendoas. E um costume, ou tradição, ou vício ou modo de intensificar o negócio. Seja o que for, na Páscoa comem-se efectivamente amêndoas, como no Natal bolo-rei.

Uma pessoa quer oferecer umas amêndoas a um miúdo, ou levar um pacotinho para casa, entra numa loja e pede. Tantas gramas.

Quanto custa?

Faz contas de cabeça e diz que não é preciso mais. Que assim está bem.

Mas nisto vem um gerente, ou empregado mais qualificado e diz que era melhor levar de outras (mais caras), porque são de melhor qualidade e têm mesmo amêndoas por dentro e tal.

Claro. Amêndoas mesmo com amendoas dentro são mais caras.

M. de A.

LISBOA DESPEJOU-SE

Inesperadamente, alguns milhares de lisboetas viram autorizados os seus pedidos de dispensa para a tarde de quinta-feira, vésperas de um «ponte» pascal que se prolongará pelo menos até ao fim da noite de domingo. Em consequência, o movimento de saidas pelas portagens de Lisboa, que estava previsto, verificou-se com um volume de saidas num total de 16 957 veículos pela autoestrada do Norte (10 131 dos quais se dirigiram depois para o sul, pela ponte de Vila Franca) e 15 753 rumaram directamente ao sul pela Ponte Salazar.

Ontem, até às 9 horas de manhã, tinham utilizado a autoestrada do Norte 6 290 veículos, 5 157 dos qua s para fora da capital. Entretanto, epla Ponte Salazar, das 0 às 11 horas de hoje tinham saído e entrado 9 417 automóveis, 2 930 dos quais entreram em Lisboa.

Em 1972, no mesmo período de férias pascais, de 30 de Março a 3 de Abril, saíram e entraram de Lisboa pelas duas portanges 246 490 veículos (135 378 pela Ponte Salazar e 111 122 pela autoestrada do Norte, seguindo depois para sul 41 710 destes automóveis).

O maior movimento de saídas pela ponte sobre o Tejo registou-se, o ano passado, na sexta-feira, di 31 de Março, com 15 323 automóveis e o de entradas pelo mesmo local veirificou-se no domingo de Páscoa com um total de 19 205 veículos. Domingo de Páscoa de 1972 registou-se também, aliás o maior movimento conjunto do período, com uma cifra de 33 728 veículos. Pelo Norte foi também na Sexta-Feira Santa que saíu a maioria dos lisboetas (16 662) tendo sido, no entanto, na segunda-feira seguinte que se registou o maior afluxo de regressos: 17 224. Também na seguda-feira se verificou o maior movimento de conjunto na portagem de Vila Franca, 24 352 automóveis e camionetes, No entanto, vindos do sul pela ponte Marechal Carmona saíram mais carros na sexta-feira, dia 31 (7 398) e entraram mais no domingo (5 655) registou-se a maior movimento de conjunto na sexta-feira,com um total de 9 659 veículos.

Só na passada sexta-feira o movimento financeiro na autoestrada no Norte foi de 139 contos. E, a propósito, registamos também que os funcionários desta portagem trabalham sete dias por semana, em horários de sete horas seguidas. A folga que lhes é dada, é de um intervalo entre os turnos, que prefaz 24 horas mas «não um dia completo», quando não é necessário o seu trabalho nesse período, trabalho que lhes é pago «a singelo». Um cobrador normal ganha 2 900 escudos e umfiscal 3 100. Fora os descontos. Aqui fica pois o seu protesto para quem se interesse.

Livros espanhois em montras lisboetas

O livro espanhol está em destaque, a partir de amanhã e durante uma semana, nas montras de algumas livrarias lisboetas. Razão: uma viagem de ida e volta, Lisboa-Madrid, com estadia de uma semana na capital espanhola, que o Instituto Nacional do Livro Espanhol proporciona ao livreiro lisboeta que durante a semana apresentar a melhor montra dedicada a livros espanhóis. Ou seja, o «Prémio Miguel Cervantes».

Mas as pequenas livrarias, que não possuem montra exterior, não ficaram excluídas do concurso. Com um pouco de imaginação e a sedução de uma viagem e um diploma, foi fácil preparar estantes interiores ou instalações similares, colocadas dentro das lojas que, para efeitos de competição, estão em pé de igualdade com as montras exteriores. De resto, não foi difícil arranjar elementos decorativos, além das capas e ilustrações dos próprios livros: a Embaixada de Espanha, preparada para a emergência, forneceu material a quem lhe solicitou e ainda dispõe de algum para os retardatórios.

Pelo que toca ao leitor, se estiver interessado em adquirir livros sobre literatura, arte, ciência, técnica, filosofia... de autores ou em edições do país vizinho tem, durante uma semana, maiores possibilidades de escolha, nas livrarias Portugal, Universitária, Quadrante, Luso-Espanhola, Torrens, Parceria A. M. Pereira, Centro do Livro Brasileiro, Guimarães Editores e Bloco Editorial de Distribuições.

PROTESTOS NA ÍNDIA

Mais de mil manifestantes concentraram-se em frente da embaixada americana em Nova Delhi protestando contra o fornecimento de armas ao Paquistão

DISCOS VOADORES

BUENOS AIRES, (ANI) — O enigma dos discos voadores ou mais próprimente dos chamados «ovnis» — **objectos voadores não identificados** — e os casos de contactos com seres extra-terrestres ocorridos na Argentina foram o tema de uma conferência de Imprensa convocada pela «Sociedade Investigadora de fenómenos Insólitos», com sede em Buenos Aires.

No decorrer da reunião foi citado o caso passado com aquilo Ramon Acosta em 17 de Novembro de 1969, quando se encontrava na sua casa de campo em Den Olavarria, próximo de Buenos Aires, Ramon Acosta viu a quinze metros de distância junto à vedação, vários seres estranhos que iluminavam a relva com uma espécie de lanterna. Embora só pudesse vê-los claramente da cintura para baixo, Ramon Acosta pode distinguir que as roupas eram brilhantes e transparentes. Um destes seres estranhos aproximou-se até cerca de oito metros da casa, levantou rapidamente do chão algo parecido com uma bengala e voou até junto dos seus companheiros que continuavam perto da vedação. Tudo isto durou cerca de uma hora, tempo durante o qual os caes se mantiveram quietos, como que adormecidos.

Logo foi recordado o que aconteceu a Amaro Lotcket, antigo polícia e conhecido agricultor da região de Laguna Blanca. Ao conduzir a camioneta naquela zona experimentou subitamente uma estranha sensação de frio e de medo.

Parando o veículo viu a dez metros de distância três estranhas criaturas que ocupavam um objecto poisado no alto de uma corpulenta árvore. Mediam uns oitenta centímetros, tinham cabelos ruivos e compridos e apenas um olho. Sem qualquer ruído, o «ovni» tomou altura e desapareceu no céu.

Posteriormente, a Polícia comprovou que as folhas da árvore onde esteve o aparelho estavam chamuscadas.

A propósito salientou-se que, em Julho de 11968, uma extensa área próxima da localidade de Tapalquen, nos arredores de Olavarria foi iluminada por uma luz intensa acompanhada de forte ruído.

A comissão policial enviada ao local viu aterrar um objecto oval, achatado que emitia radiações multi-cores. A seu lado surgiram pouco depois três seres de aspecto humano, de altura superior a dois metros, que vestiam fatos prateados. Começaram a andar com passos lentos denotando insegurança. Dois dos polícias para os obrigar a parar, dispararam uma rajada de metralhadora.

Então, aqueles seres, levantaram as mãos mostrando uma pequena bola luminosa e os polícias experimentaram de imediato uma sensação de inacção que os impediu de usar as armas. Feito isto, os misteriosos visitantes regressaram à sua nave, a qual se afastou a grande velocidade.

Vários anos antes em Julho de 1958, o camionista Romo Dall, Armelina viu sobre a estrada nos arredores de Boca del Tigre, (Santa Fé) um grande clarão. Ao aproximar-se reparou que a rodovia estava bloqueada por um indivíduo de três metros de altura, com grandes braços, vestido da cabeça aos pés com uma série de placas metálicas de grande luminosidade.

Como lhe parecesse que o gigante fazia sinais Dall, Armellina travou e desceu do camião empunhando uma barra de ferro. Todavia a luz aumentou de intensidade e não pode avançar mais. Sentiu-se entontecido e caiu inanimado no pavimento. Quando voltou a si, nada se via, nas redondezas a não ser o seu camião.

Em 4 de Dezembro de 1954, nos subúrbios de Coronel Pringles, na província de Buenos Aires, o empregado de comércio Enrique Aguirre Zavala observou um disco muito luminoso que desceu até cerca de meio metro do solo, ficando suspenso. No meio do disco, movia-se uma estranha figura que parecia um anão com uma enorme cabeça. O «ovni» elevou-se nos ares pouco depois, no meio de um intenso clarão.

Por ultimo, salientou-se na conferência de Imprensa que na madrugada de 20 de Setembro de 11954 o engenheiro Federico Atencio e outro homem de apelido Garcia seguiam de automóvel na estrada que liga Ruta Monte a Brandsen, também na província de Buenos Aires, quando viram um objecto luminoso de diametro semelhante ao da lua-cheia, descer por detrás de um eucaliptal. De repente, muito perto deles surgiram duas figuras quase humanas, com cerca de um metro de altura, vestidas de branco e com botas prateadas. Ao notarem a presença dos dois homens, as duas criaturas regressaram apressadamente à sua nave, que descolou em fracções de segundo.

ESCÂNDALO FINANCEIRO NO VIETNAME DO SUL

SAIGÃO, 21 — (FP) — Acaba de rebentar em Saigão um grande escândalo financeiro com o encerramento, ontem, de um dos maiores bancos da Praça sul-vietnamita soube-se de fonte oficial.

Um comunicado lido na rádio revela que o Ministério das Finanças, mediante proposta do Banco Nacional, retirou ao Banco Tin Nghia a autorização para funcionar e confiou ao Banco Nacional a gerência dos bens desse estabelecimento, «a fim de preservar os capitais que aí estão depositados».

«O Banco Nacional» — declara ainda o comunicado — «garante todos os depósitos legalmente efectuados e reembolsará todos os depositantes a partir de 30 de Abril em curso».

Segundo o mesmo Comunicado, o Banco Nacional, no decorrer de uma fiscalização a contabilidade do Tin Nghia, apercebeu-se de que Nguyen Tan Doi, director-geral desse estabelecimento, tinha utilizado os fundos em depósito para fins pessoais, desrespeitando as leis e regulamentos aplicados aos bancos». Ainda segundo a mesma fonte, o Banco Nacional pôs uma acção em juizo.

Ignora-se o montante dos fundos desviados, mas, segundo fonte informada, trata-se de uma soma «muito importante».

Ontem, o tribunal ordenou que fossem seladas todas as sucursais do Banco Tin Nghia, que estão ainda guardadas pela polícia. A mesma fonte afirma que esse escândalo» nada tem a ver com a política», embora Tan Doi contrôle dois jornais diários pró-governamentais.

O director-geral do Tin Nghia é um homem que se fez a si próprio, um «self made man» como se diz nos Estados Unidos. Vindo em 1945 dos confins da província de Lungxuyen (hoje, An-Giang), Doi era um operário sem emprego fixo e foi fabricante de blocos de cimento antes de se lançar na alta finança. Em 1971, elegeram-no deputado, mercê do poderoso apoio financeiro do seu banco.

Apesar de processado e inculpado por desvio de fundos, Nguyen Tan Doi não foi preso — indicou um porta-voz governamental. Como é deputado, beneficia da imunidade parlamentar.

O Banco Tin Nghia de que é o presidente — director-geral, é o maior estabelecimento bancário privado do Vietname do Sul e conta 15 sucursais.

Nguyen Tan Doi é um dos homens mais ricos do Vietname do Sul. Além daquele banco, possui numerosos interesses noutros campos de actividade — acrescentou o porta-voz do Governo.

INCIDENTE SINO-CHECO

PRAGA, 22 — (FP) — O novo correspondente da agência Nova China em Praga (chegou há pouco mais de um mês, depois de dez anos sem haver delegação da agência na Checoslováquia) foi ontem violentamente atacado pelo «Rude Pravo», orgão do Partido Comunista Checoslovaco, a propósito de um artigo seu sobre as relações económicas entre Praga e Moscovo. «No conhecido estilo das campanhas anticomunistas», o artigo do correspondente chinês vem no «Diário do Povo», órgão do PCC, de 4 do corrente.

«De forma caluniosa e com um primitivismo chocante — escreve «Rude Bravo» — o correspondente da agência Nova China procura, sem dúvida, oferecer ao leitor chinês um alívio reconfortante, apresentando-lhe um quadro da má situação económica que reina na Checoslováquia por oposição à situação excelente da China devida ao facto de a direcção maoista ter travado enérgicamente as relações económicas sino-soviéticas».

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp 11 Telef. 563401 Lisboa
das pirâmides a baalbeck
Partidas em 31 de Agosto e 14 de Setembro
10 dias de viagem
avião • hotéis de 1.ª classe quartos com banho meia pensão em hotéis visitas e excursões • transfers
11.150$00
Inscrições imediatas pelos nossos telefs. 56 34 01
Uma organização Exito

LIVROS ESPANHÓIS
10 000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS
★
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A